

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

JOÃO PAULO COSTA FRANCO MUNIZ

**A RAMA LEGIONIRÊ: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO
PARENTESCO RELIGIOSO E DA FAMÍLIA SIMBÓLICA EM UM
TERREIRO ALAGOANO**

Maceió/AL
2023

JOÃO PAULO COSTA FRANCO MUNIZ

**A RAMA LEGIONIRÊ: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO
PARENTESCO RELIGIOSO E DA FAMÍLIA SIMBÓLICA EM UM
TERREIRO ALAGOANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Oliveira Rodrigues
Coorientadora: Profa. Dra. Larissa Yelena
Carvalho Fontes

Maceió/AL
2023

Catlogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M966m Muniz, João Paulo Costa Franco.
 A rama Legionirê : uma análise antropológica do parentesco religioso e da família simbólica em um terreiro alagoano / João Paulo Costa Franco Muniz. - 2023. [125]f. : il. color.

Orientador: Rafael de Oliveira Rodrigues.
Co-orientadora: Larissa Yelena Carvalho Fontes.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 91-93.
Apêndices: f. 94-[125].

1. Cultos afro-brasileiros - Alagoas. 2. Territorialização. 3. Raiz e rama religiosa. 4. Ilê Axé Legionirê. 4. Alagoas - História - Quebra de Xangô. I. Título.

CDU: 39:299.6(813.5)

AGRADECIMENTOS

O grande impulso para a construção desse trabalho veio dos meus orixás, dos meus agentes não humanos, a quem deposito minha fé incondicionalmente. Veio, também, do clamor por liberdade e respeito que o povo de santo de Alagoas, diante da violência político-social vivida no período do Quebra de Xangô, tem gritado às diversas instâncias do Estado.

A *Exú Lonãn*, senhor dos meus caminhos, orixá que me acompanha em todos os momentos da minha vida, orixá da minha intuição, por ter me direcionado aos caminhos que me contemplaram até aqui. A *Xangô*, orixá da justiça, a quem sempre dediquei cada escrita minha, entendendo a responsabilidade que eu, pesquisador preto, que venho de dentro da religião, tenho em escrever sobre o meu povo.

Agradeço, com um carinho especial, à Profa. Dra. Cirlene Jeane Santos e Santos, que me introduziu no universo da pesquisa, acolhendo meus interesses nos estudos acadêmicos ainda na graduação, quando eu, perdido nos corredores do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas (IGDEMA/UFAL), recebi portas fechadas para o meu trabalho, com a justificativa de que não seria possível estudar terreiros de candomblé no curso de Geografia. Foi a Profa. Dra. Cirlene Jeane Santos e Santos que abriu as portas do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da UFAL (NUAGRÁRIO/UFAL) para absorver minha proposta e encontrou em minhas escritas algo inédito. Foi como orientando de Cirlene que me tornei o primeiro aluno do IGDEMA/UFAL a apresentar um trabalho de conclusão de curso que estudava terreiros de candomblé. Também foi Cirlene quem me apresentou a Antropologia como a ciência que contemplaria com maestria minhas escritas e meus interesses de pesquisa. Sou um eterno admirador e grato pela grande inspiração acadêmica que tive dela.

Ao Ilê Axé Legionirê, na pessoa de Pai Manoel do Xoroquê e de todos os filhos-de-santo do axé, que se disponibilizaram a ajudar nessa pesquisa. O Ilê Axé Legionirê, minha primeira casa, o útero em que fui parido na religião, que me fez um filho de *Oxóssi* com *Iemanjá* e que, além de abraçar minha espiritualidade, abriu um universo de possibilidades nos meus estudos antropológicos.

À Mãe Angela de *Oxum*, minha mãe-de-santo, pessoa que confiei minha espiritualidade desde o ano de 2012 e acredito que até o fim de minha vida, pelo acolhimento, carinho, amor, dedicação ao meu sagrado e por nunca soltar a minha mão nos momentos difíceis.

Aos meus familiares, aos meus pais por sempre acreditarem em minha capacidade. Aos parentes que duvidarem de meu potencial, me impulsionando a chegar cada vez mais distante,

sendo eles combustíveis para minha chegada até aqui e, orgulhosamente, ser o primeiro membro da família a carregar o título de mestre.

Ao meu marido, Eslen Toledo, por me acompanhar em cada etapa dessa jornada acadêmica, ouvindo minhas frustrações e lidando com os desafios até aqui vividos, sendo a pessoa que mais acredita em meu potencial.

A minha joia rara, meu filho João Guilherme, a quem dedico todos os meus esforços para que, um dia, eu possa lhe impulsionar como inspiração.

À orientação desse trabalho pela disponibilidade, aos professores orientadores dessa pesquisa, Profa. Dra. Isabel Santana de Rose, enquanto estive à frente dessa orientação, ao Prof. Dr. Rafael Rodrigues de Oliveira pela disponibilidade em acolher minha pesquisa junto ao programa e me direcionar à etapa final.

À coorientação desse trabalho, com todo carinho que eu poderia ter, à Profa. Dra. Larissa Fontes, a figura que os orixás colocaram em minha trajetória acadêmica, que segurou minha mão no momento em que me vi sem direção e me direcionou ao caminho que hoje concretizo. Larissa que eu tive a honra de acompanhar como religioso suas construções acadêmicas no Ilê Axé Legionirê, uma das grandes pesquisadoras do afro-alagoano, minha grande inspiração. Eterna gratidão!

Ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFAL (PPGAS/UFAL), ao corpo docente, ao administrativo, a todos os envolvidos com minha formação.

À Profa. Dra. Nanci Helena Rebouças Franco, por ter me acolhido no Grupo de Estudos Educação e Relações Étnico-Raciais da UFAL (ERER/UFAL) no ano de 2010, despertando em mim o interesse pelo estudo de terreiros. À Profa. Ma. Mônica Carvalho de Almeida, minha irmã-de-santo, por todo apoio e incentivo.

A todos os meus amigos e pessoas que me ajudaram direta e indiretamente para a concretização dessa pesquisa. Dedico toda essa construção ao povo de santo alagoano.

RESUMO

Tanto a memória quanto os processos de territorialização das religiões afro-alagoanas são, até hoje, marcados pelas profundas repercussões do episódio do *Quebra de Xangô* de 1912. Nesse cenário, o terreiro de candomblé Ilê Axé Legionirê vem realizando nas últimas décadas um movimento de expansão territorial e numérica. Este terreiro foi inaugurado na década de 1980, e em 1996 se fixou no Benedito Bentes, bairro situado na periferia da parte alta de Maceió. Desde então o Legionirê vem se expandindo por meio das casas descendentes do terreiro “raiz”, que atualmente são cerca de 28, constituindo uma ideia de “*rama religiosa*”. Tendo isso em vista, este trabalho pretende discutir as dinâmicas de territorialização desses terreiros descendentes e seus processos ritualísticos, pensar na construção e reconstrução da memória desses grupos, e discutir as noções de “raiz” e “rama” no contexto das religiões afro-alagoanas.

Palavras-chaves: religiões afro-alagoanas; territorialização; raiz e rama religiosa; Ilê Axé Legionirê; *Quebra de Xangô*.

ABSTRACT

Both the memory and the territorialization processes of Afro-Alagoas religions are still marked by the profound repercussions of the 1912 *Quebra de Xangô* episode. This *terreiro* (house of worship) was inaugurated in the 1980s and in 1996 it was established in Benedito Bentes, a neighborhood located on the outskirts of the upper part of Maceió. Since then, the Legionirê has been expanding through new houses descendants of the “root” *terreiro*, which currently number is about 28, constituting an idea of a “religious branch”. With this in mind, this work intends to discuss the territorialization dynamics of these descent *terreiros*, their ritualistic processes, to think about the construction and reconstruction of these groups memory, and to discuss notions like "root" and "rama" in the religious context.

Keywords: Afro-Alagoas religions; territorialization; religious root and branch; Ilê Axé Legionirê; *Quebra de Xangô*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DNA	Àcido Desoxirribonucleico
ERER	Grupo Educação e Relações Étnico-Raciais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero
ONG	Organização não governamental
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PANORAMA HISTÓRICO DO XANGÔ ALAGOANO E SUA DINÂMICA NO PERÍODO PÓS-QUEBRA	22
1.1 Reverberações do Quebra de Xangô visto “do lado de dentro”, percepções do povo de santo em nossos tempos.....	23
1.2 Situando o meu campo: minha chegada ao Ilê Axé Legionirê.....	25
1.3 Meu primeiro jogo de búzios	31
1.4 A festa de <i>Exú</i> do terreiro.....	33
1.5 Surge <i>Kojàinlê</i> : minha iniciação	35
1.6 Minha inserção no meu campo como pesquisador.....	37
2. AS RAÍZES QUE DÃO BONS FRUTOS: DA RAÍZ LEGIONIRÊ AO SURGIMENTO DA PRIMEIRA RAMA.....	39
2.1 Manoel do Xoroquê.....	39
2.2 Eram vários terreiros dentro de um só.....	41
2.3 O surgimento da primeira rama: Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerum raízes Legionirê	47
3. PARENTESCO RELIGIOSO E A FAMÍLIA-DE-SANTO NA RAMA LEGIONIRÊ	50
3.1 Incursões teóricas.....	
3.2 Antes da rama / A origem da rama/ Por que o Legionirê é a origem da rama? Rupturas e rompimentos familiares/ A origem da rama e uma árvore genealógica cheia de rupturas.....	50
3.3 [Terreiros-filhos] Terreiros que são descendentes diretos do Ilê Axé Legionirê	55
3.4 [Terreiros-netos] Terreiros de filhos do Legionirê	61
3.5 [Terreiros Padrinhos e afilhados] Terreiros de pai-pequenos, mãe-pequenas, padrinhos, madrinhas e afilhados	64
3.6 [Terreiros herdados] Terreiros passados	66
4 A ROMARIA EM BUSCA DO CHÃO DE MÃE OXUM.....	68
4.1 Uma mãe sem filhos.....	71
4.1.2 Fazendo a vontade de <i>Oxum</i>	72
4.1.3 A saída do Ilê Axé Legionirê	74

4.2 Era um terreiro de mina redonda.....	77
4.2.1 O dia da obrigação inaugural do terreiro	78
4.2.2 O encanto se inicia com o canto.....	80
4.2.3 O dia da festa.....	83
4.2.4 A Continuidade ao modo Casa de <i>Oxum</i>	85
4.2.5 A sucessão surge de uma rama.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE.....	94

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com as tradições do xangô alagoano foi através da pesquisa. Por essa razão, costumo dizer que foi a academia que me levou a um terreiro de candomblé¹. Na época da graduação em Geografia, fiz parte do Grupo Educação e Relações Étnico-Raciais (ERER), grupo de estudos do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Leigo e sem entender completamente as pautas em que eu me envolvia, fui recebido no grupo em uma confraternização, um almoço com comida de terreiro. Foi a coordenadora do grupo, a baiana Profa. Dra. Nanci Franco, seguindo fortes tradições de terreiro, que trouxe a culinária do povo de santo² para o grupo.

Minha trajetória no ERER me direcionou ao que seria mais adiante meu objeto de pesquisa. Em meio às discussões conheci o Quebra de Xangô, episódio importante na história do povo de santo alagoano, que me fez absorver a história da resistência desse povo, povo da terra de Zumbi, que lutou durante anos por liberdade de culto e por sobrevivência ao racismo religioso instituído no estado. A partir desse momento eu era um projeto de geógrafo, metido em várias pautas educacionais e perdido no universo das religiões afro-alagoanas.

Em junho de 2012 fui, enfim, levado por amigos a um terreiro de candomblé pela primeira vez, o Ilê Axé Legionirê, Casa de Xoroquê, liderado por Pai Manoel do Xoroquê – figura principal de meu trabalho. O terreiro funciona no bairro Benedito Bentes, maior bairro de Maceió, situado na periferia da parte alta da cidade. Na ocasião, o terreiro estava em festividade ao *Obará*³, era mês do orixá *Xangô* e tradicionalmente, às 18:00h do dia 06 do mês de junho era realizado esse ritual sagrado no Ilê Axé Legionirê. Esse ritual é tradicionalmente reservado aos filhos-de-santo do terreiro, eu, conseqüentemente, não deveria estar lá, mas como fui convidado por uma filha-de-santo, tive minha participação negociada com a hierarquia da casa.

A partir da minha chegada ao terreiro de Manoel do Xoroquê descobri o que eu definitivamente pesquisaria. A diversidade de cores, as funções⁴ que cada filho desenvolvia no ritual, as oferendas depositadas no chão, o ritual como um todo, tudo me encantava. Chamou-me muita atenção a fachada do terreiro, um muro residencial simples, sem identificação de que

¹ Também conhecido como barracão, roça, egbé, casa de santo trata-se de um templo religioso onde são realizados rituais privados e públicos em culto aos orixás nas religiões afro-brasileiras.

² Toda a comunidade religiosa afro-brasileira, filhos-de-santo iniciados na religião e vivem as tradições do terreiro. No corpo do trabalho utilizarei esse termo.

³ Festividade em homenagem ao orixá Xangô, fundamentado no *Odú* (caminhos) chamado *Obará meji*, caminhos de riqueza, mesa farta. A oferenda é feita em busca de prosperidade, dinheiro e fartura. Xangô é o orixá da justiça muito conhecido nos cultos afro como deus do fogo, dos trovões.

⁴ Atividades destinadas e exercidas por cada filho-de-santo do terreiro de acordo com a hierarquia existente.

ali funcionava um templo religioso - passei a associar essas características ao Quebra de Xangô e suas consequências. Até aí, minhas vivências como pesquisador eram limitadas às festas públicas e comecei a sentir necessidade de conhecer o que era proibido ao “povo de fora”, os não iniciados, pois eu era apenas um simpatizante, um visitante. Ainda no ano de 2012 me tornei filho da casa, (minha iniciação será tratada mais profundamente adiante), tendo a partir de então acesso aos supostos segredos ritualísticos do terreiro.

Nesse período eu estava no último ano de graduação e precisava pensar em um tema para meu trabalho de conclusão de curso. Decidi que o candomblé seria meu objeto de estudo e passei a buscar caminhos para associar a Geografia aos terreiros de Maceió. Eu estava encantado pelo ritual, porém precisava focar no processo de territorialização dos terreiros em Maceió, afinal meu trabalho era mais espacial que antropológico. Só me restaram frustrações. Eu amava os segredos, as relações que os religiosos mantinham entre si, as práticas litúrgicas realizadas, a magia de alguns filhos que adormeciam para o transe, o ritual. Eu amava o sagrado da religião, mas me contentei momentaneamente com o território religioso e suas relações políticas.

O Ilê Axé Legionirê foi o primeiro terreiro de candomblé que conheci e onde me iniciei. Comecei a frequentá-lo em 2012, e em 2014 passei pelo ritual de iniciação, me tornando um *ogã pejigã* do terreiro⁵. Fui iniciado na religião para o orixá *Oxóssi*⁶, num ritual realizado por Manoel do Xoroquê e por sua filha-de-santo, Mãe Ângela de *Oxum*, minha sacerdotisa. Recebi um nome religioso e passei a ser chamado de *Kojàinlê*⁷. Minha trajetória na casa me permitiu acompanhar diversos rituais de iniciação, conhecer diversas práticas ritualísticas consideradas sagradas para a tradição do terreiro e me fez conhecer um universo de formas de cultuar os orixás divinizados no Brasil.

A minha chegada ao Ilê Axé Legionirê foi em um período de abertura das portas do terreiro para o universo acadêmico. Como membro religioso da casa, presenciei a passagem de diversos pesquisadores, intelectuais como Larissa Fontes (2012, 2015a, 2015b, 2017, 2019,

⁵ Um dos cargos de homens que não incorporam os orixás na religião, os *ogãs*. O *pejigã* é o primeiro *ogã* na hierarquia, responsável por zelar do *pejí* (altares rituais situados em quartos construídos para este fim). O primeiro passo na inserção de um terreiro é passar pelo posto de *abiã*, o *abiã* é o recém-chegado na casa, que passou por algumas limpezas espirituais, sabe seu orixá, pode vivenciar a incorporação, mas que está em processo preparatório para se iniciar. Tanto os filhos que experienciam a incorporação, como os que não experienciam (os chamados rodantes e não rodantes), foram *abiãs* um dia.

⁶ Os orixás são divindades cultuadas no Brasil por tradições trazidas da África no período colonial, também chamados de “santo” como herança do sincretismo católico. Usarei no decorrer do texto o termo “santo” para me referir aos orixás. São guardiões de elementos da natureza. *Oxóssi* é orixá da fartura, domínio das matas, das florestas.

⁷Também conhecido como *digina*, o nome religioso é trazido pelo orixá de cada filho, ainda no período da iniciação, é uma tradição dos candomblés.

2021, 2022, 2023), Mônica Carvalho de Almeida (2017), exemplos dos que beberam da água do conhecimento das dimensões do terreiro. Larissa Fontes⁸, coorientadora dessa pesquisa, que será citada em alguns momentos nesse trabalho, desenvolveu uma fotoetnografia de um ritual de iniciação, o que fundamentou sua dissertação de mestrado sobre o segredo ritual.

Com minha iniciação, passei a ter um compromisso maior com o que poderia ser documentado da casa, o que poderia, ou não, ser escrito sobre as tradições. Passei a zelar pelos segredos da religião, segredo esse que, segundo Fontes (2015, 2023), é negociável, mas muito presente no universo religioso do xangô alagoano. A necessidade de preservar os segredos rituais de certa forma limitou minhas construções acadêmicas.

São vivas as lembranças das minhas primeiras consultas espirituais com Mãe Angela, também interlocutora dessa pesquisa. Em uma das ocasiões, ela *jogava búzios*⁹ para consultar meu orixá, *Oxóssi*. Faltava energia no momento, ela utilizou luz de vela. No quartinho de consulta, apenas nós dois ao redor de uma pequena mesa, ela chacoalhava os búzios nas mãos em formato de concha e entoava a saudação dos orixás. Após a queda dos búzios, ela olhou profundamente em meus olhos e me fez a seguinte pergunta: “meu filho, você quer religião ou um laboratório de estudos?”. Trêmulo, pois não conseguia viver aquilo tudo sem sentir a necessidade de documentar e de registrar, respondi: “religião!”. E comprei um dos maiores desafios de uma vida acadêmica atrelada à religiosa: o compromisso de filtrar o que iria escrever.

O candomblé, segundo Rabelo (2020), é uma religião de caráter iniciático em que são cultuadas divindades presentes de diversas formas na vida de um terreiro, seja “baixando” nos corpos de alguns adeptos durante festas e cerimônias ritualísticas, seja para expressar suas vontades através do jogo de búzios, que a mesma caracteriza como um procedimento divinatório. O jogo de búzios é o que determina o orixá, mas também o tipo de iniciação que cada um vai ter.

No ano de 2015 eu avançava com a minha pesquisa de TCC na graduação em Geografia, o trabalho foi intitulado: *A importância histórica do "Quebra de Xangô" da territorialização dos terreiros em Maceió: a implantação da Lei 10.639/2003 no curso de Geografia da UFAL*. O Ilê Axé Legionirê era um dos meus campos de pesquisa, estudei o processo de desterritorialização e reterritorialização do terreiro de Manoel do Xoroquê, analisando a

⁸ Antropóloga, Professora Associada no *Département Formation Humaine Économique et Sociale* de l'ISEN, em Brest (França), realizou sua foto-etnografia para dissertação de mestrado no Ilê Axé Legionirê (Fontes, 2015, 2023).

⁹ Refere-se a um ritual realizado por sacerdotes com a utilização de conchas marinhas, os chamados búzios, com objetivo de consultar o oráculo sagrados dos orixás. São usadas dezesseis conchas, cada uma representando um orixá cultuado no Brasil.

mudança da casa para o bairro Benedito Bentes, onde está instalada até os dias de hoje. Pesquisei nas federações espíritas, em outros terreiros e no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Estudando a territorialização dos terreiros, precisei construir uma perspectiva mais ampla de abordagem, mas me sentia a todo tempo perdido em um universo que me tirava da realidade do que eu vivia. Eu tinha tudo o que precisava no terreiro do qual fazia parte.

Na condição de pesquisador e membro da casa, por diversas vezes fui enviado por Manoel do Xoroquê para representar o terreiro em reuniões religiosas para a articulação de políticas que favoreciam o povo de santo. A partir daí, passei a ter um maior engajamento e ter ideia da dimensão das relações que se teciam entre o povo de santo. As reuniões eram regadas a discussões de autoafirmação, de confrontos entre os religiosos que quase nunca entravam em um acordo em prol do bem comum - confesso que esse momento da minha trajetória foi bem complexo. Na ocasião, eu estava como pesquisador de terreiro, disposto a aprender e a estudar as relações entre os religiosos, mas, por outro lado, o papel de representante do Ilê Axé Legionirê transferia qualquer insatisfação com Manoel do Xoroquê para mim.

Das minhas participações nessas reuniões, destaco a edição de 2013 do Xangô Rezado Alto, no centro da cidade, uma celebração de natureza política e afirmativa que rememora o triste evento do “Quebra” dos xangôs em Maceió, contando com a participação de religiosos de diferentes terreiros. Todos participaram ativamente do cortejo em homenagem à resistência, um dos mais importantes episódios da trajetória religiosa do povo de santo de Alagoas. Os terreiros foram solicitados para reuniões sobre o evento e cada casa enviou um representante para a organização do cortejo.

O Ilê Axé Legionirê já era um grande berço com muitos iniciados. Manoel do Xoroquê é considerado um dos pais-de-santo que mais iniciou pessoas no candomblé em Alagoas, seu terreiro era sempre a casa de todos, todos os filhos que precisavam de orientação espiritual, de *obrigação*¹⁰ para o santo, passar por *ebó* e *bori*¹¹, se dirigiam ao seu terreiro para negociar sua disponibilidade, assim aconteceu comigo em minha iniciação. Cheguei na casa para ser filho-de-santo de Mãe Ângela, mas logo fui orientado por ela que seria automaticamente também filho-de-santo de Manoel do Xoroquê, afinal ele era o pai maior da casa. Ou seja, ele era o responsável por rezar os principais cânticos, por fazer os sacrifícios animais, contando, na época, com a ajuda de apenas duas mães-de-santo que ele mesmo preparou para auxiliá-lo, Mãe Angela

¹⁰ Oferendas religiosas ofertadas para os orixás por religiosos iniciados no intuito de renovar seus cuidados espirituais e cumprir seus anos de iniciação para se obter seus direitos sacerdotais.

¹¹ Oferendas de limpeza espiritual e renovação das energias do corpo de religiosos e simpatizantes que buscam ajuda. O *ebó* é realizado antes no intuito de purificar o corpo para receber o *bori*.

e Mãe Zazy, sendo a última não mais pertencente à casa. Elas eram responsáveis por fazer limpezas espirituais e por jogar búzios para alguns filhos quando ele determinava. Manoel sempre participava diretamente dos fundamentos de alguns filhos, sobretudo daqueles que faziam questão de terem os cuidados direto de suas mãos. Compreendi então que eu havia sido iniciado num terreiro dentro de um terreiro, a seguir será trabalhado pormenorizadamente.

O terreiro estava sempre em função, ou seja, praticamente todos os dias haviam filhos passando por rituais de cuidados espirituais. Tendo o cargo de *ogã* da casa, participei dos rituais de muitas pessoas que se iniciaram a partir do ano de 2012. Participei de iniciações, *axexês*¹², de renovações das obrigações internas do terreiro, participei de todos os fundamentos que ocorriam dentro dos preceitos ritualísticos.

Manoel do Xoroquê sempre foi um homem de temperamento forte, imprevisível, sempre projetou suas perspectivas e ideias em seu terreiro; conhecido por suas mudanças constantes, carrega consigo arquétipos fortes de seu orixá *Exú*¹³, “Pai Manoel atribui essas características de sua personalidade à influência de seu *santo* e sempre se escuta dele com bastante veemência e orgulho: ‘sou filho de *Exu*, meu pai não tem limites!’” (Fontes, 2015). Homem rígido, quase sempre brincalhão e impaciente, sempre tratou com seriedade e respeito as divindades a que cultua. A rigidez de Manoel nas tradições de seu terreiro se refletia nos vínculos de dependência de seus filhos aos seus cuidados espirituais. É comum o líder maior de uma casa determinar funções e cargos específicos para pessoas iniciadas, os cargos servem como continuidade da prática e auxílio ao líder nas funções do terreiro. Diferente dos costumes de muitos terreiros, Manoel nunca determinou cargos a nenhum filho, com exceção de Mãe Zezé, uma mãe-de-santo antiga que ocupa o cargo de *Yakekerê* (Babakekerê quando a figura for masculina), título dado à segunda pessoa na hierarquia do terreiro, autoridade maior depois do sacerdote. De acordo com os filhos mais antigos, a posse de Mãe Zezé como *Yakekerê* aconteceu por determinação do próprio orixá de Manoel, pois o mesmo sempre foi a única grande figura de seu terreiro.

Manoel do Xoroquê foi um revolucionário de sua época, rompeu com algumas tradições de seus mais velhos, impôs personalidade ao seu modo de cultuar as divindades, mas sempre manteve um núcleo de dependência muito grande de seus filhos em relação a ele. O Ilê Axé

¹² Ritual fúnebre realizado em várias etapas que vão desde o sepultamento do filho falecido até os rituais de desligamento dos ancestrais dos filhos cultuados no terreiro.

¹³ Orixá da comunicação, mensageiro do panteão africano, senhor que dá caminhos, senhor da encruzilhada. Roger Bastide (1958), em sua obra 'O Candomblé da Bahia: rito nagô', destaca a figura de Exú como um dos orixás mais intrigantes e multifacetados do Candomblé. Exu é reconhecido como um intermediário divino, desafiando estereótipos simplistas e categorizações fixas.

Legionirê crescia a cada nova iniciação, além de sacerdotes espalhados pela cidade de Maceió, surgiam netos e bisnetos-de-santo de Manoel, que iniciavam suas jornadas espirituais através de seus sacerdotes dentro do único espaço religioso que atendia a todos os filhos. Eram diversos terreiros condensados em um único terreiro.

No xangô alagoano, o processo de abertura de um terreiro pode ocorrer quando, após obrigações periódicas, um iniciado cumpre a sua jornada de *yaô*¹⁴.

Segundo o código do candomblé, existem duas maneiras de realização das iniciações, a depender do tipo de mediunidade do candidato. As pessoas que não entram no transe mediúnico conhecido como ‘estado de santo’, passam por um processo rápido e logo recebem os cargos de *ogãs*, os homens; e *ekedis*¹⁵, as mulheres. (...) Os que têm a capacidade de ‘receber seus santos’, incorpora-los, precisam preparar o corpo e mente para receber seus deuses. São os *virantes* ou *rodantes*. (Fontes 2015, p. 78-79)

A partir da iniciação, os *virantes* ou *rodantes* tornam-se *yaôs* e têm um período de sete anos de obrigações a serem cumpridas regularmente, obrigações que variam desde sacrifícios animais a oferendas específicas a cada orixá. Uma particularidade interessante dos terreiros de Alagoas é que, ao cumprirem o período de sete anos, os *yaôs* recebem os títulos de pais e mães-de-santo, estando assim preparados para abrir seus próprios terreiros - diferente de candomblés de outros estados onde o *yaô* torna-se *ebomi* ao fim de seus sete anos, um “irmão mais velho”, que nem sempre está preparado para abrir seu próprio terreiro.

Em Alagoas ainda existem casos específicos em que o iniciado é liberado de seus sete anos de *yaô* e já se torna sacerdote, os chamados *yaô-deká*. Nos casos de *yaô-deká* as iniciações específicas são feitas por recomendação dos orixás de cada filho-de-santo, às vezes porque o *yaô* já cumpriu obrigações em outra casa ou simplesmente porque assim o orixá do iniciado o quis (casos extremamente raros). O fato é que as etapas para esses filhos-de-santo são puladas. Não me deterei nessas particularidades, o importante sendo que o leitor compreenda quando é que a possibilidade de abertura de casa surge na vida de um iniciado.

Voltemos ao Ilê Axé Legionirê. Os rituais de iniciação e as festas públicas ligadas aos orixás dos filhos e netos-de-santo de Manoel eram realizados no Ilê Axé Legionirê. Tenho lembranças de meus primeiros anos no terreiro em que as principais festas eram muito frequentadas por filhos-de-santo e simpatizantes, a ponto de não caberem todos no espaço físico do barracão.

Um marco para o tema central do presente trabalho ocorre em 2014 com a fundação do primeiro terreiro de candomblé descendente do Ilê Axé Legionirê, o Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerum raízes Legionirê, liderado por um casal de filhos-de-santo de Manoel: Mãe Carla

¹⁴ *Yaôs* são filhos-de-santo que cumpriram com o preceito da iniciação na religião e vivenciam o transe.

¹⁵ Mulheres que assim como os *ogãs*, quando homens, não sofrem incorporação o transe na religião.

de *Oxum* e Pai Gel de *Logunedé*¹⁶. Com uma proposta de dar continuidade às tradições do “terreiro raiz”, o casal obteve apoio e incentivo de Manoel para fundar seu próprio terreiro de candomblé, iniciando o fenômeno de *rama religiosa*. Nessa perspectiva, um terreiro descendente se torna uma extensão das tradições do terreiro onde os sacerdotes foram iniciados, o terreiro raiz, mantendo os mesmos ritos religiosos e sustentando o senso de continuidade e pertencimento, configurando a ideia de *rama religiosa*.

O Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê de Mãe Carla e Pai Gel, pioneiro da *rama Legionirê*, impulsionou diversos outros sacerdotes do terreiro raiz a fundarem seus próprios terreiros. Depois dele, Pai Manoel passou a incentivar e até pressionar seus filhos-de-santo mais velhos a fundarem seus próprios templos religiosos. Mãe Carla e Pai Gel eram sacerdotes relativamente novos na religião, com aproximadamente oito anos de iniciados, e aos poucos foram adquirindo seus filhos-de-santo. Me recordo que a fundação do terreiro de Mãe Carla e Pai Gel soou para alguns sacerdotes mais antigos do terreiro raiz como uma ousadia, por serem novos “no santo”¹⁷ e por romperem com a tradição religiosa de concentrar em um único espaço os diversos terreiros que ali se formavam de forma quase oculta.

Nos anos seguintes, após a fundação do terreiro da rama, outros terreiros passaram a surgir. A prática foi tão naturalizada, que novos pais e mães-de-santo da casa já recebiam suas consagrações sacerdotais idealizando a abertura de suas próprias casas. Atualmente, são contabilizados 28 terreiros descendentes do Ilê Axé Legionirê, sendo distribuídos entre a cidade de Maceió e municípios vizinhos como Marechal Deodoro. Desse modo, em um período de aproximadamente nove anos houve uma grande expansão de instituições religiosas descendentes deste terreiro raiz em Alagoas. Isso configura um marco importante para o Ilê Axé Legionirê, que se tornou, segundo Pai Manoel do Xoroquê, meu principal interlocutor, o terreiro que mais cresceu no estado, instituindo o conceito de *rama religiosa* para as tradições do xangô alagoano.

O termo *rama religiosa* veio do próprio Pai Manoel do Xoroquê, quando numa reunião com os filhos-de-santo do terreiro para anunciar a criação do Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerum raízes Legionirê fez a seguinte colocação: “sem folha não tem axé e sem raiz não existe folha. Essa planta ramificou”, e determinou que cada terreiro originado do Ilê Axé Legionirê carregasse “raízes Legionirê” como identidade. O candomblé de Manoel é o tronco

¹⁶ Orixá que representa o equilíbrio, príncipe do panteão, filho de *Oxum* e *Oxóssi*.

¹⁷ Recentemente iniciado na religião, qualidade do yaô que está no início de suas vivências religiosas após passar pelo preceito de iniciação.

de uma grande árvore, é uma raiz que nutre 28 galhos de uma árvore frondosa, de 28 *ramas* que carregam a identidade Legionirê no xangô alagoano.

As raízes religiosas, a *rama* Legionirê, seus princípios ritualísticos e a continuidade das tradições, assim como a sua expansão serão pontos cruciais nesse trabalho, considerando que esse movimento de expansão dos terreiros de candomblé em Maceió é um contraste ao movimento de opressão imposto pelo Quebra de Xangô de 1912 e nos anos seguintes.

METODOLOGIA

Em todo o processo dessa pesquisa foi realizada a observação participante. Como membro iniciado no terreiro pesquisado, tive o privilégio de estar fisicamente em toda a construção desse trabalho. Meu diário de campo foi um material construído no decorrer dos meus onze anos de vivência no Ilê Axé Legionirê, sendo parte dessa grande família-de-santo, obtendo acesso aos rituais e vivenciando as relações familiares nos terreiros pesquisados. Nesse acesso privilegiado ao campo enquanto iniciado no terreiro, carrego o cargo de *pejigã*, um “cargo de patente” (elevado na hierarquia religiosa), que me possibilita participar diretamente dos rituais mais reservados e secretos no candomblé de Manoel do Xoroquê. Em muitos dos rituais considerados secretos, é comum a prática de induzir os *abians* ou *yaôs* presentes ao transe de incorporação, para não lhes permitir a participação. Com isso, dá-se lugar ao *orixá* ou *erê* (espírito criança¹⁸), pois essas pessoas ainda não têm maturidade para tais conhecimentos. O cargo que exerço na religião, o de *ogã*, não me permite entrar em transe, me possibilitando acompanhar todos os rituais religiosos desde minha chegada ao Legionirê.

No início de meu projeto de mestrado, insisti em um tema voltado às perspectivas políticas do Quebra de Xangô alagoano, pretendia manter minhas construções voltadas ao ritual de sacralização e perpetuação do território sagrado, proposta de continuidade de um trabalho já iniciado na graduação em Geografia. No decorrer do curso percebi que os métodos de pesquisa antropológicos poderiam me contemplar numa reelaboração de minha proposta de estudos, a ideia seria tornar minha pesquisa embebida na Antropologia Social. As teorias antropológicas me auxiliaram na reconstrução de meu projeto, me fazendo desenvolver uma nova perspectiva de pesquisa de campo.

¹⁸ Os *erês* são crianças divinizadas, e recebem culto igualmente aos orixás. É comum ser representado associado a que pertence, ex. *erê* de *Oxum*, *erê* de *Ogum*. Evidentemente, quando se diz que os *erês* são santos significa que eles possuem natureza divina. (Serra, 1978, p. 81)

Durante este trabalho, documentar e descrever situações e dinâmicas comuns à família religiosa em que estou inserido foi um grande desafio. Em diversas ocasiões me encontrei envolvido emocionalmente com meu campo, de tal forma que precisei dosar a maneira de construir minhas escritas. O meu senso de propriedade sobre o tema o qual eu escrevia me fez assumir o duplo papel já mencionado anteriormente, o de pesquisador e religioso, principalmente decorrente da responsabilidade do cargo religioso que exerço, alto membro da hierarquia religiosa, detentor de segredos ritualísticos da casa.

Manoel do Xoroquê, meu interlocutor principal, sempre esteve aberto à pesquisa, principalmente por eu não ser o primeiro a desenvolver estudos no terreiro. Sempre consegui dialogar tranquilamente com ele e sempre fui autorizado a fazer coleta de materiais. Das inúmeras fotografias que foram coletadas no decorrer desse trabalho, todas foram com seu consentimento e apoio. Em destaque a importância do uso de imagens associado à escrita, no artigo 'Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira'(2000), os autores exploram o diálogo entre a escrita e a imagem na antropologia, com foco nas ideias e contribuições do renomado antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. O artigo examina como essas duas formas de expressão, escrita e imagem, podem enriquecer e complementar a pesquisa antropológica, abordando questões essenciais relacionadas à representação visual e textual da cultura e da sociedade.

Mãe Angela, minha também interlocutora nessa pesquisa, sempre se manteve resistente em permitir o acesso aos rituais sagrados, impedindo muitas vezes os registros fotográficos ou em vídeos. Tenho lembranças de ocasiões em que ela fez questão de observar o que eu vinha registrando. Por ser minha mãe-de-santo, sempre deixou claro que confiava em minha capacidade de manter viva a tradição religiosa com base no que pode e não pode ser publicado.

No Ilê Axé Legionirê eu sempre tive acesso a todos os quartos do terreiro, nunca me foi limitado o acesso a nenhuma dependência do templo religioso, já no Ilê Axé Yakelomimpandá raízes Legionirê, tive alguns acessos limitados por Mãe Angela - segundo ela por recomendação do próprio orixá, nada relacionado à minha pesquisa. O quarto de Balé¹⁹, por exemplo, é um local reservado apenas a homens, seu zelo e cuidados rituais só poderiam ser realizados por homens. Quando a porta do quarto é aberta, as mulheres que estão nas proximidades são obrigadas a virar as costas para não visualizar os mistérios que ali existem. Enquanto no Yakelomimpandá, Mãe Angela restringiu meu acesso a esse quarto, no Legionirê, o acesso me é acordado.

¹⁹ *Balé* ou *Igbalé*, um caminho do orixá *Oyá*, senhora do portal de passagem da vida para a morte. O quarto de Balé nos terreiros geralmente são locais de culto aos mortos.

Nos terreiros de candomblé, geralmente, para se ter acesso aos quartos de santo é necessário passar por um ritual de purificação, uma preparação corpórea com base em banhos direcionados a cada tipo de pessoa, sendo muito comum usar banhos de ervas maceradas e banho de alfazema. Em casos bem específicos recomenda-se tomar banhos com águas das quartinhas de alguns orixás. Até os filhos-de-santo já iniciados no axé precisam passar por banhos de ervas para se ter acesso aos diferentes cômodos do terreiro. Pessoas de fora, visitantes que nunca passaram por preceitos no axé e pessoas de outro axé, não tem acesso. No Legionirê de Manoel do Xoroquê o acesso é negociável; no Yakelomimpandá de Mãe Angela, não existe negociação.

Os registros de fotografia para enriquecer esse trabalho foram, em sua maioria, feitos em rituais públicos, os chamados “toque de orixás”, rituais abertos em que todos os religiosos e pessoas de fora costumam frequentar apenas como visitantes, nessas festividades os orixás incorporam, dançam, as festas são sempre regadas a muita alegria e comidas, geralmente grandes momentos de encontro entre todos os filhos-de-santo e simpatizantes para louvarem o sagrado da religião. Da importância do registro fotográfico para a etnografia, podemos destacar Sylvia Caiuby Novaes (2015), quando no livro 'Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia', a autora explora como a fotografia desempenha um papel significativo na antropologia, capturando e documentando aspectos culturais e religiosos, incluindo aqueles relacionados aos terreiros e às práticas afro-brasileiras.

No fim do trabalho, trago como proposta um álbum de família, organizado cronologicamente com registros antigos da *rama Legionirê* e registros mais recentes de alguns dos principais terreiros descendentes. As imagens coletadas mais antigas foram resgatadas de alguns filhos-de-santo mais velhos de Manoel do Xoroquê, assim como do arquivo pessoal de Mãe Angela. As imagens mais recentes foram feitas em campo por mim e por alguns irmãos-de-santo da *rama*. A proposta é destacar a trajetória religiosa dos vinculados à *rama Legionirê*, constituindo a ideia de parentesco religioso como uma família simbólica cheia de laços e rupturas.

Além da observação participante foram realizadas entrevistas formais e informais com Manoel de Xoroquê, com Mãe Angela e com outros membros dos terreiros. Utilizei gravador de voz para o registro de algumas entrevistas formais, no caso de Manoel de Xoroquê foi um momento livre e descontraído, onde buscamos as datas específicas para compor o histórico de seu terreiro. Com Mãe Angela foi um pouco tenso, pois a todo tempo a mesma me passava recomendações do que se podia ou não publicar. Alguns relatos de sua vida religiosa são considerados delicados e ela prefere nem mencionar. Para a coleta de material eu frequentei o

Ilê Axé Legionirê e o Ilê Axé Yakelomimpandá em dias de funções. Meu diário de campo construído no Legionirê estava guardado há anos, inclusive parte dele utilizada em meu TCC, na graduação. O material construído do Yakelomimpandá foi elaborado nos últimos dois anos. Além das visitas às funções dos terreiros pesquisados, frequentei também a residência de Manoel do Xoroquê para entrevistas e o terreiro de Mãe Locemim, no Residencial Morada do Planalto no bairro Benedito Bentes em Maceió, onde fui convidado para registrar funções religiosas.

Nas relações familiares entre os filhos-de-santo do Legionirê senti necessidade de registrar alguns diálogos entre *yaôs* e *abians* no período das funções e em momentos ociosos. Existe uma hierarquia dentro do terreiro que limita, muitas vezes, as relações entre os pais/mães-de-santo, *ogãs* e *ekedis*, com os *yaôs* e *abians*, formando grupos específicos nas relações familiares. As formas de referência aos religiosos com “patente” são dadas num contexto de respeito, limitando muitas vezes relações de intimidade entre os religiosos. Entre os *yaôs* e *abians* do Legionirê notei uma relação de intimidade que me despertou interesse, mas frequentemente observei uma resistência à minha aproximação, muitas vezes silenciavam diante de minha presença. Com a ramificação do Legionirê e a abertura do terreiro de Mãe Angela, minha frequência de visitação a esse terreiro diminuiu, de forma que pude notar que o público de integrantes do terreiro se renovou, limitando meu vínculo de relações - fora o fato de eu ocupar um “cargo de patente” no axé, que impõe a barreira hierárquica aos mais novos. No Yakelomimpandá tive mais facilidade na coleta de material com os filhos-de-santo do terreiro, acompanhei o processo de fundação da casa e sempre mantive bons diálogos com todos os filhos iniciados.

Na construção do texto o pesquisador muitas vezes precisa adaptar a forma que constrói seu material no campo, abrandando, muitas vezes, seu rigor metodológico, permitindo-se a convivência com seus interlocutores, o que muitas vezes se torna mais fácil quando se vive o seu campo há anos. Na perspectiva do parentesco religioso, por exemplo, nada melhor que acompanhar uma “obrigação de iniciação” no terreiro do começo ao fim, desde o recolhimento do *yaô* até sua saída pública, onde, na dinâmica do terreiro, é possível analisar os diferentes vínculos familiares existentes. Um detalhe bem importante que anotei em meu diário de campo são os momentos ociosos das funções do terreiro, momento em que acontecem as conversas e fofocas, relações de afinidades e intrigas são despertadas, que dentro do contexto de família simbólica é algo muito parecido com as relações familiares consanguíneas.

A primeira parte desse trabalho foi elaborada a partir do levantamento do material a ser trabalhado, principalmente de meu diário de campo no intuito de chegar ao recenseamento dos

terreiros nascidos do Legionirê. Mesmo tendo acompanhado o fenômeno de expansão da rama desde a primeira casa fundada, não conseguia ter uma ideia geral da quantidade de terreiros que haviam sido criados desde o ano de 2014. Busquei no Legionirê informações sobre esses terreiros e produzi inicialmente uma pequena lista de casas descendentes, lista que foi logo questionada por Manoel do Xoroquê, alegando ter um número de terreiros muito maior. Pai Manoel se propôs a realizar ele mesmo um levantamento, a ideia principal seria criar uma grande árvore genealógica partindo do Ilê Axé Legionirê como uma grande raiz, com seus terreiros constituindo ramos. Fui inserido num grupo de WhatsApp com a maioria dos filhos-de-santo da rama, Manoel do Xoroquê informou que eu estaria responsável por fazer um levantamento de todas as casas descendentes do Legionirê e que todos me procurassem para registrar suas casas. Passei, em média, uma semana sendo procurado por sacerdotes da rama, alguns passaram a criar o nome de suas casas de culto através desse levantamento, pois mantinham suas casas abertas ainda sem denominação. Após esse levantamento, foram registrados 28 terreiros descendentes do Legionirê.

O fenômeno da rama de terreiro, categoria êmica ligada aos terreiros de candomblé, tem origem com o Ilê Axé Legionirê. Esse trabalho busca materializar o processo de expansão dessa raiz religiosa como o terreiro que mais se expandiu em Maceió. Foram escolhidas duas principais figuras para compor esse trabalho como principais interlocutores: Pai Manoel do Xoroquê e Mãe Angela de *Oxum*. Manoel do Xoroquê por ser o fundador do Legionirê e Mãe Angela de *Oxum* por ser uma de suas filhas mais velhas, fundadora de uma importante rama do Legionirê, o Ilê Axé Yakelomimpandá raízes Legionirê.

Durante a pesquisa foram feitos contatos com os terreiros: Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê e com o Ilê Axé Locemim raízes Legionirê, além de visitas a alguns terreiros da rama. Foram feitos registros fotográficos no Ilê Axé Locemim raízes Legionirê, terreiro que funciona em um apartamento.

A pesquisa foi realizada na cidade de Maceió, no Estado de Alagoas. O Ilê Axé Legionirê funciona no bairro Benedito Bentes, maior bairro de periferia de Maceió. O Ilê Axé Yakelomimpandá raízes Legionirê funciona no bairro Vilage Campestre II, também periferia de Maceió. A maioria dos terreiros descendentes do Legionirê funcionam em Maceió, alguns deles nos municípios vizinhos, como Marechal Deodoro e Messias.

Manoel do Xoroquê afirma ter filhos-de-santo em estados vizinhos e até no estrangeiro, porém não confirma que esses possuem casas abertas para serem registradas como rama do Legionirê. É comum que o Legionirê seja visitado anualmente por filhos-de-santo de outros estados, os mesmos viajam e se fixam no terreiro durante o período de suas obrigações, voltando

para suas residências após cumprir com seus resguardos religiosos. Em alguns casos específicos, Manoel também viaja para estados vizinhos para dar consultas e visitar filhos-de-santo.

O Ilê Axé Legionirê é frequentado por pessoas de diferentes classes sociais, boa parte de seus filhos-de-santo são pessoas da comunidade em que o terreiro está inserido, pessoas de baixo poder aquisitivo. Manoel do Xoroquê tem diversos trabalhos sociais direcionados à comunidade periférica que cerca o terreiro. Criou uma ONG que arrecada e distribui, em campanhas, diversos alimentos e donativos à comunidade. Além de líder espiritual, Manoel é diretor e fundador do Afoxé Povo de *Exú*, grupo afro-percussivo, criado dentro do terreiro, no intuito de promover atividade cultural na comunidade. O Afoxé Povo de *Exú* se tornou um grupo popular nas atividades culturais de Alagoas, criando repertório próprio e levando a musicalidade de terreiro aos diversos espaços no estado. O grupo conta com diversos filhos-de-santo do terreiro no corpo artístico e musical, realizando apresentações públicas.

Manoel do Xoroquê se tornou uma figura pública em Alagoas, recebendo prêmios de reconhecimento como líder espiritual, tendo seu terreiro visitado por autoridades no estado e tendo seu nome publicado em matérias jornalísticas. O vínculo com seus filhos-de-santo e clientes do Rio de Janeiro o tornaram conhecido dentro do universo artístico, quando algumas personalidades, cantores e atores já publicaram divulgações sobre os lançamentos de clipes do Afoxé Povo de *Exú* nas redes sociais e em algumas ocasiões visitam o seu terreiro.

1. PANORAMA HISTÓRICO DO XANGÔ ALAGOANO E SUA DINÂMICA NO PERÍODO PÓS-QUEBRA

O xangô alagoano tem em suas tradições reflexos de repressões impostas desde o período do Quebra de Xangô em 1912. É um campo de grande riqueza histórica e que ainda hoje exige esforços documentais de núcleos sociais e grupos particulares de intelectuais que se debruçam sobre esse universo. De todos os esforços mantidos até hoje para mapear, documentar e registrar os terreiros em Alagoas, sobretudo em Maceió, palco principal da opressão de 1912, nos resta acompanhar como o povo de santo sobrevive aos resquícios da destruição instaurada e, num movimento contrário, como reage ao movimento de surgimento de novos terreiros.

O Quebra de Xangô de 1912 foi um episódio de cunho político que ocasionou a destruição dos xangôs em Alagoas, sendo documentado com maestria por intelectuais como Ulisses Neves Rafael (2012). Este episódio também foi analisado por Larissa Fontes (2015, 2021, 2022), que contextualizou a configuração e distribuição dos terreiros em Alagoas e trabalhou com a Coleção Perseverança, o maior documento do Quebra. Nos baseando no histórico repressivo que a comunidade religiosa afro-alagoana sofreu, a análise territorial dos candomblés em Maceió durante muito tempo esteve limitada aos terreiros que ressurgiam de um pequeno movimento de resistência no período conhecido como pós-quebra. Para Fontes (2015, p. 99), esse movimento “carrega uma pesada bagagem histórica que, de certo modo, justifica a constituição de seu pensamento atual em relação aos tabus que contemplam o segredo ritual e as formas de resistência e preservação da religião.” As minhas primeiras impressões sobre o xangô alagoano foram através do episódio do “Quebra de Xangô”, as produções acadêmicas, Duarte (1974), Rafael (2012), sobre o fato histórico me levaram ao entendimento dos terreiros e me fizeram problematizar os seus processos de territorialização e existência no espaço urbano da cidade de Maceió.

Analisando a ocupação territorial dos terreiros de candomblé no período anterior ao Quebra, é possível estender o olhar espacial para além dos motivos políticos, os fatores econômicos que levaram à expulsão dos religiosos da região central da cidade, haja vista que era na região de Centro e Jaraguá que funcionavam as principais atividades comerciais de Maceió, como as portuárias e de armazenamento de produtos a serem vendidos nas principais feiras. As atuais instalações da maioria dos xangôs em Maceió concentram-se em bairros de periferia, sobretudo na parta alta da cidade. De acordo com Muniz & Santos (2021), é possível julgarmos a especulação imobiliária na cidade como um dos fatores responsáveis por desterritorializar os terreiros da região central de Maceió para reterritorializar esses templos na

periferia da cidade, sobretudo na região menos habitada, na ocasião a parte alta de Maceió, local em que o Ilê Axé Legionirê está instalado.

No que concerne a instalação desses terreiros, é importante destacar o processo de sacralização do território. A materialização do território numa perspectiva geográfica, nos permite analisar os elementos básicos que o constitui, sobretudo elementos materiais, imateriais e simbólicos (Raffestin, 1988, fala de “territórios concretos” e “territórios abstratos”), entendemos que os terreiros possuem uma dupla perspectiva territorial, constituído do concreto e abstrato, esse último com valor simbólico para os religiosos. Também é interessante pensar a desterritorialização dessas casas de culto, na destruição e na reconstrução dos elementos litúrgicos, assim como a substituição dos templos sagrados por espaços profanos. Os territórios sagrados dos principais terreiros alvos do Quebra foram substituídos por novos espaços físicos, porém no contexto religioso esses espaços continuam sendo sagrados. Segundo entrevista concedida por Manoel do Xoroquê a Fontes (2015) “Axé não se tira. Axé se apila”²⁰, dessa forma entendemos que o que foi realizado no espaço sagrado dos terreiros mantém viva a essência do lugar.

1.1 Reverberações do Quebra de Xangô visto “do lado de dentro”, percepções do povo de santo em nossos tempos

Partindo dos diversos viéses de entendimento do Quebra de Xangô, dos atribuídos pelo universo acadêmico e os atribuídos pelos povos descendentes das vítimas de 1912, constatamos olhares diferentes para os traumas vividos no passado e os resquícios mantidos da opressão até os dias atuais. O que temos “do lado de dentro” (do povo de santo, onde também me encaixo), é um verdadeiro reconhecimento pela produção científica que resgatou a memória desse trauma. No ano de 2010, pude perceber como o episódio do Quebra era desconhecido por muitos dos religiosos em Maceió. Já a partir de minhas vivências no universo acadêmico, no período de TCC, na graduação, fui em busca de algumas figuras que protagonizaram o filme de Siloé Amorim (2007), como Pai Maciel²¹, a quem entrevistei e o próprio Manoel do Xoroquê, para entender os motivos da falta de conhecimento do Quebra por parte do povo de santo.

Sobre a falta de conhecimento do Quebra pelo povo de santo, Pai Maciel disse:

A questão toda é que o povo novo não escuta o seu mais velho, “o povo velho é que tem o que contar” e povo novo faz candomblé com suas próprias pernas. Bom, eu falo

²⁰ Entrevista de Pai Manoel do Xoroquê concedido à Larissa Fontes em sua dissertação de mestrado no ano de 2015.

²¹ Antigo Pai de santo da cidade de Maceió da tradição *nagô*, também foi presidente da Federação Espírita de Maceió por mais de 10 anos.

aquilo que eu ouvi a minha vida toda do meu povo mais velho, né? (Entrevista concedida em 15/04/2016).

O fato é que “o medo da repressão, da violência e do silenciamento sempre rondou o povo de santo”, como aponta Fontes (2015), mantendo o desenvolvimento das religiões de matrizes africanas no Brasil marcado por essa aura secreta com tendência a camuflagem, consequência do racismo religioso enraizado no país desde o período colonial. Ter o conhecimento do massacre em 1912 era até possível, mas propagar o fator histórico em busca de política reparatória era algo ameaçador por parte dos religiosos. Não tenho dúvidas que com o passar dos anos a opressão de 1912 caiu no esquecimento por parte de alguns grupos de religiosos, haja vista que o pouco material que se tem documentado do episódio nunca esteve acessível à sociedade alagoana como nos últimos tempos, muito menos ao povo de santo. É notório que nas últimas décadas tenha existido um maior esforço da parte de intelectuais sobre o tema. Segundo Rafael (2012), associado ao medo instaurado nos religiosos, os intelectuais da época do Quebra pecaram por manter informações superficiais sobre o episódio, “um sintoma do ‘esquecimento’, de uma indiferença dissimulada, que não disfarça o desprezo por aquelas práticas e, por que não dizer, legitima seu ostracismo e todo tipo de ação repressora contra as práticas dos cultos afro.” (Rafael, 2012).

Além da ausência de materiais sobre o episódio do Quebra, podemos destacar a ausência de acessibilidade aos objetos sagrados roubados dos terreiros em 1912, a chamada Coleção Perseverança. Esta, durante anos e até os dias atuais, está sob domínio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, mantido pelo Estado, limitando o acesso e senso de propriedade dos verdadeiros donos dos materiais, o povo de santo alagoano, povo que sofreu com a destruição de seus templos e com a violência do silenciamento durante anos no estado. Como aponta Fontes (2021, 2022), a Coleção Perseverança é o documento mais importante para a memória religiosa afro-alagoana, pois reúne peças roubadas no episódio do Quebra de Xangô, objetos sagrados que faziam parte dos rituais litúrgicos dos terreiros no século passado. O material tem sido mal preservado e mal exposto, tendo inclusive passado por tentativas amadoras de restauração que danificaram ainda mais a estrutura das peças. Mesmo se o IPHAN enfrenta desde 2015 bloqueios políticos para efetivar o projeto de tombamento da Coleção Perseverança, no segundo semestre de 2022 foi montado um grupo de trabalho para pedido de tombamento da Coleção Perseverança - estou orgulhosamente representando o Ilê Axé Legionirê neste grupo, onde enfatizo a extrema necessidade da preservação correta das peças e da manutenção dos valores religiosos do xangô alagoano.

Segundo Prandi (2012), associada a necessidade de camuflar suas práticas religiosas, estava a falta de estatística real dessa presença religiosa, que termina por não aparecer na sua

real dimensão, com números subestimados, deixa claro ainda que no Brasil os afro-religiosos correspondem a, pelo menos, o dobro da população sugerida pelo censo. De acordo com Teixeira e Menezes (2013), os números sobre religião atingiram repercussões notáveis, ocupando dessa forma lugares importantes na mídia nacional e nas revistas especializadas, não podendo ser considerados apenas por sua objetividade.

1.2 Situando o meu campo: minha chegada ao Ilê Axé Legionirê

Uma das primeiras coisas que aprendi do candomblé foi a história do orixá *Oyá*²², quando aprendi que cada filho-de-santo de um terreiro tinha um orixá. Conheci as histórias de *Oyá* através de Laura, uma companheira de grupo de pesquisa, que curiosa, buscou um jogo de búzios para consultar quem seria seu orixá. Aprendi com Laura que cada pessoa herdava os arquétipos de seus orixás e que cada orixá tinha suas particularidades, seu temperamento; ela justificava com orgulho o seu temperamento forte, dizendo que não levava desaforo para casa, assim como seu orixá. Fiquei encantado com a mitologia dos orixás, com essa capacidade humana de entrar num universo metafísico, capaz de se fazer sentir. Segundo Salles (2021), o entendimento dos arquétipos está ligado a significados e poderes de expressões, dialogando com o presente e o passado. “Nos remete ao artifício da memória de deuses, de culto de antepassados, da cultura da diáspora e da história de vencedores e vencidos.” (Salles, 2021, p.4).

Oyá se tornou minha grande referência no candomblé e todas as vezes que escutava falar nesse orixá, me lembrava de Laura. O interessante é que nos meus momentos de “levantar poeira”, de não levar desaforo para casa, eu era um pouco filho de *Oyá*. Na verdade, acho que todos nós somos. A realidade é que o orixá *Oyá* passa longe de minha linhagem espiritual, ficou apenas marcada em minha vida como o primeiro orixá que conheci e dona de todo o meu encanto pela religião. Costumo dizer que caminhei pouco até me firmar espiritualmente em um terreiro, me fixei no primeiro em que entrei na vida, o Ilê Axé Legionirê. Fui atraído pela entrega espiritual de uma mulher. Falo com muito orgulho: fui para ser filho-de-santo de Yakelomimpandá, Mãe Angela de *Oxum* Yepondá²³ e conheci Manoel do Xoroquê como consequência dessa escolha.

Conheci Mãe Angela em um momento não religioso, fui apresentado numa reunião familiar por um amigo dela e fui informado que ela era uma das mães-de-santo da casa de Manoel. Uma mulher gentil, entregue e de sorriso fácil. Na ocasião ela trajava um vestido longo,

²² Orixá dos ventos e dos raios, deusa que comanda as tempestades e os espíritos dos mortos.

²³ Um tipo de *Oxum* caçadora, verdadeira mãe de *Logunedé* e esposa de *Oxóssi*.

usava um *ojá*²⁴ na cabeça e uma *guia*²⁵ simples de cor amarela queimada. Lembro-me que não tivemos muita conversa, mas algo me chamava muito a atenção, principalmente a maneira respeitosa em que ela era tratada por todos, mesmo fora do terreiro as pessoas chegavam até ela e faziam reverências, pediam bençãos. Eu estava entrando no universo religioso naquele momento, ainda não havia ido ao terreiro de Manoel, mas já tinha escutado bastante sobre ele, que já era uma grande figura no meio acadêmico por ser um terreiro aberto à pesquisa.

Era dia 06 de junho de 2012 quando fui ao Ilê Axé Legionirê, levado por amigos que negociaram minha ida. A ocasião (festa do *Obará*²⁶) exigia portas fechadas e apenas filhos do terreiro poderiam participar. A festividade do *Obará* é mantida tradicionalmente há anos no Ilê Axé Legionirê em homenagem ao orixá *Xangô*²⁷. A festa não é um ritual grande, mas um preceito interno do terreiro como forma de agradecimento às bençãos obtidas pelos filhos da casa.

O trajeto até o Ilê Axé Legionirê foi um pouco difícil, com ruas esburacadas, o terreiro está numa região de conjuntos habitacionais conhecida como Benedito Bentes 2, local que foi marginalizado desde a sua fundação por ser composto de residências destinadas à população de baixa renda. Na chegada me deparei com uma enorme fogueira do outro lado da rua, uma movimentação grande de pessoas vestidas de branco, alguns migravam para um espaço do outro lado da rua, outros entravam na casa ao lado do terreiro. O espaço era enorme, de alvenaria improvisada, com desenhos nas paredes, cheio de bandeirolas de tecido de cores diversas. Na parte de trás, do lado direito de forma recuada existia uma cozinha de onde saíam pratos com oferendas a serem depositadas no chão do terreiro, havia vários quartos de portas fechadas. Cheguei no terreiro pouco antes das 17:00h e pude entender um pouco a dinâmica dos preparativos. Busquei o local mais discreto possível e passei a observar a chegada de alguns filhos. Na chegada, todos faziam gestos de saudações em algumas partes da casa, os gestos eram diferentes para algumas pessoas, alguns inclusive deitavam no chão em sinal de reverência e entravam em transe, os orixás incorporavam, em seguida vinham as *ekedis* e acordavam os *yaôs* do transe.

A grande personalidade do terreiro, Manoel do Xoroquê, ainda não havia chegado, perguntei sobre ele, me informaram que estava em sua casa. Manoel mora ao lado do terreiro e

²⁴ Tipo específico de turbante utilizado pelas mães de santo e demais iniciadas no candomblé.

²⁵ Colar de missangas de cores variadas que representam os orixás e são usados como proteção aos adeptos da religião.

²⁶ Festividade em homenagem ao orixá *Xangô* como súplica a riqueza material e espiritual. *Obará-megí* é um dos *odús* (caminhos) sagrados de conexão com o oráculo dos orixás proposto pelo jogo de búzios. Na ocasião os templos evidenciam a força da riqueza e prosperidade desse caminho para com os filhos-de-santo.

²⁷ Orixá deus dos raios, trovões, da justiça.

o outro espaço para onde as pessoas de branco transitavam era o conhecido terreiro de jurema²⁸, local de culto de Dona Maria do Acais, mestra de Manoel, local que hoje passou a ser uma extensão do terreiro antigo e espaço de culto a Orunmilá²⁹. Aos poucos iam chegando cada vez mais filhos, quase todos traziam suas contribuições que logo eram direcionadas à cozinha do terreiro para serem preparadas e em seguida depositadas nos balaio grandes de oferendas. Os filhos-de-santo que chegavam se dirigiam ao banheiro da *camarinha*³⁰ para tomar banho de *ajibô*³¹, banho reservado a quase todos os filhos da casa, com exceção aos filhos de *Ogum*³², pois segundo as orientações que escutei no momento, *Ogum* era um orixá que não se dava bem com *Xangô*, o orixá para quem o *Obará* estava sendo oferecido, portando, os filhos de *Ogum* não se banhavam com o *ajibô*.

Na organização para o banho se destaca uma figura importante, Mãe Zazy. Mãe Zazy Kinambô, mãe-de-santo de *Ayrá*³³, conhecida na época como o braço direito de Manoel do Xoroquê, uma senhora de seus 42 anos, robusta, de temperamento forte, estava organizando a fila do banho e a todo tempo pedindo que as oferendas estivessem preparadas antes que Manoel chegasse ao terreiro. Na ocasião ela se dirigiu a mim e me convidou a me banhar, perguntando se eu sabia quem era o meu o orixá, informei que não sabia, então ela sugeriu que eu não me banhasse, pois eu poderia ser de *Ogum* e passaria mal, me convidou para consultar os búzios para mim no fim do ritual.

Descobri após o ritual que existia uma tradição na casa de que a pessoa que jogasse búzios para clientes, simpatizantes, pessoas interessadas em se iniciar, seriam os responsáveis por cuidar espiritualmente dessas pessoas e mesmo que eu não quisesse me cuidar com Mãe Zazy, seria obrigado pela tradição, pois ninguém, além de Manoel aceitaria cuidar de meu espiritual.

No chão do terreiro estava um balaio com oferendas, ao redor do balaio tinham vários pratos com comidas específicas, velas, quartinhas. O balaio estava enfeitado com fitas prata e dourado e todos os que chegavam recebiam algumas recomendações de mãe Zazy. Mãe Zazy ainda preparava um segundo balaio, estava um pouco distante do centro do terreiro, na porta de um quarto, que segundo as pessoas em que perguntei, era o quarto de seu orixá.

²⁸ Tradição de culto originário no Nordeste, conseqüente de uma mistura de diferentes crenças e cultos. Na jurema sagrada se cultua espíritos da floresta como caboclos e após as diversas mistura o culto aos mestres.

²⁹ Na mitologia iorubá é um orixá, divindade da profecia e da adivinhação.

³⁰ Quarto reservado para a iniciação dos filhos-de-santo do terreiro. Diz-se do lugar sagrado em que os *yaôs* nascem para o orixá.

³¹ Banhos da baba do quiabo cozido que representa prosperidade, fartura, riqueza.

³² Orixá da guerra, dominador dos metais, do ferro, senhor de caminhas, das estradas.

³³ Orixá do encanto das chuvas, ligado às divindades dos raios, mas com seu culto próprio em África. Nas tradições do candomblé é muito confundido com *Xangô*.

Estava se aproximando o horário do ritual, quando, finalmente, aconteceu a chegada de Manoel do Xoroquê às 17:20h em ponto. Ele veio apressado e sem muita paciência para conversas, segundo ele tudo já deveria estar pronto, pois a oferenda precisava ser entregue na hora certa. No momento de sua chegada muitos filhos se prostraram em reverência a ele, assim como Mãe Zazy e os demais sacerdotes mais velhos da casa. Os *ogãs* foram acender a fogueira a mando de Manoel, enquanto todos se organizavam no terreiro para o início do ritual. Uma das recomendações era se manter descalço, tive que cumprir, retirei meu calçado e me mantive sentado e observando toda a movimentação. Ao som dos atabaques, de fogos de artifícios e de palmas iniciou-se o ritual ao orixá *Xangô*.

Manoel estava bastante atento à entrega dos filhos ao ritual, lembro-me que verbalizava o tempo todo: “- Olha *zuela*³⁴!”, no intuito de manter seus filhos cantando as rezas ao orixá. Após o entoar de alguns cânticos, os orixás começaram a se fazer presentes no ritual. Inicialmente veio *Xangô* incorporado em Pai Van, um pai-de-santo antigo da casa, Pai Van era de *Xangô* e fazia questão de participar todos os anos do ritual. Tenho lembranças que ele passou muito mal antes de receber seu orixá, suava bastante e tremia, sacolejava o corpo, aparentemente tentando fugir da incorporação, sendo segurado por duas *ekedis*. Manoel se aproximou com um *adjá*³⁵ na mão, balançou sobre sua cabeça, na mesma hora *Xangô* gritou com força e tomou-o totalmente.

O orixá *Xangô* dançava cada reza entoada, quando de repente, mais um orixá dava sinais de que se fazia presente, era *Ayrá*, incorporando Mãe Zazy. Estive atento a cada momento de sua incorporação. Mãe Zazy já havia iniciado alguns filhos-de-santo na casa, era inclusive uma das mães-de-santo com mais filhos no terreiro. No momento em que ela recebeu o primeiro sinal de que iria incorporar, seus filhos-de-santo incorporaram todos, como um elo de corrente, sua incorporação me deixou encantado, seu orixá dançava levemente e possuía um grito imponente. Eu acompanhava a dança dos orixás, mas estava atento aos comandos de Manoel também, ele controlava tudo e todos, desde os orixás que estavam dançando, os *alagbês*³⁶ com a sincronia dos atabaques, até os fogos que eram lançados em homenagem a *Xangô*, ele olhava a todo tempo para o relógio, tradicionalmente os balaies saem às 18:00h.

Alguns filhos da casa já organizavam seus carros para levar as oferendas na porta do terreiro, um dos carros utilizados seria o de Pai Van que estava incorporado com *Xangô*; na

³⁴ Rezas em formato de cânticos utilizadas para se chamar os orixás.

³⁵ Sineta sagrada utilizada pelos sacerdotes e sacerdotisas nas religiões afro-brasileiras com o objetivo de chamar os orixás e entidades em seus filhos-de-santo.

³⁶ Tipos de *ogãs* responsáveis por tocar atabaques, acordando a força dos orixás e lhe fazendo dançar.

ocasião faltava um carro para levar as cestas à natureza, quando vieram a mim pedir uma ajuda para a entrega das oferendas, disponibilizei meu veículo e fui em cortejo com alguns filhos da casa. Ora, a minha ida à entrega das oferendas seria muito importante para o entendimento de todo o ritual que acontecia, costumo dizer que minha chegada ao Ilê Axé Legionirê foi de uma trajetória completa. Se eu não tivesse me deslocado ao local de entrega à natureza das oferendas provavelmente entenderia o ritual de forma inacabada.

Manoel interrompeu a dança dos orixás, em seguida pediu ajuda dos *ogãs* para levar as oferendas e solicitou que os *alagbês* toquem um *alujá*³⁷, a cerimônia continua com três voltas em torno do terreiro. Os pratos com comidas seguem em cortejo nas mãos das mães-de-santo atrás dos balaies. O cortejo é finalizado com as oferendas nos veículos que seguem à natureza para serem depositadas. Eu fui dirigindo meu carro, ao meu lado foi uma *ekedi* balançando um *adjá*, na parte de trás foram dois *ogãs* e um *babalorixá* da casa, na entrada no carro, a *ekedi* solicitou que não houvesse nenhuma conversa aleatória até a entrega das oferendas. Seguimos em cortejo com mais dois veículos para a entrega. A entrega foi realizada no bairro Benedito Bentes mesmo, nas proximidades de um rio, numa parte alta, por recomendação de Manoel.

Eu não poderia em nenhum momento tocar as oferendas, pois precisaria “estar preparado” para isso, como dizem os religiosos, carregar o axé da casa. Carregar o “axé da casa” seria me iniciar no terreiro, passar pelos preceitos primários de iniciação. Como esclarece Rabelo (2020):

Determinar o momento certo para dar uma obrigação não é questão que dependa apenas da vontade da filha-de-santo e dos recursos que conseguiu assegurar, uma vez transcorrido o lapso de tempo necessário desde sua feitura. Depende da vontade que o orixá expressa e, é claro, do aval da mãe ou pai-de-santo (que pode considerar que a filha ainda não está pronta para a responsabilidade que acompanha a mudança de *status*). Há sempre margem de negociação quanto a isso. (Rabelo, 2022, p. 10)

Com certeza eu não tinha interesse, naquele momento, em me iniciar, estava ali apenas para prestar uma ajuda. Buscaram um local adequado, dentre os religiosos que estavam comigo ganha destaque *ogã* Eromir de *Xangô*, que na ocasião recebeu uma intuição do local específico da entrega e sinalizou. As cestas foram colocadas no chão com três movimentos de depositar e erguer, as demais comidas foram depositadas dentro do balaio grande e as bebidas todas abertas e derramadas por cima. Não foram entoadas rezas, mas a todo tempo se pronunciava “*Kaô kabiecilé!*”, a saudação a *Xangô*. Finalizada a entrega, todos se distanciavam sem dar as costas à oferenda e pediram bênçãos uns aos outros.

³⁷ Ritmo específico tocado em atabaques do orixá *Xangô*.

O trajeto de volta ao terreiro foi regado a comentários dos religiosos, cada um com uma percepção diferente do ritual e relatando o que se havia sentido. *Ogã* Eromir, filho-de-santo de Manoel há anos, me relatou que nunca havia perdido um ritual do *Obará* desde que passou a frequentar o Legionirê, ele fala com propriedade sobre o ritual e sobre o seu orixá *Xangô*. *Ogã* Eromir é técnico de enfermagem e trabalha sempre em escala de plantão, alega que sempre dá um jeito de trocar sua escala para vim ao terreiro para o ritual de *Xangô*.

Na chegada ao terreiro foi feito um ritual de descarrego aos que entregaram as oferendas, havia uma pessoa entregando um copo com água antes de todos cruzarem o portão para que eles se descarregassem, o copo também foi me oferecido e mesmo eu alegando que não havia tocado nas oferendas, fui orientado a passar pelo ritual, me informaram que os orixás haviam me enxergado. Fiz um movimento no sentido anti-horário em 3 vezes sobre minha cabeça e joguei a água na rua, orientado pela *ekedi* que me deu os direcionamentos, em seguida cruzei o portão de entrada do terreiro. Na minha entrada no terreiro percebi ainda um movimento na casa, eram os *erês*³⁸. *Xangô* é pai de *erê* e tradicionalmente quando ocorre qualquer ritual para ele os *erês* vêm e precisam ser muito bem tratados e cortejados. Mãe Zazy, citada anteriormente, estava incorporada com seu *erê*, era um menino, Trovãozinho. Meigo, carinhoso, estava sentado no chão com os demais *erês* dos filhos-de-santo da casa; me aproximei um pouco e ele me pediu benção, não entendi muito bem, nem cheguei a abençoar, quis me justificar que não era da casa, mas depois fui informado que eles pedem benção a todos. Manoel já havia se recolhido a sua casa com alguns convidados específicos dele, fiquei sabendo por algumas pessoas que ele não costumava cortejar os *erês* por não gostar muito de crianças e por não ter muita paciência com as divindades. Ficaram tomando conta dos *erês* as *ekedis* mais velhas, Mãe Sandra e Mãe Andressa³⁹.

As festas de candomblé são sempre fartas, em todos os rituais festivos os filhos comungam do alimento preparado para servir a todos. Na ocasião tinha muita comida de milho; espigas de milhos cozidas, bolo, canjica, tinha também um pirão de galinha com arroz, esse foi preparado para os *erês*, mas os filhos e visitantes poderiam comer. Me senti muito acolhido no terreiro no primeiro momento, fui cumprimentado por Manoel no fim do ritual quando fui apresentado a ele, me desejou as boas vindas e já me convidou para o próximo ritual festivo do terreiro.

³⁸ Divindades infantis consideradas mensageiras dos orixás.

³⁹ As *ekedis*, assim como os *ogãs*, são chamados de mães e pais na religião.

1.3 Meu primeiro jogo de búzios

As minhas experiências com o candomblé iam criando uma maior proporção a medida em que eu mantinha mais relações com religiosos e ampliava os meus interesses de pesquisa. A ida ao Ilê Axé Legionirê na festa do Obará me propôs uma grande referência de terreiro de candomblé, no período de minha chegada ao terreiro eu estava na construção de meu TCC em Geografia e passei a ter interesses em estudar o processo de territorialização de terreiros a partir da visita. Fazer a leitura de uma cultura de práticas diferentes, até então nunca vista, era desafiador. Segundo Geertz (1989), a ideia de que a cultura é um 'texto' que pode ser lido e interpretado. Nesse sentido, os terreiros de candomblé podem ser vistos como um texto cultural complexo, e a compreensão deles exige uma leitura atenta e contextualizada.

Partindo do pressuposto de minha necessidade de entendimento das vivências no terreiro como pesquisa, entendi que havia a partir de minha visita uma necessidade de vivenciar o dia-a-dia dos religiosos. Geertz (1989), argumenta que a cultura não pode ser compreendida apenas através de uma análise superficial de rituais e práticas, mas deve ser interpretada em um contexto mais amplo. Para entender verdadeiramente os terreiros de candomblé, é necessário mergulhar profundamente nas crenças, significados simbólicos e contextos sociais que permeiam essas práticas religiosas.

No intervalo entre minha ida ao Legionirê e minhas construções acadêmicas tive a oportunidade de reencontrar Mãe Angela, em mais um encontro informal. Na oportunidade relatei sobre minha ida ao terreiro em que ela fazia parte e que na ocasião ela não estava presente, contei minhas percepções e interesses de pesquisa. Mãe Angela sempre se manteve resguardada de seus relatos religiosos, prezava pelo segredo das tradições e me tinha como uma ameaça, pois tinha receio de me entregar informações que não podiam ser entregues. Na conversa falávamos sobre orixá, ela muito atenciosa me contou algumas lendas de orixás, falava sobre os arquétipos dos filhos-de-santo de determinados orixás e sobre o temperamento de algumas divindades, quando eu demonstrei interesses em saber quem seria meu orixá. Lembro-me que já era um pouco tarde, estávamos nos organizando para sair, quando ela foi provocada por uma terceira pessoa a consultar os búzios para saber quem seria meu orixá.

Costumo dizer que Mãe Angela é uma mãe-de-santo completa, na verdade nasceu para tal coisa, andava preparada para possíveis cuidados espirituais e costumava consultar os orixás para qualquer situação adversa que poderia acontecer. Ela aceitou consultar meu orixá, se dirigiu a mala de seu carro e trouxe uma bolsa de palha com vários elementos religiosos dentro, que ela costumava chamar de kit macumba. Lembro-me que na bolsa continha uma peneira de palha, algumas guias religiosas, um frasco de vidro com seus dezesseis búzios, moedas e alguns

minerais específicos, lembro-me de um quartzo rosa. Ela possuía também um *adjá* de madeira, que inclusive existe até hoje em seus materiais litúrgicos.

Sentamos em volta de uma mesa grande, ela me perguntou meu nome completo e minha data de nascimento. Eu estava sem entender muita coisa, ansioso para a resposta que teria do jogo de búzios.

Mãe Angela colocou a peneira sobre a mesa, arrodada das guias e sobre a peneira espalhou dezesseis búzios com a parte aberta da concha virada para cima. Antes de iniciar os procedimentos me fez algumas perguntas, me perguntou o motivo pelo qual eu gostaria de saber meu orixá e perguntou se eu tinha interesses na religião. Eu estava vivendo cada momento de minha chegada e confesso que não tinha certeza se queria religião, fui sincero com ela quando argumentei que eu gostaria de me conhecer mais com base nas características de meu orixá. Ela compreendeu e iniciou o procedimento. Com os búzios nas mãos, chacoalhava pronunciando frases em voz baixa, de modo discreto que era impossível de entender, sobre a peneira deu a primeira queda de búzios. Eu estava muito curioso e logo perguntei o que os orixás tinham dito, ela olhou discretamente me pedindo calma. A cada queda mãe Angela movimentava a cabeça concordando com as informações adquiridas.

Após as quedas ela me falou que iria fazer a confirmação final de meu orixá e sobre a peneira pegou quatro búzios, me pediu para aproximar a cabeça, colocou a mão com búzios fechada sobre minha cabeça e deu a última e esperada queda sobre a peneira. Eu não entendia nada do que se passava, mas a última queda eu nunca esquecerei. Os quatro búzios caíram abertos com uma velocidade que tanto eu, quanto a própria Mãe Angela nos assustamos, parecia que haviam sido empurrados por uma força que não conseguíamos ver. Era uma *aláfia*⁴⁰, a confirmação de meu orixá. Mãe Angela festejou com um grito forte, pronunciando: *Okê arô, meu pai!* passando as mãos sobre os braços, alegando estar sentindo fortemente a energia de meu orixá.

Mãe Angela me trouxe a notícia com emoção, senti que ela havia enxergado algo além do que me podia falar no jogo de búzios, após a queda de confirmação de *Oxóssi* ela ainda consultava os búzios gesticulando. Mãe Angela por saber de minha falta de entendimento me trouxe muitas informações sobre o orixá e sobre as características de seus filhos, parecia que a todo tempo ela estava falando de mim, de meu temperamento, de minha forma de pensar e agir.

Fui socializado no cristianismo por influência de meus pais, frequentei durante anos a religião católica, passei pelos principais sacramentos da igreja, mas vivi todo esse tempo

⁴⁰ Odú (caminho) de confirmação das indagações feitos pelo sacerdote ou sacerdotisa aos orixás através do jogo de búzios. Geralmente feita com quatro búzios.

questionando o fato de eu frequentar uma religiosidade que não me aceitava como eu realmente era, eu estava vivendo o despertar de minha homossexualidade beirando a fase adulta. Em minha adolescência criei vínculos, ainda na escola, que me fizeram buscar respostas para a minha existência dentro do contexto da fé e nunca obtive até então. Ao ingressar na universidade no ano de 2009, deixei de frequentar a igreja e decidi me manter sem religião durante um tempo, fui encorajado pela ciência a romper com toda a farsa que me cercava chamada cristianismo.

No meu período de afastamento do cristianismo passei por julgamentos familiares e de amigos que conquistei na época, vivi um momento de intensas reflexões sobre mim quando me tornei aluno do maior espaço de integração e diversidade no estado de Alagoas, a Universidade Federal de Alagoas. Fiz parte de movimento estudantil, me tornei militante de diversas pautas em que eu me inseria e tinha lugar de fala, do movimento negro ao movimento LGBTQIA+, estive levantando bandeira de minorias que encontravam naquele espaço liberdade para reivindicar os seus direitos sociais. Costumo dizer com muita convicção: não foi o candomblé que me libertou das garras do cristianismo, foi a ciência! Eu encontrei no candomblé acolhimento por ser quem eu sou, mas a minha liberdade como pessoa eu obtive pelo universo acadêmico que me cercava.

Após o primeiro jogo de búzios eu passei a me sentir parte da religião, me coloquei como negro, homossexual, vivendo em busca de minhas origens étnicas e religiosas, eu encontrei no candomblé uma autoafirmação política e social, enxerguei no povo de santo um núcleo de apoio e acolhimento e decidi adentrar à religião.

Dois meses depois de meu primeiro jogo de búzios fui à procura de Mãe Angela para comunicá-la que queria viver o candomblé, fui recebido em sua residência para uma conversa e esclareci meus interesses. Mãe Angela sabia que eu havia sido levado pela pesquisa ao terreiro e deixou claro que seria importante separar as vivências acadêmicas e religiosas para preservar os mistérios ritualísticos do candomblé. Eu entendi e aceitei as condições, pedindo pela primeira vez a sua bênção e me declarando seu filho-de-santo de *Oxóssi*.

1.4 A festa de *exú* do terreiro

Meu primeiro dia de função no Ilê Axé Legionirê aconteceu numa festa em homenagem a *exú*⁴¹, um pouco diferente dos demais noviços do terreiro, que inicialmente iam às festividades

⁴¹ No Ilê Axé Legionirê somente *exú* entidade são cortejados com festas, festa que ocorre uma vez por ano numa data fixa, sempre no dia 24 de agosto de cada ano. *Exú* orixá ou *Legbá* é considerado mensageiro do panteão africano, divindade; *exú* entidade (catiço) são entidades que viveram em nossos tempos, geralmente ligadas a

públicas para só depois poder participar dos rituais internos, logo fui convidado a participar de rituais internos, fundamentos frequentados apenas por filhos-de-santo mais antigos. Lembrome que quando fui apresentado a Manoel do Xoroquê como filho-de-santo de Mãe Angela, no caso filho-de-santo do terreiro, logo fui direcionado por ele a participar das obrigações. Mãe Angela havia me orientado que eu iniciaria devagar as participações nas funções do terreiro. Fui ao terreiro no dia do abaxé⁴² para *exú*, era mês de agosto e alguns filhos-de-santo da casa já preparavam as ofertas de suas entidades e do *exú* da casa, *exú* de Manoel, Seu Tranca Ruas.

O terreiro estava bastante movimentado, a todo tempo chegavam bodes e cabras, além de muitas galinhas para serem sacrificadas; Mãe Angela havia encomendado um casal de bichos de ponta⁴³ que ofertaria às suas entidades. Na organização do ritual, Manoel solicitou minha ajuda, pediu que eu ajudasse a organizar o quarto de seu *exú*, logo Mãe Angela me direcionou ao local e me passou as coordenadas. O quarto do *exú* era muito escuro, com uma estatueta de aproximadamente um metro e meio, feita de massapê com dois chifres de boi na cabeça, era uma estatueta em representação ao Seu Tranca Ruas, *exú* de Manoel; no chão estavam diversos assentamentos⁴⁴ dos filhos-de-santo do terreiro, onde seriam depositadas as oferendas e os sacrifícios animais. Fui informado que todos os assentamentos do lado esquerdo de quem entrava no quarto eram de *exús* e que os assentamentos do lado direito eram de *pombogiras*⁴⁵. Ao lado direito a estatueta de Seu Tranca Ruas tinha um assentamento grande, também de massapê, era o assentamento da *pombogira* de Manoel, Dona Rosa Caveira. Mãe Angela me orientou a preparar tudo.

Por volta das 14:00h, os filhos da casa já haviam finalizado o almoço, quando Manoel abriu o portão do terreiro, entrou no quarto de *exú* com ligeireza e lá de dentro gritou de forma imponente: “*laroyê exú!*” Os filhos responderam às pressas: “*laroyê!*” Manoel iniciou as cantigas para *exú* enquanto todos corriam para acompanhá-lo. Alagbê Carlinhos levantou em busca de um atabaque para entoar o som e acompanhar as cantigas. Alguns filhos resmungavam discretamente por não concordar com o comportamento de Manoel, depois fiquei sabendo por uma irmã-de-santo que ele agia sempre dessa forma.

vícios, que bebem e e fumam, tendo o seu lado feminino as pombogiras. No corpo do texto usarei “*Exú*” para me referir ao orixá e “*exú*” para me referir à entidade (catiço).

⁴² Sacrifício de animais como oferenda aos orixás e entidades do terreiro.

⁴³ Casal de bode e cabra, como chamam os religiosos.

⁴⁴ Local sagrado montado com louça, barro, pratos, dependendo do orixá, utilizado para se depositar oferendas aos orixás e entidades, no contexto religioso é onde se compactua a força dos ancestrais.

⁴⁵ Panbu ia-njila ou inzila (em quimbundo), na mitologia bantu é um inquite de caminhos, comunicação. No culto associado ao candomblé, são entidades de recado, figuras femininas ligadas a vícios que incorporam em pessoas.

Aos poucos se formava uma discreta fila de mães e pais-de-santo nas proximidades do quarto de *exú*, na porta do quarto estavam duas *ekedis* e dois *ogãs*, Manoel era o único a estar dentro do quarto no momento, cantando e saudando *exú* intensamente. Ao som dos *adjás*, toque do atabaque e às cantigas de todos da casa os sacerdotes já sentiam suas entidades. Nos fins das cantigas sequenciais, Manoel reza para de trazer os bodes, Mãe Angela foi a primeira filha a se dirigir à porta do terreiro, ela parecia realizar suas preces enquanto ele sacrificava o bode para seu *exú*. Na sequência os demais sacerdotes se dirigiam um por um à porta do quarto. A segunda pessoa a se dirigir ao quarto foi Mãe Zazy, no momento do sacrifício ela levou um barra vento⁴⁶ forte, os *ogãs* correram para ajudá-la a incorporar, aos poucos seu *exú* veio em terra, era Seu Vira Mundo.

No ritual, primeiro se sacrificava para os *exús* e os sacrifícios iam sendo feito um por um para as entidades dos sacerdotes da casa, todos eles incorporavam seus *exús*, na ocasião menos Mãe Angela, o que havia me deixado intrigado. Mãe Angela teria sido a primeira da fila por ser a mais velha da casa, seguida por mãe Zazy e os demais - soube em outra ocasião que o *exú* que ela havia alimentado, Seu Lonã, não incorpora nela, por esse motivo ela se manteve acompanhando todo o ritual.

Finalizado o ritual para os *exús*, iniciou-se o ritual para as *pombogiras*, seguia o mesmo sistema de fila para os sacerdotes e Mãe Angela era novamente a primeira. Após os cortejos às *pombogiras*, Manoel reza para se trazer uma cabra, nesse momento Mãe Angela já sentia algo estranho que deixava sua respiração ofegante. Quando Manoel sacrificou a cabra, ela incorporou de forma brusca sua *pombogira*, Dona Tata da Rosa, uma entidade séria, que se manteve na porta do quarto até o fim do sacrifício e foi embora com uma gargalhada tenebrosa. Na sequência os demais filhos receberam suas entidades um a um até o fim do ritual.

No fim do ritual para os *exús*, Manoel se dirigiu a Mãe Angela e perguntou se ela sabia se eu era *ogã*, ela informou que não havia visto no jogo de búzios ainda, ele pediu para que ela observasse e ela por obediência assim o fez. Já era tarde, de repente faltou energia no terreiro, Mãe Angela pegou uma vela de sete dias e se dirigiu ao quarto de consulta comigo para novamente consultar os orixás. Lembro-me que ela finalizou a consulta com a seguinte frase: “É, meu filho, você não nasceu com o dom da incorporação.”

1.5 Surge Kojàinlè: minha iniciação

⁴⁶ Sacolejada da entidade antes de tomar a consciência do médium.

No ano de 2013, quase um ano após a minha chegada ao Ilê Axé Legionirê, eu dei um *bori*, um ritual para meu fortalecimento espiritual. A partir do *bori* alguns filhos-de-santo já passam a ser liberados para realizar algumas funções dentro do terreiro, diz-se que o *bori* é a primeira forma de carregar o axé, a identidade da família religiosa.

No dia 14 de junho de 2014 eu me recolhi para passar pelos preceitos da iniciação completa na religião. Passei alguns meses me organizando financeiramente para arcar com as despesas da iniciação, os animais a serem sacrificados, os materiais a serem sacralizados, além das despesas do recolhimento. No período de recolhimento de noviços na religião o terreiro se mantém em atividade constante, significando que é necessário o manter abastecido de alimento para os irmãos que estarão frequentando, assim como manter as despesas fixas de energias, gás, água.

No Ilê Axé Legionirê a iniciação para quem não incorpora, os *ogãs* e as *ekedis*, acontece de maneira diferente, o tempo de recolhimento é reduzido, e os preceitos são distintos dos chamados rodantes. No candomblé a iniciação requer sacrifícios, como o de raspar a cabeça como sinônimo de renascimento aos adeptos iniciados. Vale ressaltar: “A iniciação ou feitura “faz” a pessoa como filha de um santo e faz o santo ou orixá individual de quem ela é filha. A partir daí, ambos, a filha-de-santo e o seu orixá individual, ingressam em uma trajetória de crescimento e maturação que lhes permite ascender na hierarquia da casa” (Rabelo, 2020, p. 4).

No Ilê Axé Legionirê *ogãs* e *ekedis* não têm suas cabeças raspadas na iniciação, tradição modificada por Manoel de seus sacerdotes. Eu passei sete dias recolhido, conectado com o sagrado, carreguei meu kelê⁴⁷ com afeto, aprendi que aquele seria meu maior momento na religião, pois só nascemos no candomblé uma única vez em nossas vidas. Passei pelas rezas sagradas da camarinha, recebi meu nome religioso, passei a ser chamado de *Kojàinlè*, descobri mistérios de meu orixá, meus caminhos espirituais e descobri o cargo de *ogã* que carrego, sou *pejigã*.

No período de minha iniciação mais quatro *yaôs* também estavam recolhidos em iniciação, sendo três deles filhos-de-santo de Mãe Angela, um *barco de quatro iniciados*⁴⁸. Acompanhei a iniciação do barco de forma indireta, pois na reta final de seus fundamentos eu ainda estava recolhido, fomos iniciados juntos, porém em camarinhas diferentes.

Durante o recolhimento para iniciação de um *yaô*, que pode durar entre 15 dias e 3 meses, toda a comunidade religiosa encontra-se em funções constantes. É comum que, em alguns casos,

⁴⁷ Jóia sagrada carregada no pescoço no período de iniciação do filho dos religiosos.

⁴⁸ Denominação dada a um grupo de *yaôs* que se iniciam juntos, dormindo na mesma camarinha, na mesma esteira, nascendo juntos para a religião.

mesmo após a festa pública que marca a saída do recolhimento, o *yaô* ainda permaneça no terreiro para cumprir seu resguardo⁴⁹. A frequência de filhos-de-santo no terreiro varia de acordo com a afinidade dos irmãos-de-santo com o *yaô* recolhido, sendo comum que os irmãos com laços de amizade mais intensos estejam integralmente nas funções e no dia-a-dia do terreiro durante todo o período do recolhimento. É necessária a presença dos filhos-de-santo para cozinhar para o *yaô*, zelar do espaço físico do terreiro, ajudar nas rezas religiosas e cuidar do noviço que está em momento de renascimento espiritual. O *yaô* se mantém recluso na camarinha, se desconectando do mundo profano e se conectando ao sagrado para assim “nascer novamente para o orixá”.

Éramos eu, *ogã* de *Oxóssi*, Jéssica de *Iemanjá*, Mariana de *Iansã*, Nelma de *Oxum* e Diego de *Ayrá*. Tivemos os preceitos realizados no mesmo dia, porém de forma diferente por termos espiritualidades diferentes. Assim como eu havia sido informado na minha entrada no Ilê Axé Legionirê, Manoel foi o responsável por realizar os sacrifícios animais em minha iniciação - no terreiro até existiam *axoguns*⁵⁰ preparados e apontados pelos orixás para realizarem os sacrifícios animais, porém Manoel não abria mão de realizar, ele sempre foi a única grande figura de seu terreiro. Seguindo a hierarquia, meu orixá recebeu o primeiro sacrifício animal e seguiram os demais procedimentos. Manoel não costuma participar dos fundamentos litúrgicos de todos os filhos, ele faz questão de participar dos preceitos dos filhos que ele tem mais afinidade, como analisarei mais adiante.

Minha iniciação foi o momento em que eu mais me senti pertencente à religião, me senti de fato renovado e renascido. No exercício de minhas funções, a iniciação foi a grande complementação de minhas atividades no terreiro, pois eu já vinha desenvolvendo funções que eram de competência de meu cargo desde que iniciei minha trajetória no Ilê Axé Legionirê.

1.6 A Minha inserção no meu campo como pesquisador

Após ter passado por todo o processo de iniciação na religião tive acesso aos segredos que tanto me interessavam, os segredos rituais, que se iniciavam no salão do terreiro com as atividades públicas e continuavam nos espaços reservados aos filhos-de-santo autorizados a participar. Na condição de *ogã* fui liberado pelos mais velhos para vivenciar diversos momentos religiosos. Lembro-me que alguns preceitos internos da camarinha só diziam respeito aos pais e mães-de-santo e eu tinha a minha participação proibida.

⁴⁹ Período pós-obrigações religiosas em que o iniciado se mantém com algumas restrições alimentares e comportamentais. Nesse período, ingestão de bebidas alcólicas e práticas sexuais são proibidas, por exemplo.

⁵⁰ *Ogã* responsável por realizar sacrifícios animais.

A dualidade de ser ao mesmo tempo um pesquisador e um religioso me causava um grande conflito. Eu via nos rituais muitas possibilidades de pesquisas que ao meu ver eram muito ricas, porém por diversas vezes fui obrigado a filtrar as informações que poderiam ser documentadas em minhas escritas. A espiritualidade que pairava sobre mim também era um obstáculo, pois o meu senso de pertencimento ao terreiro me limitava a produzir algo sobre o segredo que eu mesmo ajudava a manter como povo tradicional de terreiro. De acordo com Fontes (2015), “o segredo é negociável”, porém no meu caso, antes de uma negociação com meus interlocutores, eu precisaria negociar comigo mesmo, com o meu próprio sentimento de pertencimento e com minhas próprias questões e princípios ético-religiosos.

Finalizei meu TCC na licenciatura em Geografia e costumo dizer que não entreguei nada do que me pertencia como religioso, mantive guardado todos os segredos rituais possíveis que me foram confiados. Quando resolvi construir meu projeto de mestrado pensei que seria o momento de materializar o que foi vivido durante meus anos de religião, porém mantenho relações de continuidade em um terreiro que insiste em traçar limites entre o que se vive na liturgia religiosa e o que pode ser visto pelos de fora.

2. AS RAÍZES QUE DÃO BONS FRUTOS: DA RAÍZ LEGIONIRÊ AO SURGIMENTO DA PRIMEIRA RAMA

2.1 Manoel do Xoroquê

Manoel Lima Teixeira, 56 anos, conhecido como Manoel do Xoroquê (devido ao orixá para o qual foi iniciado, *Ogum Xoroquê*) é o líder do Ilê Axé Legionirê e figura principal desse trabalho. Sua trajetória religiosa se inicia aos 13 anos de idade quando, escondido de sua família, passa a frequentar terreiros de candomblé na cidade de Maceió. Frequentou inicialmente o terreiro de dona Gerusa Donato de Iemanjá, terreiro de *nagô*⁵¹ no bairro Poço em Maceió-AL. O *nagô* de dona Gerusa era conhecido como *Congo Belga*, uma denominação de tradições diferentes dos demais terreiros de *nagô*. Manoel teve uma trajetória espiritual difícil, antes de sua iniciação no candomblé passou por experiências espirituais marcantes. Passou pouco tempo no *nagô* de Dona Gerusa, aproximadamente cinco anos. Enquanto os demais filhos-de-santo da casa incorporavam seus orixás sem maiores problemas, ele tinha revelações espirituais inexplicáveis com *Exú*. Sem orientações o suficiente para as suas necessidades, inclusive por Dona Gerusa que julgava que o mesmo estava perseguido por espíritos obsessores, se aventurou nos terreiros de candomblé de Alagoas. Foi quando em 1984, seu orixá bolou⁵² no terreiro de Petrônio Jacinto Costa, Pai Petrônio de *Igbalé*⁵³, no município de Matriz do Camaragibe-AL.

Pai Petrônio de *Igbalé*, por sua vez, era filho-de-santo de Pai Cícero Romão de Oliveira Lopes, popularmente conhecido como Pai Baiá de Xangô, uma abreviação de sua *digina*, *Baiálewí*. Pai Baiá era considerado uma personalidade em Alagoas, tendo iniciado grandes sacerdotes na religião do estado. Há relatos de que Pai Petrônio convidou sua irmã-de-santo, Mãe Kina de *Yepondá*, para ajudar na iniciação de Manoel como mãe criadeira (mãe-de-santo responsável por cuidar do *yaô* na camarinha no período iniciático), porém não obtiveram êxito. Manoel é do orixá *Exú* e em Alagoas nunca se havia iniciado esse orixá. Mãe Kina fez um apelo ao seu sacerdote, Pai Baiá, que se dirigiu à casa de Pai Petrônio para iniciar Manoel ele mesmo. Alguns filhos-de-santo mais antigos da casa relatam que ele chegou a fazer algumas viagens para aprender segredos do orixá de Manoel. Pai Baiá tinha seu terreiro de candomblé em Maceió,

⁵¹ Diz-se de uma cultura de tradições dos povos específicos no candomblé, também conhecido como nação ou uma tradição de evolução dos povos jeje. Para mais sobre nações, vê: VATIN, X. Etude comparative de différentes nations de candomblé à Bahia, Brésil, Tese de Doutorado em Antropologia Social e Etnologia, Paris (Ehess, 2001, p. 430)

⁵² Ato de cair e embolar sobre o transe, no chão do terreiro, ocasionado pelo orixá quando precisa ser iniciado.

⁵³ Caminho de *Oyá*, senhora que domina e controla os *egús* (mortos).

no bairro do Vergel, mas realizou todo o preceito de iniciação de Manoel na casa de Pai Petrônio, pois o recolhimento já havia sido realizado lá. Manoel foi iniciado para o orixá *Ogum Xoroquê*, segundo o mesmo, pelo fato de não se fazer *Exú* em Alagoas. Manoel foi o primeiro iniciado para Xoroquê no estado de Alagoas, em sua iniciação recebeu a dígina Legionirê, utilizada na nomenclatura de seu terreiro até os dias de hoje.

Após três meses de recolhimento, o que não é comum nos dias de hoje, aconteceu sua saída pública. Manoel relata que passou por diversos testes no recolhimento, suas memórias lhe trazem marcas de sacrifícios muito grandes por amor ao seu orixá. Em sua feitura, Manoel foi *yaô-deká*, Pai Baiá resolveu respeitar sua trajetória no nagô e logo lhe direcionou ao cargo de sacerdote. Um outro motivo relatado foi o fato de Manoel ter sido iniciado para um tipo de orixá não tão comum e que precisaria por esse motivo de um cargo.

No candomblé em Alagoas, o pioneirismo é tido como elemento legitimador de prestígio para os sacerdotes. Nessa perspectiva, o fato de iniciar um filho para um orixá nunca antes “feito”, fazia de Pai Baiá um grande precursor no estado, lhe conferindo certo prestígio e reconhecimento. Essa tradição foi mantida e seguida por alguns de seus filhos-de-santo, como é o caso do próprio Manoel, conhecido por ser o primeiro a iniciar alguns orixás⁵⁴ em Alagoas, como *Topé*, *Funan*⁵⁵, o primeiro *Ossain*. Manoel do Xoroquê sempre teve uma grande sede pelo pioneirismo e explica isso como uma característica de seu orixá. As maiores rodas de candomblé na época eram da casa de Pai Baiá, inclusive nas festividades de *Iemanjá* do 8 de dezembro, na praia de Maceió. Hoje é o Ilê Axé Legionirê que tem a maior roda de candomblé na festa de *Iemanjá* no 8 de dezembro, conhecida atualmente como Festa das Águas.

Algumas tradições da casa de Pai Baiá iam sendo rompidas por Manoel do Xoroquê ainda no período em que eram família-de-santo, como por exemplo a raspagem de *ogãs* e *ekedis* na iniciação. Pai Baiá raspava as cabeças de *ogãs* e *ekedis* em suas iniciações, costume que Manoel decidiu não perpetuar. Aos poucos, a relação dos dois sacerdotes foi ficando abalada, até que Manoel resolveu romper laços religiosos com Pai Baiá e ir em busca de complementar suas tradições religiosas com outro sacerdote, Pai Edinho de *Oyá*, popularmente conhecido como Pai Edinho da Mona, residente em Recife-PE, no bairro de Mustardinha. Nas tradições do candomblé um sacerdote é obrigado a ter alguém que zele por ele, que realize cuidados espirituais em seu favor.

Manoel do Xoroquê sempre manteve relações difíceis com seus sacerdotes, com Pai Edinho não foi diferente. No ano de minha iniciação eu já ouvia falar de Pai Edinho da Mona,

⁵⁴ Enredo religioso particular de casa filho-de-santo que traz a identidade dos seus orixás.

⁵⁵ Caminhos de orixá *Oyá* antes considerados raros.

nós sabíamos que ele teria sido o último sacerdote com quem Manoel havia dado obrigações, porém o próprio se referia à figura dele com certa irrelevância. Pai Edinho faleceu há dois anos aproximadamente, um irmão-de-santo de Manoel o contactou no intuito de dar a informação, para que mantivesse o resguardo e tomasse certos cuidados espirituais específicos após a morte de seu babalorixá - no candomblé se trata a morte com cerimônias, desde a entrega do *ará* sagrado (corpo), até o ritual do axexê dias após o falecimento.

Como filho-de-santo do terreiro, observei que Manoel do Xoroquê se mostra independente espiritualmente. É importante destacar que quando um sacerdote chega a uma certa idade “de santo”, passa a ter mais autonomia em suas práticas religiosas, estando cada vez mais independente de outras pessoas para continuar sua jornada espiritual.

O Ilê Axé Legionirê, o terreiro raiz da rama Legionirê, surge no bairro do Poço em 1995, posteriormente migrou para o bairro do Jacintinho no recorrente ano, numa casa alugada. Em 1996, o terreiro se muda para o local atual, no bairro do Benedito Bentes, dessa vez para um terreno de propriedade de Manoel. Em uma conversa informal com Manoel, ele falou com emoção sobre sua vinda para o Benedito Bentes, que lhe proporcionou viver próximo à natureza e assim ter mais facilidade em suas práticas de culto.

Um dos primeiros moradores do bairro, Manoel do Xoroquê se instala então na parte alta da cidade num terreno simples, construído pouco a pouco. Em entrevista, ele enfatizou a importância de ter chegado primeiro, afinal os que chegavam depois eram obrigados a lhe respeitar, haja vista que existem no Brasil diversos casos de intolerância religiosa que resultam em agressões aos terreiros de candomblé. Nos primeiros anos do novo terreiro, alguns filhos-de-santo foram iniciados no espaço ainda em reforma, o próprio Manoel ocupava o terreiro de forma improvisada, dividindo sua residência com o espaço de culto.

Com o passar dos tempos, Manoel do Xoroquê conseguiu negociar uma área verde nas proximidades do terreiro no intuito de expandir os rituais religiosos, haja vista a importante ligação da religião com a natureza. A área verde foi adquirida e até hoje é utilizada para o cultivo de ervas utilizadas nos rituais, para o depósito de oferendas e para a criação de animais a serem utilizados nos rituais. O terreno em frente ao terreiro também foi adquirido, sendo utilizado para o culto das entidades *juremeiras*⁵⁶, hoje utilizado para o culto a *Ifá*⁵⁷.

2.2 Eram vários terreiros dentro de um só

⁵⁶ Entidades de uma corrente de tradições religiosas nordestina que se iniciou com o uso da jurema pelos indígenas da região norte e nordeste do Brasil tendo sofrido influências de variadas origens, da feitiçaria europeia à pajelança.

⁵⁷ Culto ao oráculo adivinhatório de Orunmilá, grande babalaô dos orixás.

As relações no Ilê Axé Legionirê eram regadas a certos desafetos de seus filhos-de-santo, por existirem vários terreiros convivendo em um único espaço haviam constantes divergências e disputas. Os espaços do terreiro eram compartilhados entre os filhos-de-santo e os que tinham condições de pagar por um lugar no terreiro assim faziam. Lembro-me que na época cada sacerdote mais velho tinha um quarto que seria negociado com Manoel para cultivar seus orixás, guardar seus assentamentos e de seus filhos, esses quartos serviam também para guardar indumentárias e materiais em comum usados por cada família-de-santo em particular, até mesmo utensílios utilizados na cozinha como pratos, copos, facas, eram separados, cada sacerdote tinha os seus guardados para utilizar quando precisassem. Somente os filhos-de-santo dos sacerdotes ou pessoas autorizadas teriam acesso aos quartos que eram trancados com chaves. Alguns espaços do terreiro eram utilizados em comum e nas funções recebiam partilhas de materiais de cada família-de-santo, como o quarto de jogo de búzios. Qualquer sacerdote poderia usar o quarto de jogo de búzios, porém precisaria levar seus próprios búzios para consultar os orixás.

A negociação do espaço físico do terreiro era feita com o próprio Manoel do Xoroquê. Os filhos que tinham interesse em possuir um quarto, negociavam um espaço e ficavam responsáveis por construí-lo. Os quartos de orixás eram pequenos espaços de alvenaria improvisada, basicamente uma forma de manter os assentamentos guardados e protegidos. Os filhos-de-santo que não tinham condições de negociar um espaço para seus orixás dividiam os quartos em comum, os chamados quartos comunitários.

Mãe Angela e Mãe Zazy, ambas pessoas de confiança de Manoel do Xoroquê, tinham seus lugares muito bem definidos no terreiro. Possuíam seus filhos-de-santo, mantinham ensinamentos relativamente diferentes e absorviam de forma distinta as regras da casa. Nas funções do terreiro e nas principais festas públicas, era possível observar o destaque das duas mães-de-santo, que apesar de possuírem seus quartos privados, dividiam os espaços comuns da casa para cuidar de seus filhos-de-santo, além de prestarem também assistência aos filhos-de-santo de Manoel. Lembro-me que Manoel convocava frequentemente uma das duas mães-de-santo para prestar assistência espiritual às pessoas que chegavam no terreiro. Manoel sempre teve liberdade para interferir nas relações das duas sacerdotisas com seus filhos, fazia questão de deixar claro que mesmo existindo formas diferentes de lidar com o sagrado e ensinamentos particulares de cada sacerdote da casa, estávamos todos no seu terreiro e as regras finais eram dele. As relações mantidas entre Pai Manoel e seus filhos, de modo especial Mãe Angela e Mãe Zazy, configura simbolicamente uma relação familiar, regada ao uso de autoridade religiosa e cumprimento de regras de acordo com o preceito hierárquico do terreiro.

Para Rabelo (2020), a iniciação no candomblé requer não apenas um vínculo de dois parceiros apenas, implica em assumir, de fato, o peso de uma herança familiar resultante em laços de parentesco.

No terreiro, a construção e a manutenção de vínculos com os orixás enredam filhos-de-santo em uma série de obrigações para com aqueles que intervêm nesses processos. A *iaô* nova é frágil depende diretamente de sua mãe ou pai de santo, da mãe e pai pequeno que estiveram ao seu lado quando foi recolhida, dos mais velhos que atuaram nos procedimentos da sua feitura. (Rabelo, 2020, p. 15)

As relações de família simbólica são tão intensas entre o povo de santo, que é possível comparar com as relações muitas vezes estreitas estabelecidas nas famílias consanguíneas. Por exemplo, quando criança, sempre escutei de minha mãe que enquanto eu me mantivesse embaixo de seu teto quem ditaria as regras sobre mim e minhas relações de amizade era ela.

Os religiosos assumem uma nova família ao se iniciarem em seus terreiros, uma família simbólica. No caso de um sacerdote, por exemplo, por mais tempo “de santo” ou por maior que seja o seu conhecimento das práticas ritualísticas, ele sempre precisará de alguém para cuidar de seu espiritual. Assim, o parentesco religioso não se quebra e os lugares ocupados na hierarquia se mantêm, a relação de um pai-de-santo com um sacerdote superior é perene. Mãe Zezé, por exemplo, citada anteriormente, detentora do cargo de *yakekerê* no Ilê Axé Legionirê, tem mais tempo de iniciada que Pai Manoel, porém, com a morte de seu pai-de-santo, Pai Baiá (o mesmo pai-de-santo que iniciou Pai Manoel), ela resolveu manter seus cuidados espirituais com alguém que tivesse conhecimento de sua jornada espiritual, mesmo sendo mais novo que ela na religião.

Mesmo que no candomblé a família simbólica seja mais importante do que a família consanguínea, existem heranças espirituais advindas desta última. Essas heranças espirituais constituem, segundo Goldman (2012), “divindades ‘já prontas’ ou já ‘feitas’ que são transmitidas a um descendente, ou mesmo a pessoas apenas próximas, após o falecimento do transmissor”. Tomemos como exemplo o caso de Mãe Zazy, que foi introduzida na religião por sua mãe biológica, Mãe Lulú (uma sacerdotiza do *congo belga* já falecida), e que posteriormente introduziu seu casal de filhos biológicos na religião: Munick e Kauã, ambos iniciados por Manoel do Xoroquê. Com a morte de Mãe Lulú, Munick, hoje mãe-de-santo, herdou as entidades da avó. A concretização dos feitos herdados dos mais velhos se dá também com as relações de convivências com as pessoas do terreiro, quando, Goldman (2012), indica que ao invés de um modelo de transmissão entre sangue e convivência, é mais pertinente pensar em transmissão da herança ou aprendizado, quando a participação nas práticas religiosas e a convivência nos terreiros precisa ser levado em conta.

Além dos vínculos internos entre o pai-de-santo maior do terreiro e seus descendentes, entre a raiz religiosa e suas ramas, existem relações de parentescos com casas distintas que carregaram o mesmo axé de origem do sacerdote maior do terreiro. Na cidade de Maceió existem alguns poucos xangôs que são descendentes do terreiro de Pai Baiá. Mãe Kina, por exemplo, a mãe-de-santo que esteve na iniciação de Pai Manoel, tem terreiro de candomblé aberto na região central de Maceió. Mesmo mantendo a mesma descendência religiosa esses terreiros não costumam manter boas relações, como esclarece Oliveira (2005) em seus estudos sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká em Salvador-BA, que os terreiros de mesma descendência mantêm distanciamentos por questões históricas remotas e também recentes. Provavelmente Pai Manoel possui grandes motivos para se manter distante dos terreiros de sua mesma origem.

No período em que o Ilê Axé Legionirê começou a se expandir com a criação do terreiro de Mãe Carla e Pai Gel, as sacerdotisas mais antigas da casa, Mãe Angela e Mãe Zazy se mostraram resistentes em fazer o mesmo. Participavam inclusive das funções religiosas no terreiro dos irmãos como representantes diretas de Manoel. Alguns filhos-de-santo de Mãe Angela já a pressionavam a buscar “um chão para o terreiro de mãe *Oxum*”. Os principais motivos era o fato de os cuidados espirituais de seus filhos-de-santo ficarem limitados à disponibilidade de acesso ao terreiro raiz. Tenho lembranças que todos os assentamentos dos filhos iniciados, assim como os de Mãe Angela, ficavam todos amontoados no pequeno espaço de um quarto.

Nas regras de convivência do Ilê Axé Legionirê, não bastava ao sacerdote ter um quarto para cuidar de seus filhos-de-santo, era necessário manter uma boa relação com Manoel do Xoroquê e com todos os integrantes do terreiro, se manter presente nas funções, caso contrário o acesso ao terreiro seria dificultado ou até impedido pelo próprio Manoel. Lembro-me que certa vez fomos ao terreiro realizar ofertas aos orixás e as portas encontravam-se trancadas a cadeados, fomos informados que o terreiro não seria aberto. As obrigações e funções só aconteciam quando Manoel do Xoroquê autorizava a entrada no espaço comum do terreiro, dessa forma a existência de vários terreiros convivendo em um mesmo espaço era limitada às regras importadas pelo sacerdote maior do axé.

Algumas das obrigações de filhos-de-santo do terreiro só aconteciam com a presença de Mãe Angela ou Mãe Zazy, pois elas tinham os materiais necessários para as funções, materiais esses guardados no quarto de ambas. Os materiais a que me refiro são facas, pratos, instrumentos sagrados como adjás, sementes, aparamentas⁵⁸ de orixás, materiais utilizados

⁵⁸ Indumentárias específicas de cada orixá, armaduras, coroas, instrumentos usados apenas nos orixás quando incorporam.

frequentemente nas funções do terreiro que muitas vezes não eram disponibilizados nos espaços coletivos.

Ao serem iniciados, todos os filhos-de-santo do terreiro precisariam contribuir com uma mensalidade para a manutenção do espaço físico, como na época o terreiro tinha muitos filhos, o valor cobrado era simbólico. Manoel prezava pelo zelo dos assentamentos de orixás, utilizava sempre o discurso que “quem tem santo tem que cuidar”. O número de assentamentos existentes no terreiro era enorme, uma mistura de assentamentos cuidados e abandonados, além dos que foram desmontados. Manoel do Xoroquê fazia questão de desmontar os assentamentos dos filhos que abandonavam o terreiro, mas não se desfazia dos elementos sagrados de dentro dos assentamentos⁵⁹ - talvez por ser temente a força do orixá que ele mesmo “fez nascer”. O comportamento de Manoel para com os elementos sagrados é compreensível, pois “o assentamento é o santo, mas também uma zona de encontro entre o santo, a *iaô* (que cuida dele) e a mãe ou pai que fez os dois no terreiro” (Rabelo, 2014).

Além dos filhos-de-santo que tradicionalmente acompanham a jornada religiosa de seus sacerdotes, é comum que os sacerdotes tenham seus clientes, pessoas sem vínculos iniciáticos que visitam os terreiros para se consultar com jogo de búzios ou obter cuidados espirituais. Os clientes ajudam de certa forma na manutenção do espaço físico do terreiro, e ajudam também nas despesas pessoais dos sacerdotes, haja vista que boa parte dos sacerdotes vivem das funções religiosas, fazem de sua trajetória religiosa uma profissão. Sobre a prática de serviços espirituais podemos entender: “sua magia passou a atender a uma larga clientela, o jogo de búzios e os ebós do candomblé rapidamente se popularizaram, concorrendo com a consulta a caboclos e pretos-velhos da umbanda.” (Prandi, 2004, p. 224).

A visita dos clientes ao Ilê Axé Legionirê era unicamente direcionada a Manoel do Xoroquê, geralmente as pessoas que iam em busca de cuidados iam para se tratar com ele, os demais sacerdotes que ali existiam apenas prestavam assistência. Manoel abria mão de atender a seus clientes, na maioria das vezes os direcionava à Mãe Angela ou Mãe Zazy, principalmente para jogo de búzios.

⁵⁹ Na montagem de um igbá de santo (assentamento de orixá) são colocados objetos sacralizados a serem encantados no ritual religioso. O principal objeto seria o ocutá (uma pedra), um seixo, geralmente, além de moedas, búzios, sementes específicas, joias de ouro ou prata, guias, minerais específicos, além de ferramentas específicas de cada orixá. Todos os elementos utilizados eram colocados dentro de uma tigela de materiais específicos, podendo ser de louça, barro, e cercada de pratos de cores específicas dos orixás. Na tradição do Ilê Axé Legionirê a montagem fazia referência a uma flor, com os pratos arrodando a tigela. No assentamento ainda continha os *kelês* (jóias de miçangas utilizadas no pescoço de cada iniciado no período de sua iniciação, considerado o elo de ligação entre o filho-de-santo e seu orixá) de cada filhos iniciados. O desmonte do assentamento acontecia com a retirada dos pratos e da tigela para uso nas funções do terreiro, porém, Pai Manoel não se desfazia dos objetos sagrados de dentro dos assentamentos, ele juntava todos em um único assentamento para serem zelados, esses assentamentos eram chamados de comunitários.

Devido ao fato de o Ilê Axé Legionirê ser o terreiro de Manoel do Xoroquê, que é muito conhecido em Alagoas, os demais sacerdotes da casa não se sentiam à vontade para levar seus clientes ao terreiro e muitas vezes realizavam suas consultas espirituais em suas residências - consultas com jogo de búzios e entidades, até mesmo limpezas espirituais simples - levando seus clientes para o terreiro somente em casos extremos, como *bori* ou uma iniciação.

Mãe Angela não costumava ter clientes, as pessoas que ela atendia eram pessoas interessadas em viver realmente a religião. Na maioria das vezes ela jogava búzios para pessoas que queriam ser seus filhos-de-santo ou ainda irmãos-de-santo que Manoel recomendava. Mãe Zazy era quem dava o auxílio aos clientes de Manoel do Xoroquê, estando sempre disponível pois morava ao lado do terreiro e convivia integralmente com Manoel e com o terreiro de maneira geral. O fato é que Mãe Angela e Mãe Zazy exerciam, as duas juntas, o papel de sacerdote que deveria ser exercido por Manoel. Enquanto uma cuidava do espiritual dos principais filhos-de-santo dele, a outra cuidava dos clientes. Recordo-me de Lu, uma cliente antiga de Manoel, que de tempos em tempos aparecia no terreiro para jogar búzios e falar com a entidade dele, Dona Maria do Acais. Em sua chegada, Lú já deixava claro que queria se consultar com Pai Manoel, que não adiantava vir outro sacerdote. Manoel atendia algumas pessoas específicas que assim como Lú faziam questão de serem atendidas por ele.

Manoel do Xoroquê nunca havia dado autonomia a nenhum filho-de-santo para abrir seu próprio terreiro. Pai Gil da *Funan*, uma personalidade dos terreiros de candomblé de Maceió, foi a primeira pessoa que o fez, mas isso custou a ruptura com o Legionirê. Na verdade, logo após receber os direitos de sacerdote, Pai Gil abriu sua casa sem maiores demandas, o que foi para Manoel do Xoroquê uma grande afronta. Pai Gil era conhecido por seu orixá raro, *Oyá Funan*, tendo sido o mesmo, o primeiro iniciado para esse orixá em Maceió - mais um fruto do pioneirismo que Manoel do Xoroquê almejava.

O terreiro de Pai Gil, o Ilê Axé Omo Oyá Funan féfé Orum, virou alvo de críticas de Manoel do Xoroquê e conseqüentemente de seus filhos-de-santo. Era o exemplo a não se seguir. Pai Gil passou a ser visto como um afrontoso e um grande rival religioso do Legionirê. Nos eventos públicos religiosos, como nos dias da Consciência Negra (20 de novembro) quando se misturavam os povos de terreiro na Serra da Barriga em União dos Palmares, era possível enxergar a rivalidade entre os diferentes grupos.

Os filhos-de-santo do Ilê Axé Legionirê compreenderam que manifestar o desejo de ter seu próprio terreiro seria arriscar as suas relações com o seu axé. É interessante deixar claro que Manoel do Xoroquê, como o grande protagonista de seu terreiro, é o responsável por articular todas as políticas do Legionirê. Isso mudou em 2014, quando ele autorizou a criação

do primeiro terreiro descendente do seu. Permitir que seus filhos-de-santo “caminhassem com suas próprias pernas” custaram aceitar as mudanças bruscas da dinâmica religiosa da rama.

2.3 O surgimento da primeira rama: Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerùm raízes Legionirê

A criação do primeiro terreiro da rama Legionirê, o Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerùm raízes Legionirê é um dos pontos cruciais das preocupações desse trabalho. O surgimento do terreiro de Mãe Carla e Pai Gel configura um rompimento de uma suposta tradição mantida no terreiro raiz desde o seu surgimento, sendo o primeiro terreiro de candomblé autorizado por Manoel do Xoroquê a carregar suas raízes em sua descendência.

Mãe Carla de *Oxum* e Pai Gel de *Logunedé* são dois sacerdotes iniciados por Manoel do Xoroquê, casados, passaram a se dedicar ao sagrado integralmente, investindo todo o seu tempo nas funções religiosas. O casal de sacerdotes sempre manteve relações de amor e ódio com Manoel. Em certos momentos estavam muito próximos, mantendo laços de amizade além das relações espirituais, noutros se mantinham afastados e se “alfinetando”. Em minha chegada ao Ilê axé Legionirê, Mãe Carla e Pai Gel haviam iniciado os cuidados de seus próprios filhos-de-santo de modo muito improvisado. Assim como boa parte dos sacerdotes pertencentes ao terreiro raiz, alugaram uma casa na parte alta da cidade de Maceió para estarem mais próximos do terreiro raiz e poder prestar atendimentos espirituais aos filhos-de-santo e aos clientes que lhes procuravam. Manoel do Xoroquê frequentava bastante a casa do casal, inclusive para encontros não religiosos, com a presença de alguns filhos-de-santo e amigos. Lembro-me que Mãe Carla e Pai Gel quase nunca estavam presentes nas funções diárias do terreiro raiz, apareciam apenas nas principais festividades, sendo alvos de certas críticas dos outros filhos-de-santo que estavam sempre no terreiro. Ora, tendo o candomblé uma tradição oral, é uma religião que impõe presença e que está de certa forma presa à execução das funções e cargos rituais. As reclamações dos filhos mais assíduos eram então fundamentadas no fato de que a falta de vivência do casal no dia-a-dia do terreiro não os dava acesso aos ensinamentos de seu sacerdote e dos irmãos-de-santo mais velhos.

No ano de 2013 aconteceu uma reunião no Ilê Axé Legionirê com a “patente”, quer dizer, os pais e mães-de-santo do terreiro, *ogãs* e *ekedis*. Eu estive presente acompanhando Mãe Angela. A reunião era bem direcionada a alguns sacerdotes específicos, Pai Manoel citou nomes e fez uma provocação. O objetivo da reunião era anunciar que o terreiro de Mãe Carla e Pai Gel seria criado e que a partir daí os demais sacerdotes com perfil para a coisa, seriam

incentivados a fazer o mesmo. É importante frisar que em nenhum momento Manoel do Xoroquê citou os nomes de Mãe Angela e Mãe Zazy, parecia que elas não estavam inclusas no discurso e no incentivo, parecia que ele mesmo não acreditava que elas fossem um dia construir seus próprios terreiros.

O Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê foi então inaugurado no dia 28 de junho de 2014, com uma festa em homenagem ao orixá Xangô. A inauguração se deu no bairro Benedito Bentes, no loteamento vizinho ao terreiro raiz, no Conjunto Cidade Sorriso II. A proximidade com o terreiro raiz foi decorrente da disponibilidade de espaço amplo a baixo custo na periferia de Maceió, além da necessidade de natureza para os fundamentos religiosos, haja vista que nas proximidades do terreiro raiz ainda existiam amplos espaços disponíveis e pequenos resquícios de vegetação. O espaço em que o terreiro foi construído foi adquirido com a ajuda dos filhos-de-santo e clientes de Mãe Carla e Pai Gel. A sacralização do terreiro foi feita por Manoel do Xoroquê e contou com a presença de alguns filhos-de-santo do terreiro raiz, além, evidentemente, dos filhos da nova casa.

No dia da inauguração, Manoel do Xoroquê se fez presente para abrir o toque e entregar a responsabilidade ao casal de sacerdotes. Lembro-me que a casa estava cheia, os filhos do terreiro raiz estavam presentes, foi um grande evento para a família-de-santo. Na ocasião escutei alguns breves comentários de irmãos-de-santo meus, alguns estavam para vê se tudo aquilo daria certo, outros para dá apoio e ajudar no ritual de inauguração. Manoel do Xoroquê se mostrava entusiasmado com o feito, introduziu a reza inicial para *Exú*, realizou os fundamentos iniciáticos comuns em todos os toques⁶⁰ de sua casa e decretou inaugurado o Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê.

O desafio inicial para Mãe Carla e Pai Gel era colocar em prática os ensinamentos adquiridos por seu pai-de-santo e seus irmãos mais velhos, assim como manter a dinâmica de um toque de candomblé. É importante destacar que as práticas litúrgicas do candomblé não se resumem às festividades propostas à comunidade religiosa, mas também às rezas de cuidados espirituais, de recolhimento, ao preparo dos alimentos sagrados. Reproduzir as tradições de sua raiz exigiria vivência e aprendizado, o que o casal de sacerdotes tinha de forma limitada por terem vivido pouco tempo no terreiro raiz.

Em minhas andanças no Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê recordo-me de algumas adaptações e mudanças nas tradições do terreiro raiz, como por exemplo a iniciação de *ogãs* e *ekedis* com raspagem total da cabeça, além de realizar festas públicas após

⁶⁰ Festividade pública realizada pelos terreiros, também chamado de xirê. Geralmente para a comunidade em geral, os terreiros costumam realizar as festas para toda a comunidade.

o período de recolhimento. Lembro-me que fomos indagar Manoel do Xoroquê sobre a quebra da tradição dos rituais da casa e sentimos de início uma insatisfação, mas que foi resolvida posteriormente. Manoel sentiu na pele o que ele foi para seu pai-de-santo no período em que protagonizou mudanças em sua forma de cultuar e entendeu que o caminho mais curto para se resolver essa questão era aceitando as mudanças de seus filhos.

A independência religiosa adquirida com a criação do seu próprio terreiro deu a Mãe Carla e Pai Gel autonomia para reestruturar suas tradições religiosas e assim implantar suas próprias identidades na maneira de cultuar o que era sagrado para o povo de santo. Mãe Carla é minha *yakekerê* (nesse caso, segunda pessoa depois de Mãe Angela nos meus cuidados espirituais), sempre mantivemos um bom diálogo, em uma de minhas conversas informais com ela, ela me contou de seus momentos de desentendimento com seu sacerdote. Ela explica que Pai Gel é mais paciente e maleável, mas que ela tem o temperamento forte e vez ou outra vive certos choques de ideias com Manoel.

No ano de 2016 o Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê desterritorializa em direção a outro bairro da parte alta de Maceió, o motivo foi um problema com a vizinhança, que havia ameaçado os filhos-de-santo do terreiro e Pai Gel, no intuito de preservar a integridade física de sua família-de-santo, resolveu buscar um outro espaço para realizar suas práticas ritualísticas. No período da opressão vivida por Mãe Carla, Pai Gel e sua família-de-santo, Manoel do Xoroquê se mobilizou junto a alguns filhos do terreiro raiz e prestaram apoio ao casal de sacerdotes.

O terreiro de Mãe Carla e Pai Gel funcionam, atualmente, no bairro Santa Lúcia, em Maceió e é uma das maiores *ramas* do Ilê Axé Legionirê, mantendo-se presente nas principais festividades do terreiro raiz e em ocasiões que envolvem as diferentes famílias da rama Legionirê.

3. PARENTESCO RELIGIOSO NA RAMA

3.1 Incursões teóricas

As análises sobre parentesco sempre ocuparam lugares de destaque na Antropologia Social (Firth, 1956), porém seus estudos em sociedades ocidentais não ganharam tanta importância quanto os estudos em sociedades “primitivas”. Essas sociedades precisavam ser entendidas pelos colonizadores europeus no período do mercantilismo, havia um esforço para entender os povos considerados exóticos, surgindo a partir daí o interesse dos antropólogos por essas antigas sociedades.

Numa perspectiva metodológica, destaca-se a antropologia de gabinete, proposta pelos antropólogos evolucionistas, construindo suas próprias interpretações dos povos analisados, tendo como base de comparação as sociedades em que estavam inseridos. Apesar do esforço com as inúmeras pesquisas desenvolvidas, os antropólogos evolucionistas não conseguiram estruturar adequadamente uma análise concreta das sociedades consideradas complexas (os povos primitivos), haja vista que a comparação com a ocidental como base tornava cada vez mais complexa a estrutura de parentesco com os povos primitivos. No estudo sobre o cônjuge nas sociedades primitivas de Levi-Strauss (1976), o fato de nelas não ser possível prescrever o cônjuge, fez com que muitos antropólogos não considerassem como válido seu estudo sobre tais sociedades.

Outra grande contribuição é a de Raymond Firth com sua obra “Two Studies of Kinship In London” (1956), onde o mesmo faz um grande esforço para entender a rede de relações de parentesco na família linear londrina. A análise no contexto urbano concretiza que as relações de parentesco se estendem no sentido horizontal, destacando as relações de pais e tios e de irmãos e primos. Pouco tempo depois surge o trabalho de Elizabeth Bott, denominado “Family and Social Network” (1957), um estudo comparativo entre grupos de famílias londrinas consideradas problemáticas e outras consideradas normais. Bott destaca que a dinâmica familiar acontece predominantemente no lar e não nos lugares públicos como escola, trabalho e que para se realizar um estudo detalhado dessas relações seria necessário que os antropólogos fossem convidados a penetrar no seio familiar.

Outros importantes trabalhos que podemos destacar: “Ritual in Family Living”, de Bossard and Boll (1956), em que estudam o dia-a-dia de uma família, sobretudo ritual de vivência de um determinado grupo, e “Kinship and Casework” de Leichter and Mitchell (1967),

com destaque ao contexto da proximidade geográfica dos parentes como influência para se estabelecer relações nos centros urbanos.

No Brasil, damos destaques a Oraci Nogueira (1962) com sua importante contribuição nos estudos da família no contexto histórico e Gilberto Velho (1973), que resgatou as perspectivas de proximidades geográficas de Leichter and Mitchell (1967) em sua obra a “Utopia Urbana” (1973).

Trazendo esses estudos sobre família para o contexto familiar simbólico das comunidades afro-brasileiras, destacamos o pioneiro trabalho: *A Família de Santo nos Candomblés Jeje-Nagô* (2003 [1977]), de Vivaldo da Costa Lima. Enquanto nesse período já se tinha diversos estudos sobre a possessão e práticas ritualísticas no candomblé baiano, Costa Lima se debruçou sobre as relações familiares entre o povo de santo da Bahia.

No Brasil é comum pensarmos na família de santo como substituta da família consanguínea nas relações religiosas. Essa perspectiva possui heranças do período da escravidão, quando, misturados nos navios negreiros, africanos de diferentes lugares do seu continente, extraídos de seus núcleos consanguíneos familiares, se misturaram numa única perspectiva diaspórica: a de sobreviver. Na luta do povo preto para resistir à realidade colonial brasileira, viram-se forçados a construir laços por meio de uma identificação étnica. Constituíam-se vínculos familiares em condições comuns às que viviam, estabelecendo-se núcleos de solidariedade e criando-se relações de irmandade no intuito de reconstruir simbolicamente seus laços afetivos e de parentesco.

Sob essa ótica, segundo a antropóloga especialista em estudos de parentesco religioso Clara Flaksman:

A composição das famílias de santo era uma maneira de os escravizados recriarem as suas estruturas familiares que haviam sido rompidas com a escravidão. O candomblé é uma criação – no seio da Igreja Católica, pois isso era necessário na época, senão seria proibido – que permitiu aos negros escravizados recriarem a sua família de sangue. (Flaksman, 2018, p. 129).

Nesse caso, entende-se que o contexto de família de sangue estaria para além das relações afetivas estabelecidas, fundamentando-se na junção de diferentes cultos aos orixás unificados como forma de resistência ainda no período colonial.

Para entender melhor o processo de transformação das estruturas familiares no candomblé, é preciso relacioná-lo à necessidade de um culto tipicamente brasileiro. Por meio disso, o candomblé se estabelece no Brasil com a união dos diferentes cultos aos orixás divinizados na África, onde os africanos tiveram a necessidade de reorganizar e unificar suas formas de culto, estruturando uma nova modalidade religiosa. No passado africano, o culto aos

orixás acontecia de formas individualizadas, em diferentes locais do continente, divididos em diversos países, onde dos mais de 400 orixás cultuados, foi criado um culto unificado de dezesseis deles, estabelecendo-se assim uma estrutura familiar de relações entre os ancestrais como forma de resistir. (Flaksman, 2018). Assim, agrupando os diferentes orixás cultuados de distintas nações africanas, estrutura-se um novo modelo organizacional de culto, assentando diferentes orixás, de diferentes culturas e clãs, num movimento que exclui alguns cultos e prioriza outros, estruturando uma grande família de divindades. Com o agrupamento do culto aos orixás, ocorre um compartilhamento de vivências de seus seguidores na estrutura religiosa do candomblé, quando morando juntos, dividindo os mesmos espaços, foram estabelecidas novas relações de parentesco, estruturando o que conhecemos como “família simbólica”.

A estrutura da “família simbólica” é criada no momento da iniciação na religião, na *feitura* ou *raspagem*, nas diferentes formas de se referir à iniciação, ingresso religioso nos cultos do candomblé. Antes mesmo de passar pelo ritual de iniciação, uma pessoa é introduzida numa categoria de pertencimento à família simbólica: os *abiãs*. Aqueles que vão nascer, que pretendem criar laços de família com a comunidade religiosa. Eles participam das cerimônias, passam a saber um pouco de sua espiritualidade religiosa, se podem entrar em transe. Após a iniciação, ao *abiãs* se tornam *yaôs*, nascerão de novo na religião, conhecem um pouco mais a fundo suas espiritualidades, recebem suas *diginas* (caso ocorrente no Legionirê, mas não comum em todos os cultos) e iniciam suas jornadas espirituais, geralmente contabilizando-as para um possível futuro sacerdócio. A partir daí, os *yaôs* ocupam um lugar na família simbólica, recebem um pai ou mãe-de-santo e antes deles, avós. Irmãos, em alguns casos “gêmeos místicos”, nas palavras de Flaksman (2018), para se referir aos irmãos de barco, aqueles que foram iniciados juntos, frutos do mesmo útero religioso, além de primos, netos também se adicionam nessa nova dinâmica familiar. Os títulos desse parentesco são acompanhados do sufixo “de-santo”, para marcar o parentesco religioso.

A estrutura da família-de-santo fez com que muitos autores a defendessem como uma nova família, dissociando-a da família consanguínea, apesar das importantes relações que existem entre as heranças espirituais perpassadas de familiares antepassados para seus descendentes consanguíneos, o que me deterei adiante. Vivaldo da Costa Lima, (2003 [1977]), analisa a família-de-santo como excludente à família sanguínea, destacando a iniciação na religião como um ganho de uma nova família, onde novas relações para além das relações familiares consanguíneas são estabelecidas e vivenciadas pelos religiosos. O objetivo principal da obra clássica de Costa Lima era, segundo ele, “analisar uma relação entre o sistema empírico que é a família-de-santo com a família estruturada em bases direi que ‘sociobiológicas’ e a

sociedade global em que os dois sistemas se inserem” (1977, p. 26). Esforçando-se para analisar diferentes relações de parentesco em distintos terreiros de Salvador, conclui que “a linhagem de santo se opunha, assim, à família biológica, esta última raramente reconstituída na nova circunstância sociopolítica dos escravos africanos e seus descendentes no Brasil” (1977, p. 142).

Existem dinâmicas alternativas que participam à lógica de negociação tão forte nessas religiões. Por exemplo, um iniciado que rompe com seu terreiro deve obrigatoriamente se ligar a outro pai/mãe-de-santo e conseqüentemente, a outra casa de culto com uma nova família-de-santo. A chegada a outro terreiro após ter passado por preceitos iniciáticos em outra casa de culto será, a partir daí, uma continuidade religiosa que agregará aos conhecimentos adquiridos pelos religiosos, novas maneiras e tradições de culto ao sagrado.

No Legionirê é comum que seja respeitado o tempo iniciático dos religiosos que chegam à tradição do axé raiz, diferente de outras casas de culto, conseqüentemente, buscar o Legionirê ao romper com outros terreiros vizinhos é certeza de que não será necessário reiniciar os preceitos religiosos já vividos, independente de se manter cultos diferentes. Os novos vínculos estabelecidos em nenhum momento apagam as relações que os religiosos mantiveram com seus sacerdotes anteriores, de modo a valorizar a trajetória religiosa já vivida. Os religiosos se tornam filhos do axé ao passarem pelo ritual do *bori*⁶¹, carregando assim o axé da casa. É comum a existência de filhos-de-santo agregados ao axé após ter cumprido seus períodos iniciáticos em outros terreiros, vindos em busca apenas de receber *deká*⁶². Esses, em sua maioria, já possuem espaços religiosos onde cuidam de seus clientes e futuros filhos-de-santo, ou têm pretensão de fundar seus terreiros, sendo reconhecidos ao receberem seus *dekás* como mais uma rama do Legionirê. Os filhos-de-santo que buscam o Legionirê apenas para o *deká* e rompem com o axé raiz em seguida são considerados terreiros independentes, geralmente não são reconhecidos posteriormente como parte do axé raiz.

Como nas famílias tradicionais conhecidas na sociedade, a família-de-santo é composta por uma hierarquia que se organiza dos mais velhos aos mais novos, porém a hierarquia dos mais velhos para os mais novos, na família-de-santo, se organiza de acordo com o tempo de iniciação de cada religioso, não pela idade especificamente, sendo assim, um religioso mais velho em idade e recém iniciado na religião. Assim, deve respeitar seu mais novo em idade caso ele tenha mais tempo de iniciado nos preceitos religiosos.

⁶¹ Ritual religioso de fortificação com limpezas espirituais e oferendas aos orixás para despertar o prosperidade e purificar os adeptos. Na tradição do Legionirê, o *bori* é a primeira etapa da iniciação na religião.

⁶² *Deká* ou *adeká*, diz-se do cargo de sacerdócio entregue aos *yaôs* quando os mesmos completam o seu ciclo iniciático, que geralmente é de sete anos, tornando-os *babalorixás* ou *iyalorixás*.

A rede de relações entre os terreiros da rama Legionirê existe desde o surgimento do terreiro raiz, mas se intensifica a medida em que a rama vai se expandindo. É também importante enfatizar que existem dois tipos de relações de parentesco no Ilê Axé Legionirê: as relações entre as ramas e o axé raiz (entre terreiro-filho e terreiro-pai); e as relações entre as ramas (entre terreiros-irmãos) e suas ramificações (terreiros-netos e todas as possibilidades que se seguem numa árvore genealógica).

3.2 Antes da rama / A origem da rama/ Por que o Legionirê é a origem da rama?

Rupturas e rompimentos familiares/ A origem da rama e uma árvore genealógica cheia de rupturas

Em Maceió existem alguns terreiros liderados por sacerdotes que se iniciaram no mesmo axé de Manoel do Xoroquê, no terreiro de Pai Baiá. Eles seriam então, na grande árvore genealógica que deu origem ao Ilê Axé Legionirê, terreiros-irmãos. Porém os laços familiares entre o Legionirê e a família de Pai Baiá sempre se mantiveram abalados por causa de divergências religiosas.

O Ilê Axé Legionirê não se vê como uma rama da casa de Pai Baiá, sendo o fenômeno da rama não automático e inerente à cada abertura de terreiro. Para se ser rama precisa-se ter o senso de pertencimento e carregar a identidade religiosa de seu terreiro de origem, o que não aconteceu na relação religiosa do Legionirê.

A relação de Manoel do Xoroquê com o seu sacerdote, Pai Baiá, era um pouco conturbada, eles divergiam muito em seus princípios religiosos. Manoel do Xoroquê ocupava o cargo de *babakekerê* no terreiro de Pai Baiá e paralelamente já tocava candomblé em uma casa alugada, na rua Manoel Ponciúncias, no bairro Jacintinho em Maceió. Manoel contrariava vez ou outra os preceitos de Pai Baiá, sempre impondo personalidade em sua forma de cultuar o sagrado. É importante destacar que na perspectiva de criação de seu próprio terreiro, Manoel introduz uma continuidade das tradições do terreiro de Pai Baiá com implementações de tradições religiosas de acordo com suas necessidades sacerdotais, porém não se considera uma rama de Baiá, pois houve uma ruptura entre os dois, influenciada pelas personalidades fortes de ambos. A existência do Legionirê no período em que Manoel do Xoroquê ainda era filho-de-santo de Pai Baiá era considerada independente, haja vista que Manoel a partir do momento em que fundou seu próprio espaço de culto passou a não contar com os auxílios de seu sacerdote.

Ao romper com o axé de Pai Baiá, Manoel do Xoroquê também rompeu relações com seus irmãos-de-santo. Pai Jedilson de Logun Edér, ex irmão-de-santo de Manoel, chefe de um

terreiro no bairro Vergel, é um dos únicos que visita o axé raiz em algumas ocasiões e alguns terreiros-filhos da rama até hoje, mantendo relações religiosas de terreiro-irmão do Legionirê. Pai Jedilson é membro da primeira federação de terreiros em Alagoas e tenta manter relações diplomáticas com todos os terreiros de Maceió.

Pode-se dizer que Manoel do Xoroquê não mantém quase nenhuma relação com seus irmãos-de-santo, mas costuma receber bem os sacerdotes e qualquer público que frequente o axé raiz nas festividades.

3.3 [Terreiros-filhos] Terreiros que são descendentes diretos do Ilê Axé Legionirê

Trata-se dos terreiros que foram inaugurados com a autorização de Manoel de Xoroquê, terreiros abertos por seus filhos-de-santo.

No Legionirê, a partir de um *deká* de um pai/mãe-de-santo, fica autorizada a abertura da casa para funções espirituais, dependendo, geralmente, de uma cerimônia religiosa interna de sacralização do espaço em que funcionará o terreiro. No processo de sacralização, o espaço físico do terreiro passa por adaptações para receber o “axé”⁶³ de Manoel do Xoroquê, a identidade do terreiro raiz. Abre-se um buraco no centro do salão para se enterrar um assentamento de orixá, e se pendura numa trouxa de pano um outro assentamento também no centro do salão. O assentamento enterrado é mantido alinhado com o assentamento da trouxa. O alinhamento de ambos faz referência à ligação entre o *aiê* (terra) e o *orum* (céu). O assentamento enterrado recebe o nome sagrado de “*mina* ou *minaxê*” e o assentamento da trouxa é chamado de “*cumeeira*”, o orixá que pousa sobre a *mina* é *Oxum* e sobre a *cumeeira* *Oxalá*⁶⁴, normalmente sendo uma regra em todos os terreiros da rama, salvo algumas exceções em que me deterei adiante. Na *mina* se coloca elementos que representam riqueza (ouro, prata, minerais preciosos, dinheiro), é feito o ritual de depósito de identidade, quando se coloca um pedaço da unha do sacerdote/sacerdotisa maior da rama representando o seu DNA, depositado em sacrifício por Manoel do Xoroquê, esse procedimento ocorre unicamente no ritual de inauguração do terreiro. Os animais sacrificados na *mina* são codornas. Além de um pequeno assentamento de louça com um seixo, búzios e moedas, é colocada também sob a *mina* uma pequena quartinha com água. Após o ritual de sacrifício, a *mina* é tampada com uma pedra de mármore, revestida com cimento, geralmente fechada logo que o ritual é finalizado e reaberta

⁶³ Axé no candomblé significa força, energia emanada dos orixás, voduns e inquices cultuados na religião.

⁶⁴ Pousar sob o assentamento é o mesmo que habitar o assentamento, se encantar no assentamento. Sendo o assentamento um elo de ligação entre o filho-de-santo e o orixá, aquele é um local em que o orixá pousa para também se conectar com seus filhos.

apenas um ano após o ritual, para a renovação dos preceitos. Na *cumeeira* é sacrificado um pombo branco, além do assentamento com moedas, um seixo e búzios. É pendurada uma quartinha pequena de louça, que só será reaberta um ano após a data da obrigação, acompanhando o procedimento da *mina*. O que diferencia os assentamentos no ato dos sacrifícios animais são as cores das louças e o tipo de seu material de composição, além dos objetos que são depositados dentro do assentamento. É realizado um ritual com rezas/cantos chamado *araim*, em que os assentamentos são temperados com mel, azeite de dendê, vinho branco e perfume (em alguns casos). O *araim* de cada assentamento no ato do sacrifício animal também é bastante específico, têm orixás que não recebem alguns elementos utilizados, como azeite de dendê, por exemplo, como é o caso de *Oxalá*, recebendo apenas mel. Diz-se dessa forma que ele possui quizila⁶⁵ com o azeite de dendê.

Após o ritual do *araim* é feita uma breve consulta aos assentamentos com quatro búzios apenas, no intuito de confirmar com o orixá, que pousa sobre aquele local sagrado, se está tudo pronto para receber o sacrifício animal. A confirmação é dada com a queda dos quatro búzios com o lado aberto da concha para cima, num procedimento chamado *alafia*. A *alafia* é a confirmação através dos búzios que o orixá está satisfeito com tudo o que foi preparado e que o ritual pode seguir.

Acompanhando os assentamentos de *mina* e *cumeeira* são montados, também, assentamentos de orixás que ficarão fixos na casa, alguns deles expostos, obrigatoriamente, a céu aberto, pois esses orixás precisam estar conectados com elementos da natureza (sol, chuva, vento), são os chamados orixás de tempo. São assentados juntos: *Ossain*, *Oxumaré*, *Tempo* e *Obaluaê*, esses são chamados de orixás da casa, aqueles que se manterão fixos para possíveis trabalhos espirituais que venham a ser realizados no terreiro. Associados aos assentamentos fixos da casa existe a necessidade de renovação das obrigações dos orixás do enredo do sacerdote (todos os orixás assentados na corrente espiritual do sacerdote maior da casa), a depender da necessidade de cada sacerdote são ofertados cabras ou bodes e frangos, ou em alguns casos apenas frangos, além de animais específicos para cada orixá. *Oxóssi*, por exemplo, recebe periquito, faisão, coelho, dentre outros animais específicos.

No terreiro a ser inaugurado é necessário um espaço reservado, de preferência próximo à entrada, para o assentamento de *Exú*. *Exú* é o início de tudo na religião, ele é senhor da estrada, mensageiro da religião, ninguém vai aos demais orixás sem que seja por ele. No Legionirê, quando iniciados no axé raiz, desde o seu período de *yaô*, os novos sacerdotes recebem seus

⁶⁵ Aversão, aborrecimento, antipatia por alguém ou intolerância alimentar adquirida na religião.

assentamentos de orixá, porém seus assentamentos de *Exú* só são montados quando os mesmos se tornam pais/mães-de-santo. Nas obrigações e preceitos internos do axé raiz é tradição que *Exú* do pai-de-santo receba as oferendas de todos os filhos, até mesmo daqueles que já são sacerdotes. Alguns assentamentos de orixás podem dividir o mesmo espaço, salvo algumas exceções de alguns orixás que possuem quizilas uns com os outros, casos como *Ogum* e *Xangô*, *Oxumaré* e *Oxóssi*, são os mais comuns.

O ritual inicia por *Exú*, primeiro são sacrificados todos os animais para se assentar o *Exú* da casa. Existe um detalhe bem importante na tradição do Legionirê, o *Exú* do sacerdote maior da casa só pode receber sacrifício animal pelas mãos de Manoel do Xoroquê ou de algum filho preparado especificamente para tal ato, os chamados *axoguns*⁶⁶, porém, diante das necessidades de os novos sacerdotes realizarem sacrifícios animais para seus filhos-de-santo e seus clientes, é assentado um outro *Exú* para tal objetivo, os chamados *exús* de trabalhos. Esses assentamentos terão a funcionalidade constante, mediante às necessidades dos sacerdotes e sacerdotisas realizarem seus rituais. No Legionirê apenas homens possuem “mão de faca”, ou seja, podem realizar sacrifícios animais, as mulheres sacerdotisas serão obrigadas a preparar um homem para realizar tal ato, elas ficam limitadas também a realizar cuidados e até acessar o quarto de *Exú*, até quando esses *Exús* pertencem a elas. Tradicionalmente, os *exús* dos sacerdotes da rama só recebem sacrifícios animais uma vez ao ano, no mês de agosto, quando Manoel do Xoroquê visita cada terreiro aberto em que é convocado para realizar a obrigação. Alguns sacerdotes que não podem arcar com o deslocamento de Manoel chegam a levar seus assentamentos de *Exú* ao axé raiz e negociam a oferta lá mesmo com o chefe do terreiro. Me recordo que existe um orgulho da maioria dos filhos ao verbalizarem que “seus *Exús* só comem pelas mãos de Manoel do Xoroquê”.

Os assentamentos de *Exú* são montados de forma muito específica e diferente dos assentamentos dos demais orixás, seus cuidados também são diferentes. No ato do sacrifício animal é depositado sangue dentro do assentamento e após o derramamento do sangue é feito o preparo específico com mel ou azeite de dendê na cozinha do terreiro de partes específicas dos animais sacrificados (cabeça, asa, pés) e colocados dentro dos assentamentos, que após 24h é retirado. O assentamento é lavado com água e *amassí* (banho de ervas maceradas), o ato de retirada das ofertas de dentro do assentamento é chamado de “suspender as obrigações”, as oferendas suspendidas são entregues à natureza, geralmente num espaço específico, externo ao terreiro. O ato de suspender as obrigações de *Exú*, diferentemente do ato aos demais orixás, não

⁶⁶ Tipo de *ogã*, responsável pelos sacrifícios animais no terreiro.

consiste na lavagem do assentamento. Nos assentamentos de *Exú* se retira as ofertas de dentro, mas não se usa água para limpar, se rega com uma mistura feita com azeite de dendê, mel, vinho branco e cachaça. O *araim* da obrigação para *Exú* é feito com mel, vinho branco, azeite de dendê, sal, açúcar e cachaça, além de ofertas de búzios e moedas.

Finalizado o ritual para *Exú*, seguem-se os preceitos aos demais assentamentos de orixás, o que inclui a *mina*, *cumeeira*, orixás de tempo e todos os orixás do enredo do sacerdote ou sacerdotisa maior da casa. Todo o sacrifício animal é feito por Manoel do Xoroquê e direcionado ao pai/mãe-de-santo maior do terreiro. As rezas/cânticos são compartilhadas entre eles e Manoel os induzem a protagonizar o ritual, libertando-os das amarras das dependências de sua figura. Geralmente o ritual é regado às visitas dos orixás no transe dos *yaôs* e *abians* e o momento mais esperado é a chegada, no ritual, do orixá maior da casa, o orixá do pai/mãe-de-santo principal da casa.

A concretização das obrigações internas do terreiro se dá um dia após a ocorrência das funções religiosas, quando se suspende as oferendas e entregam à natureza. Normalmente todos os filhos-de-santo do terreiro ficam de resguardo religiosos que envolve a não ingestão de bebida alcoólica e a não prática de atos sexuais num período de tempo determinado pelos sacerdotes do terreiro. Chamamos de verdadeira festa os preceitos realizados internamente acima descritos e a próxima etapa é promover a festividade de inauguração. A festividade é uma satisfação pública de que a rama está enfim inaugurada, geralmente uma festa aberta ao público, à família-de-santo e a todos público visitante. A primeira festividade ocorre com a presença de Manoel do Xoroquê que introduz o ritual sendo acompanhado pelo pai/mãe-de-santo principal da casa e finalmente deixa-os conduzir sozinhos, liberando-os para tal função sacerdotal.

No dia da primeira festividade de cada rama do Legionirê, é comum que os sacerdotes principais do terreiro vistam seus santos para serem cortejados pelo sacerdote maior da rama, Manoel do Xoroquê. O ritual de vestir santo tem início com o recolhimento do sacerdote à *camarinha* do terreiro para se aparamentar com as vestimentas e indumentárias de seus orixás, o procedimento ocorre durante a festividade, enquanto todos no terreiro rezam/cantam para os orixás. Após vestir a indumentária de seu orixá, Manoel do Xoroquê se dirige à *camarinha* comum *adjá* na mão a balançar sobre a cabeça do seu filho/filha-de-santo que se preparava, chamando seu orixá, que após incorporar é cortejado por Manoel durante a festividade.

Segundo as tradições, de maneira geral, no Legionirê os preceitos religiosos para a abertura de uma casa devem ser feitos, unicamente, por Manoel do Xoroquê, o chefe maior do axé. Na realidade, as coisas nem sempre acontecem na ordem ideal. Muitos iniciados, logo após

receber seus dekas e, com ele, os “direitos sacerdotais”, se apressam ao levarem seus assentamentos para casa e já iniciam os cuidados espirituais de seus clientes e pretensos filhos. O abrir casa no contexto do pós-*deká* envolve duas situações comuns: a inauguração do terreiro dentro dos preceitos de sacralização do território com ritual já citado ou abrir casa apenas para funções religiosas, sem realizar a sacralização do espaço. Nesse último caso, os terreiros mantêm a mesma funcionalidade dos demais, porém são lidos pelos terreiros-irmãos como templos incompletos.

Manoel do Xoroquê incentiva seus filhos-de-santo a levarem seus assentamentos para suas casas e iniciar por lá suas trajetórias religiosas, independentemente de ser casa alugada ou não, de se ter sacralizado o espaço religioso ou não. Acompanhei a saída dos assentamentos de alguns filhos-de-santo recém dekalizados no terreiro, lembro-me que muitos dos sacerdotes noviços levavam seus assentamentos no intuito apenas de zelar de seu espiritual em suas residências, porém com o passar dos tempos surgiam no terreiro já acompanhados de seus primeiros filhos-de-santo. Certa vez indaguei a Manoel do Xoroquê sobre o ato de levar o orixá para casa, ao perceber, numa situação, que um novo sacerdote estaria levando seus assentamentos para casa mesmo sem ter interesse de mantê-los perto, apenas impulsionado por seu sacerdote, recebi a seguinte resposta:

Ninguém acorda uma criança sem ter pelo menos um doce ou uma chupeta para acalantar, quem fez santo tem que cuidar do santo e se não tem “condição” a força que foi acordada arruma um jeito, orixá existe pra dá caminho. (Entrevista adquirida com Manoel de Xoroquê em 29/03/2020).

Podemos dizer que há uma negociação com o sagrado para que haja funcionalidade do templo que não passou pelos rituais de sacralização, assim como com o próprio Manoel do Xoroquê que autoriza e reconhece o templo como continuidade do axé raiz. É importante destacar que existe uma disputa pelas visitas de Manoel de Xoroquê nos templos, principalmente na inauguração dos terreiros, primeira festividade da casa de santo. Dos 28 terreiros que foram catalogados nesse trabalho, apenas alguns contaram com a presença física de Manoel do Xoroquê para os rituais de sacralização e abertura pública. Manoel não tem o hábito de frequentar os terreiros de seus filhos-de-santo, quase nunca se faz presente em festas públicas ou em rituais internos.

Observei que os primeiros terreiros inaugurados na rama Legionirê tiveram a presença de Manoel, os terreiros de Mãe Carla e Pai Gel, assim como o de Mãe Ângela, por exemplo, foram inaugurados com a presença do sacerdote, no caso do terreiro de Mãe Ângela, esse não foi um dos primeiros inaugurados, mas por ser uma de suas filhas-de-santo mais velha e por sua importância como sacerdotisa da rama, Manoel se manteve presente na festa de abertura.

Alguns outros terreiros foram autorizados a iniciar suas funções religiosas sem passar pelos preceitos de sacralização do espaço físico e sem a presença de Manoel para iniciar as funções.

O caso de Mãe Raquel de *Logunedér*, muito conhecida por sua *digina*⁶⁷ Locemim, é bastante interessante. Uma antiga filha de Pai Manoel, iniciada em 1998, ao se tornar sacerdotisa foi orientada a cuidar de seu orixá em casa. Como morava em um apartamento, resolveu montar o seu *peji*⁶⁸ em um dos quartos disponíveis e ali manter os cuidados espirituais de seus filhos. Sempre que pode realiza algumas funções religiosas em seu apartamento, recolhe filhos-de-santo para *bori*, faz limpezas espirituais e algumas pequenas festividades, como a do mês de setembro para os erês⁶⁹. Mãe Locemim sempre se mantém presente nas festividades do terreiro-raiz, e apesar da boa relação com Manoel, nunca teve seu *peji* visitado por ele.

Dinâmicas de disputas pela presença e atenção Manoel do Xoroquê podem ser observadas. A inauguração com a presença do fundador do axé raiz é objeto de desejo e frustração de alguns filhos-de-santo. O caso de Mãe Mércia de *Oyá* é um exemplo interessante a ser descrito. Uma das filhas-de-santo mais antigas do axé raiz, iniciada em 1987, decidiu abrir seu próprio terreiro seguindo o recente movimento de expansão da rama. Ainda durante a construção do imóvel onde funcionaria o terreiro, em Marechal Deodoro, município vizinho a Maceió, conseguiu levar Manoel do Xoroquê até o local para obter sugestões de onde seriam distribuídos os locais sagrados do templo. Porém, consciente de sua dificuldade em sair de casa, sabia que precisaria negociar muito bem suas próximas idas, o local era afastado da zona urbana da cidade e o deslocamento o incomodou. No dia da inauguração do terreiro, teve de ser incisiva para garantir a presença de seu sacerdote: enviou um de seus filhos-de-santo horas antes da cerimônia e o manteve de prontidão na porta do axé raiz. Ainda foi mais longe: disse que se Manoel do Xoroquê não fosse, não teria inauguração nenhuma. Não sem reclamar da insistência, Manoel foi à festa, cortejou a *Oyá* de Mãe Mércia e tudo ficou resolvido. Mãe Mércia de *Oyá* tem como herdeira de seu trono⁷⁰ sua filha consanguínea, Mãe Thaynara de *Oxum* (*yakekerê* do terreiro), também iniciada por Manoel do Xoroquê. Na ocasião de inauguração, a *yakekerê* também vestiu seu santo e foi cortejada pelo sacerdote.

Os terreiros-filhos geralmente seguem as orientações religiosas e determinações de Manoel do Xoroquê com flexibilidade. Os sacerdotes, ao inaugurarem seus terreiros, depositam

⁶⁷ É muito comum que alguns filhos-de-santo do terreiro sejam tratados por seus irmãos pela sua *digina*, ao ponto de não ser reconhecido por seus nomes sociais. No Legionirê os filhos chamam essas *diginas* de “*diginas que pegaram*”, ou seja, as que se popularizaram.

⁶⁸ Altar sagrado em que se cultua os orixás e entidades afro-brasileiras.

⁶⁹ Divindades crianças no candomblé, representando a inocência na religião.

⁷⁰ Herdar o trono é o mesmo que ocupar o papel de sacerdote principal do terreiro com a morte de seu superior, seria uma continuidade religiosa como herança espiritual.

sobre as práticas suas maneiras de cultivar o sagrado e acabam ficando mais livres dos padrões religiosos do axé raiz. O Ilê Axé Yapandalomim Ofaquerúm, terreiro de Mãe Carla e Pai Gel, por exemplo, é conhecido por romper com diversas tradições das práticas litúrgicas do axé raiz, mesmo que continue tendo intensa ligação.

3.4 [Terreiros-netos] Terreiros de filhos do Legionirê

Retomo minhas palavras anteriores para introduzir esse tópico, o Legionirê sempre foi um grande berço, local de acolhimento para filhos e netos. Manoel do Xoroquê é um avô cuidadoso e isso reflete em suas atitudes para com seus filhos e netos-de-santo.

Manoel do Xoroquê tem um forte senso de proteção diante das relações de seus filhos e netos. Ele interfere nas relações sempre que pode, tece críticas aos seus filhos se por acaso a forma de tratamento com os netos não for adequada, e em alguns casos extremos acolhe seus netos quando resolvem se retirar do convívio de seus pais e mães-de-santo, mantendo seus cuidados espirituais no axé raiz - situações como essa já aconteceram diversas vezes. Meu caso particular é um exemplo de como essas relações afetivas podem ser porosas e fugir das regras: apesar de ter sido iniciado por Manoel do Xoroquê e ele me ter como filho-de-santo, sempre tive mais envolvimento espiritual com as práticas religiosas de Mãe Ângela e me coloco hoje enquanto filho-de-santo dela, conseqüentemente neto-de-santo de Manoel. Inclusive, quando ela inaugurou seu terreiro de Mãe *Oxum*, levei meus assentamentos de santo juntos com os dela. Hoje meus cuidados espirituais são mantidos no terreiro de Mãe *Oxum*.

Me deterei em um episódio que marcou a dinâmica do Ilê Axé Legionirê e refletiu bastante nas relações de parentesco religioso na rama: o rompimento e a saída de Mãe Zazy do Legionirê.

Mãe Zazy (junto com mãe Ângela) foi uma das ialorixás que mais iniciou filhos próprios no terreiro raiz. Mesmo não tendo seu terreiro, realizava todas as iniciações no terreiro de Manoel do Xoroquê, movimentando bastante a camarinha⁷¹ do terreiro. Na época, filha de confiança de Manoel, muito atuante no terreiro, mantinha alguns benefícios ao seu favor. O espaço físico do axé raiz e alguns filhos-de-santo da casa estavam sempre a sua disposição e quando existia resistência de algumas pessoas para com ela, Manoel intervinha e conseguia manter a dinâmica em seu favor. Mãe Zazy realizava muitas consultas e cuidados espirituais aos clientes e filhos-de-santo de Manoel do Xoroquê a pedido dele. Era comum receber clientes frequentes do mesmo em suas visitas e auxiliá-lo no diálogo com seus filhos-de-santo.

⁷¹ Termo muito usado nos terreiros para se referir às iniciações mútuas de pessoas, recolhimentos seguidos de yaôs na camarinha do terreiro com iniciações constantes de novos filhos-de-santo.

No movimento de expansão do Legionirê, alguns terreiros de filhos-de-santo de Mãe Zazy foram inaugurados, como o Ilê Axé Omiofanicuram raízes Legionirê, terreiro de Pai Silvinho de Logun Edér; e o Ilê Axé Jexaorô raízes Legionirê, terreiro de Pai Janerson de *Oxum*, ambos localizados no mesmo bairro do axé raiz. Pude observar que a cerimônia de inauguração com o cortejo dos orixás dos filhos-de-santo foi feita por Mãe Zazy, mas os preceitos internos de sacralização foram realizados pelo avô-de-santo Manoel do Xoroquê. Mãe Zazy costumava frequentar esses dois terreiros com certa frequência, tanto nas funções internas, quanto nas festividades públicas. No axé raiz, a autoridade de Mãe Zazy era bastante limitada às ordens de Manoel, mas nesses dois terreiros de seus filhos, ela usava de toda sua autoridade de sacerdotisa maior para intervir nas relações entre seus filhos e seus netos-de-santo (estes últimos, bisnetos-de-santo de Manoel).

Pai Janerson de *Oxum*, por exemplo, sempre teve uma relação difícil com Mãe Zazy e quando ela tentava interferir demais na dinâmica de seu terreiro, ele tentava freá-la. Lembro-me de uma iniciação de uma jovem de *Oxumaré* no terreiro de Pai Janerson em que Mãe Zazy havia dado recomendações sobre a cor da roupa que o orixá vestiria na saída e não foi acatada. A situação gerou repercussão quando meses depois a jovem em questão saiu do terreiro e Mãe Zazy justificou a saída com a rebeldia de seu filho-de-santo em não aceitar suas recomendações.

Uma importante mudança na dinâmica de relação dos dois principais terreiros-netos já citados se deu com a saída de Mãe Zazy do Legionirê. Por motivos pessoais, Mãe Zazy resolveu romper com o Ilê Axé Legionirê e fundar seu próprio terreiro independente, quer dizer, sem ligação com a rama.

A filha consanguínea de Mãe Zazy foi iniciada por Manoel do Xoroquê ainda criança e hoje é iyalorixá com seu próprio terreiro aberto, conhecida como Mãe Munick de Ogum. Mãe Munick inaugurou seu terreiro, o Ilê Axé Palossyrê Ofátáfalomim raízes Legionirê, junto com sua esposa, Mãe Samira de *Oxóssi* (formando mais um terreiro da rama a ser comandado por um casal). Mãe Munick resolveu acompanhar a mãe no rompimento com Manoel do Xoroquê e com o Axé Legionirê. Me deterei um pouco mais adiante sobre Mãe Samira.

Poucos filhos de Mãe Zazy a acompanharam em seu rompimento com o Legionirê, ao contrário, os seus filhos mais antigos romperam com ela e se mantiveram no Legionirê. Esse é o caso de Pai Silvinho de Logun Edér, Pai Janerson de *Oxum*, *Eke di Gandê* e *Eke di Iris* de *Oyá* que passaram de netos-de-santo a filhos-de-santo de Manoel do Xoroquê, hoje mantendo os seus cuidados espirituais no axé raiz.

Manoel do Xoroquê costuma acolher todos os netos-de-santo que resolvem romper com os seus respectivos pais ou mães-de-santo (nesse caso, filhos-de-santo de Manoel). Sobre isso,

costuma dizer: “melhor aqui do que em outra casa e se não ‘quiser mais santo’ eu também entendo, melhor ficar sem religião do que ir para igreja”⁷². Sua colocação é sintomática dos traumas sofridos pela intolerância religiosa, sobretudo da parte de uma igreja localizada na rua de seu terreiro, cujos membros tentam evangelizar seus filhos-de-santo.

O caso de Mãe Samira de *Oxóssi* é interessante a ser analisado pois reflete a relação de Manoel do Xoroquê com seus netos-de-santo. Mãe Samira foi iniciada no terreiro de Mãe Carla e Pai Gel, o primeiro terreiro oficial da rama. Foi também a primeira *yaô* iniciada por eles e teve sua saída⁷³ na inauguração do terreiro em 2014. Após algumas insatisfações, um ano após sua iniciação, Mãe Samira procurou Manoel do Xoroquê para cuidar de seu espiritual, tendo sido acolhida no axé raiz. Essa mudança no cuidado espiritual de Mãe Samira para o axé raiz causou certo mal-estar entre seus sacerdotes envolvidos, o casal Mãe Carla e Pai Gel e seu pai-de-santo Manoel. Após uma conversa entre os sacerdotes e seu pai-de-santo a situação de Mãe Samira ficou resolvida, foi entendido que seria melhor que seus cuidados espirituais se mantivesse no axé raiz, haja vista que a mesma já não conseguiria manter uma boa relação familiar com seus antigos irmãos-de-santo e com seus sacerdotes. Mãe Samira chegou no axé raiz ainda *yaô* e recebeu seus direitos sacerdotais pelas mãos de Manoel do Xoroquê. Na ocasião de seu *deká*, contou com a presença de Mãe Carla e de Pai Gel, que fizeram questão de vir em sinal de respeito pelos envolvidos. Mais tarde, Mãe Samira adicionou mais uma camada de complexidade a seu percurso religioso e seguiu Mãe Zazy (sua sogra) no rompimento com o Legionirê. Hoje seus cuidados espirituais são mantidos pela própria Mãe Zazy.

Cada terreiro de candomblé mantém dogmas fundamentados nos preceitos religiosos que são chamados de tradições, heranças de seus mais velhos que são perpassados de gerações. No Legionirê as relações familiares e espirituais não se misturam, filhos consanguíneos não podem ser iniciados por seus pais nem ter continuidade espiritual com os mesmos. Mãe Zazy mesmo rompendo com o Legionirê manteve viva essa cultura com relação a sua filha consanguínea, Mãe Munick, cuidando apenas do espiritual de sua nora (Mãe Samira) e direcionando sua filha a outro sacerdote da cidade.

As pessoas que se relacionam com outras também não podem manter laços espirituais próximos, podem até frequentar o mesmo terreiro, mas não pode estar ligado espiritualmente uns aos outros, a justificativa que obtive dos sacerdotes mais velhos é que em ambas as relações

⁷² Não querer mais santo é o mesmo que não querer estar no candomblé, rompendo com as tradições religiosas e deixando de cultivar os orixás.

⁷³ Festa pública dada no fim do recolhimento do *yaô*, momento em que o *yaô* sai da camarina para ser cohecido como renascido na religião.

houve ou se mantém um ato sexual, e atos sexuais deixam o corpo impuro para a conexão com os orixás. Em minha trajetória no Legionirê já cheguei a ver partes de casais de filhos-de-santo que nem sequer entram no terreiro em dias de obrigações de seus cônjuges. Sempre foi passado aos mais novos que os filhos-de-santo que descumprirem essas regras podem sofrer consequências na vida espiritual e amorosa.

Seguindo a dinâmica da árvore genealógica que aqui proponho chamar de rama, os terreiros-netos são extensões dos terreiro-filhos do Legionirê e seguem com a continuidade de (algumas) tradições do axé raiz. Pai André de *Oyá*, sacerdote do Ilê Axé Oyácarangirê raízes Legionirê, por exemplo, chegou no Legionirê já iniciado por um sacerdote que foi iniciado Legionirê e rompeu com o axé há anos, Pai Adriano de *Oxum*. Pai André recebeu *deká* pelas mãos de Manoel do Xoroquê. Pai André se tornou alguém de confiança de Manoel do Xoroquê e um grande exemplo de apropriação da liturgia do axé raiz, pois estudou todos os rituais, rezas, preceitos litúrgicos e os adaptou às suas ideias de práticas. Por exemplo, Pai André veio de uma tradição em que *ogãs* e *ekedis* têm suas cabeças raspadas durante o ritual de iniciação, (diferente do Legionirê, onde *ekedi* e *ogãs* “não são raspados”, como dizem os religiosos) e manteve a tradição, passando-a aos terreiros de seus filhos-de-santo.

Pai André de *Oyá* também teve um de seus filhos acolhido pelo axé raiz durante um período - Pai Alef de *Oxum*, que recebeu seu *deká* pelas mãos de Pai André e resolveu se afastar durante um período, procurando Manoel do Xoroquê para dar continuidade aos seus cuidados espirituais. Pai Alef é chefe de um terreiro no bairro do Jacintinho em Maceió. Pai Alef mantém, atualmente, relações de amizade com Pai André, frequenta normalmente o seu terreiro, mas continua filho-de-santo de santo de Manoel do Xoroquê, passando de filho-de-santo de Pai André a irmão-de-santo.

Procurei demonstrar que o terreiro raiz é também local de resolução de problemas interpessoais entre filhos e netos. Eu mesmo passei por essa experiência durante a fundação do terreiro de Mãe Angela, quando diante do estranhamento com o surgimento de novas regras, passei um período afastado das funções religiosas e busquei auxílio espiritual no axé raiz.

3.5 [Terreiros Padrinhos e afilhados] Terreiros de pai-pequenos, mãe-pequenas, padrinhos, madrinhas e afilhados

As relações dos terreiros da rama Legionirê são marcadas pelas visitas, principalmente em festas públicas. No início da expansão da rama, as visitas aconteciam até em preceitos religiosos internos, o que foi mudando com o passar dos tempos.

No início da fundação de alguns terreiros os sacerdotes precisaram da presença de seus irmãos mais velhos para orientá-los a realizar as funções internas e festas públicas. Ninguém sabia ainda como “ser sacerdote”, muitos até ajudavam nas funções protagonizadas por Manoel do Xoroquê no axé raiz, porém a partir da inauguração de suas casas esses deveriam ser responsáveis por todos os preceitos sozinhos. Mãe Angela e Mãe Zazy, no início da fundação dos primeiros terreiros, como duas mais velhas, frequentavam bastante os terreiros de seus irmãos e sobrinhos-de-santo. Observei algumas ocasiões em que eram montadas comitivas para ajudar nas festividades dos terreiros dos irmãos sob orientação de Manoel do Xoroquê. Na rama Legionirê era comum que irmãos-de-santo frequentassem os terreiros dos outros para “dançar candomblé”⁷⁴, usava-se o termo “encher roda” para o ato de enche a casa nas festividades dos familiares-de-santo.

Em alguns rituais de iniciação, a presença de irmãos mais velhos era comum para orientar nos preceitos, geralmente acontecia a mando de Manoel do Xoroquê, que não costumava marcar presença nesses rituais e enviava representantes. Mãe Angela, como uma das filhas mais velhas do terreiro sempre foi detentora de um vasto conhecimento religioso e sua presença dava segurança aos sacerdotes mais novos. Pai André de *Oyá*, por exemplo, quando chegou ao Legionirê precisou de acompanhamento durante diversos rituais em seu terreiro, recebendo diversas visitas de irmãos-de-santo em rituais internos e em festas públicas.

As relações interpessoais que existiam no axé raiz também determinavam os tipos de visitas nos diversos terreiros, os terreiros-irmãos em que seus líderes mantinham afinidades eram sempre visitados uns pelos outros. Por outro lado, quando os irmãos não mantinham boas relações, não existiam trocas de visitas. No início dos terreiros, a presença de irmãos era imprescindível, já que ainda não tinham filhos-de-santo o suficiente para “encher as rodas”, mas com o passar dos anos essas visitas iam sendo menos necessárias para se realizar os rituais.

O calendário de festividades da rama era organizado da seguinte forma: primeiro se “tocava candomblé”⁷⁵ no axé raiz para só depois se tocar nos terreiros-filhos. Geralmente os filhos “com casa aberta” se fazem presentes nas principais festividades do axé raiz. No calendário religioso do Legionirê existem quatro festas consideradas mais importantes e que concentram o maior número de filhos: a festa das águas de *Oxalá*, festa de *Ogum Xoroquê* (o patrono do axé, orixá de Manoel), festa de Seu Tranca-Ruas (*exú* de Manoel) e a festa de

⁷⁴Reverenciar os orixás nas festividades públicas com danças literalmente performáticas, típicas de cada orixá cultuado.

⁷⁵ Tocar candomblé ou toque de candomblé é uma expressão usada para se referir às festas públicas em homenagem aos orixás, rodas de santo.

Iemanjá, essa última acontece na praia de Pajuçara em Maceió, num ritual que reúne todos os terreiros rama, formando uma grande roda de candomblé para um ritual público na orla marítima da cidade. Os terreiros-filhos só realizam suas festividades após a data marcada por Manoel do Xoroquê. Era comum existir um acordo entre os irmãos para se escolher datas diferentes para se tocar candomblé, porém com o número de ramos aumentando, essa organização ficou quase impossível. Hoje pode acontecer de três ou mais terreiros da rama tocarem candomblé no mesmo dia.

Alguns terreiros-irmãos se mantêm neutros em relação às afinidades que ocorrem dentro do axé raiz, mas seguem a regra de relações estabelecida entre os diferentes terreiros da rama. Um sacerdote visitado se sente na obrigação de retribuir a visita.

Existe também uma relação de apadrinhamento entre terreiros da rama. Mãe Angela é yakekerê de muitos sacerdotes iniciados no axé raiz, possuindo assim um grande respeito e prestígio dentro da rama Legionirê. A festa de sua *Oxum* é considerada uma data importante, e nessa festa ela costuma ser prestigiada por muitos irmãos e sobrinhos-de-santo, e até mesmo de sacerdotes de outros terreiros.

Com o passar dos anos o trânsito de visitas entre membros de terreiros-irmãos foram diminuindo, afinal os calendários podiam se chocar e impedir que se fizessem presentes uns para os outros. Antes de inaugurar seu próprio terreiro, Mãe Angela costumava frequentar os terreiros-filhos como representante de Manoel do Xoroquê, mas foi ficando muito ocupada com sua própria casa, embora tente retribuir as visitas de seus irmãos.

A reciprocidade nas visitas é importante e caso ela não exista, alguns sacerdotes podem se chatear. Um irmão-de-santo assíduo no terreiro de Mãe Ângela que não obteve a reciprocidade esperada tratou de protestar cessando as visitas, até que ela enfim decidisse retribuir.

3.6 [Terreiros herdados] Terreiros passados

Nos xangôs de Alagoas não é comum se herdar um terreiro. Quando isso acontece, nem sempre existe continuidade das práticas ritualísticas, pois boa parte dos terreiros surgiram em fundos de quintal (muitos em casas alugadas), quase nunca eram registrados como templos religiosos. Não é raro que familiares exteriores à religião exijam os imóveis após a morte de sacerdotes e assim coloquem fim aos terreiros. A falta de registros dos templos deixou muitos espaços religiosos suscetíveis.

Um exemplo disso é o terreiro de Pai Baiá, que foi destruído por familiares consanguíneos para a construção de uma vila de casas. Quando o sacerdote morreu os familiares

deram um prazo de 24h para que os filhos-de-santo fossem buscar seus assentamentos, chegaram mesmo a ameaçar destruir os assentamentos junto com a estrutura do terreiro.

Mãe Beth de *Oxumaré*, uma antiga mãe-de-santo, iniciada por Pai Baiá, relata em entrevista pessoal que se deslocou do Vale do Reginaldo até o Vergel do Lago para buscar seus assentamentos, percorrendo aproximadamente 8 km a pé, com um carro-de-mão, pois não havia encontrado carro para transportá-los. Mãe Beth contou com desgosto sobre fim que levou o terreiro de seu pai-de-santo. Com a morte de Pai Baiá, Mãe Beth se tornou filha-de-santo de Manoel do Xoroquê e continua até os dias de hoje, mesmo cuidando de seus próprios orixás em sua residência. Mãe Beth não tem terreiro aberto e nem tem pretensão alguma de tê-lo, não realiza trabalhos espirituais, nem dá consultas de nenhum tipo, apenas cuida de seus assentamentos.

Pai Júlio Alexandre, figura emblemática do período posterior ao Quebra de Xangô, fundador da primeira Federação afro-religiosa em Alagoas, pai-de-santo da umbanda, iniciado por Mãe Jurema, uma influente mãe-de-santo da umbanda em Maceió, também teve seu templo religioso destruído por seus familiares após sua morte.

Manoel do Xoroquê expressa o medo que sente de seu terreiro vir a ser destruído por algum familiar consanguíneo após sua morte. Sempre verbaliza que deseja que seu terreiro seja herdado por uma mulher, sua neta-de-santo, iniciada por ele (junto com Mãe Angela), Mãe Leide Serafim de *Oxum*, conhecida como Olodum, sobre quem me deterei mais adiante. O Legionirê foi erguido por Manoel do Xoroquê com muito sacrifício e sem apoio da família de sangue, ele fala com revolta que jamais deixaria que seus familiares intervissem no futuro de sua rama, que ele estruturou “com sangue e suor”.

4. A ROMARIA EM BUSCA DO CHÃO DE MÃE OXUM

Maria Angela Alves de Lima, 46 anos, conhecida por todos como Mãe Angela de *Oxum*, é uma das sacerdotisas com mais tempo de iniciação no terreiro de Manoel do Xoroquê. Chegou no Ilê Axé Legionirê por volta do ano 1999 já como mãe-de-santo, tendo iniciado sua trajetória na religião ainda criança no terreiro de umbanda de Pai Júlio Alexandre, figura emblemática já citada anteriormente. Mãe Angela é filha de Mãe Josélia do *Ogum de Ronda*, uma mãe-de-santo da casa de Pai Júlio. Angela, ainda pequena, incorporava seus *exús* e chegou a passar pelo fundamento do *amassi*⁷⁶ na casa de Pai Júlio. O procedimento do *amassi* na umbanda é o primeiro ritual realizado por um filho que tem interesse em se iniciar, quando se lava a cabeça do consulente com banho de ervas maceradas. Mãe Angela passou apenas por dois rituais do *amassi* e rompeu com as tradições da umbanda. Ela era uma criança de seus 8 anos de idade e sua mãe acabou descobrindo, por suas próprias entidades, que o seu espiritual precisaria ser cuidado em um terreiro de candomblé.

Eu só deixei de ser da umbanda com 13 anos, eu “tava” desenvolvendo, tudo direitinho. Eu recebia, recebia entidade, dona Tata da Rosa desceu, recebeu a menga, tudo direitinho. Eu recebia tudo, recebia orixá também. A minha primeira entidade que eu recebi, recebi em casa, foi Seu João Caveira. Fiz o meu *amassi* na umbanda, pra depois fazer meu *yaô*, que ele (Pai Júlio) dizia que eu ia ser a *iyalorixá* mais nova do Estado de Alagoas. Só que não deu certo, né? Não deu certo porque meus caminhos foram pra outras coisas. (Entrevista concedida por Mãe Angela no dia 27/11/2022)

Mãe Angela conta que aos 13 anos de idade, após romper com a umbanda, passou um período distante de religião, até sofrer um problema de saúde em que precisaria passar por um procedimento cirúrgico.

Na minha cirurgia do ouvido, era pra abrir minha cabeça, né? Aí Seu Caveira desceu e disse que não era pra abrir não, que se abrisse eu ia morrer lá, aí mainha pediu pra ele me curar. Aí fiz tratamento, senti muita dor de cabeça, aí Seu Caveira mandou me levar pra casa do irmão-de-santo dela, foi Seu Caveira quem mandou. (Entrevista concedida por Mãe Angela no dia 27/11/2022)

O irmão-de-santo de sua mãe seria Pai Baiá. Pai Baiá teria sido filho-de-santo de Pai Júlio antes de se iniciar no candomblé, passou por um procedimento que o povo de santo costuma chamar de “virar a folha”, quando um iniciado na umbanda, por exemplo, migra para o candomblé e passa por um novo processo de iniciação. Com a migração do Pai Baiá para o candomblé, Mãe Josélia resolveu confiar a espiritualidade de sua filha Angela a ele, quando aos 14 anos de idade aconteceu sua iniciação.

Mãe Angela contou-me de seu percurso iniciático. Após essa primeira imersão na casa de Pai Julio, ela foi iniciada por Pai Baiá no bairro Vergel, em Maceió. No período de sua iniciação, Manoel do Xoroquê era um sacerdote presente nas funções do terreiro de Pai Baiá,

⁷⁶ Ritual de lavagem da cabeça com banho de ervas e rezas na Umbanda, considerada a primeira iniciação dos filhos-de-santo.

inclusive participou de seus preceitos como seu pai pequeno. Mãe Angela tem lembranças da figura de Manoel já nessa época.

Eu vi com esses olhinhos aqui que um dia a terra há de comer, seu Legionirê (Manoel), “kolofé⁷⁷”! Sendo chamado, ninguém sabia o que era, viu? Sendo chamado. Aí chamou ele pra banda de lá, como quem ia vestir santo. (Entrevista concedida por Mãe Angela no dia 27/11/2022)

Os relatos das memórias de Mãe Angela são referentes ao dia em que Manoel do Xoroquê foi confirmado por Pai Baiá como babakekerê de seu terreiro.

Mãe Angela foi iniciada para *yaô* no ano de 1990, e em 1993 deixou o terreiro de Pai Baiá por motivos que, mesmo após sua morte, prefere não falar. Em sua saída do terreiro de Pai Baiá conheceu Mãe Rilza de Iemanjá, sua próxima sacerdotisa, estando com ela até o ano de 1998. Mãe Rilza morava no bairro Cruz das Almas em Maceió, próximo à residência de Mãe Angela. Em sua própria residência, Mãe Rilza cuidava dos seus assentamentos e dos assentamentos de seus filhos-de-santo. Mãe Angela deu continuidade aos seus preceitos iniciáticos com Mãe Rilza até o ano de 1998, quando a mesma resolveu abandonar o candomblé para ser evangélica.

Fomos juntas até 1998. Mãe Rilza foi ser crente e eu disse a ela que eu não seria crente nunca, aí ela me levou pessoalmente pra um irmão-de-santo dela cuidar de mim, ela era muito “caxias”. Aí ela foi, falou com Pai Marcos Aparalomim, aí eu ia fazer obrigação, aí Aparalomim disse que minha mãe (*Oxum*) queria casa aberta, foi ele a primeira pessoa que disse que eu tinha que receber o “*oyê*⁷⁸”, eu relutante, relutante, aí minha mãe *Oxum* ganhou tudo da obrigação e eu me recolhi. Eu passei pouco tempo lá e no outro ano fui pra o axé Legionirê (Entrevista concedida por Mãe Angela no dia 27/11/2022)

A última parada antes do Legionirê foi o terreiro de Pai Marcos Aparalomim, em Bebedouro, bairro de Maceió, onde recebeu os direitos de mãe-de-santo. No ano de 1999, após receber os direitos de sacerdotisa, Mãe Angela rompeu com o terreiro de Pai Marcos devido à algumas insatisfações de sua mãe, que a levou ao Ilê Axé Legionirê e pediu que Manoel do Xoroquê cuidasse de seu espiritual. Ela me revelou o que lhe foi passado no período em que se tornou mãe-de-santo, revelou que *Oxum* determinou que tivesse seu próprio terreiro, que fundasse um espaço para cuidar de muitos filhos-de-santo, pois sua missão seria viver para o orixá. Resistente às recomendações de seu orixá por não se sentir preparada para a responsabilidade do título de sacerdotisa, Mãe Angela protelou suas obrigações até quando lhe foi possível.

⁷⁷ O mesmo que bênção no candomblé, usado pelos religiosos para se pedir bênçãos ou abençoar os seus. Usa-se como forma memorável para se referir aos seus mais velhos, como forma de respeito quando se pronuncia seus nomes.

⁷⁸ Outra nomenclatura dada ao *deká* ou *adeká* (título de sacerdócio entregue ao religioso que cumpriu seu período de iniciação para se tornar pai ou mãe de santo).

Estar no Legionirê seria voltar à família religiosa em que pertencia no período de sua iniciação para *yaô*, haja vista que Manoel do Xoroquê fez parte de sua trajetória espiritual. As relações de trajetórias espirituais no candomblé exigem muitas vezes uma mínima relação de confiança que gira em torno de afinidades e boas relações para além de religiosas com os sacerdotes em que se vai conviver. Confiar a espiritualidade a alguém seria, num contexto amplo, confiar a vida a um sacerdote religioso.

A chegada ao Legionirê num momento em que o axé raiz já era bastante frequentado e possuía alguns filhos, já na condição de sacerdotisa, proporcionou a Mãe Angela um certo respeito, reflexo de suas relações mantidas até os dias de hoje com seus irmãos mais velhos do Legionirê. A nova geração do terreiro raiz a tem como nascida naquele axé, pelo senso de propriedade e respeito conquistado, pela dedicação ao sagrado, além das responsabilidades acumuladas com o passar dos anos em suas relações com Manoel do Xoroquê. Mãe Angela, antes de ser filha-de-santo de Manoel do Xoroquê foi sua irmã mais nova e sempre o teve como exemplo, porém suas relações com o sacerdote eram estreitas quando ainda era filha de Pai Baiá. A partir de sua chegada ao Legionirê sente fortes reflexos da forma de Manoel ao administrar seu próprio terreiro. Na época em que se torna filha-de-santo de Manoel do Xoroquê, o mesmo ainda mantinha relações com seu sacerdote, Pai Baiá. Mãe Angela, dessa forma, passou de filha-de-santo de Pai Baiá a sua neta-de-santo.

Os mais velhos do axé raiz contam que Pai Baiá vez ou outra chegava com sua comitiva de filhos-de-santo no Legionirê para acompanhar as festividades do terreiro, já debilitado, com graves problemas de visão, era sempre muito bem recebido por Manoel do Xoroquê, mas não exercia a função sacerdotal de avô da casa. Mãe Angela, já frequentando o Legionirê, precisou lidar com essas visitas e naturalizar a limitada ligação com Pai Baiá, que de fato ficou abalada com o rompimento de seus vínculos.

Por ser uma sacerdotisa dedicada, Mãe Angela recebeu a missão de ajudar Manoel do Xoroquê, já nessa época, a cuidar de seus irmãos mais novos, acompanhou a iniciação de muitos filhos no axé e precisou também aprender os preceitos novos difundidos em seu novo templo. Mãe Angela foi iniciada e teve sua continuidade de preceito no *jeje* e Manoel do Xoroquê, mesmo sendo também iniciado no *jeje* de Pai Baiá, tinha uma devoção pelo *angola*⁷⁹, buscando incrementar nas tradições do seu terreiro. Lembro-me que com a mistura das tradições, algumas rezas, cânticos, preceitos sagrados, tinham mais de uma maneira de serem realizados. Em um de seus discursos junto aos seus filhos, Manoel uma vez falou: “eu gosto de toque que levanta

⁷⁹ Jeje e Angola são denominações de nações no candomblé, as nações são diferentes culturas inspiradas nas diferentes tradições de povos distintos que vieram para o Brasil na diápora.

poeira, que arrepia até cabelo de sapo.” Mesmo buscando aprender o máximo das novas tradições do terreiro, Mãe Angela sempre manteve seus aprendizados no *jeje* e colocava em prática seus conhecimentos sob autorização de Manoel.

4.1 Uma mãe sem filhos

Em sua trajetória espiritual firmada no período em que se torna sacerdotisa, Mãe Angela já estava ciente dos desígnios de *Oxum*, mas sempre se manteve firme em suas decisões baseadas em suas necessidades pessoais, após passar por duas maternidades, carregar as responsabilidades familiares, a mãe-de-santo resolveu não exercer funções sacerdotais nos cuidados espirituais aos possíveis filhos-de-santo. A principal função de Mãe Angela naquele terreiro era a de auxiliar seu sacerdote e ela se sentia satisfeita assim, não tinha interesses em iniciar ninguém na religião, não queria responsabilidade e compromisso com o sagrado a esse nível, alegando estar satisfeita como *egbome*⁸⁰, cuidando apenas de seus orixás e de seus irmãos de forma colaborativa.

Por volta do ano de 2002, no período de junho, em festividade para Xangô, uma jovem visitante sentiu seu orixá no ritual e foi amparada por Mãe Angela, a jovem estava iniciando sua trajetória no candomblé de um sacerdote amigo do axé raiz, Pai Toinho, e foi conduzida aos cuidados espirituais por seu sacerdote auxiliada por Mãe Angela. A jovem era Roberta de *Oxum*, que meses depois voltou ao terreiro à procura da mãe-de-santo que lhe amparou, após ter passado por problemas espirituais evidentes. Mãe Angela ao receber a jovem deixou claro que não tinha interesses em cuidar espiritualmente de ninguém e rejeitou a filha-de-santo, direcionando-a a Manoel do Xoroquê. A jovem insistente, resolveu frequentar o axé raiz, mesmo sem ter uma conversa formal com Manoel do Xoroquê. Estava sempre nas festividades acompanhando toda a dinâmica do terreiro. Sempre nos rituais se sentia mal e sempre que possível era ajudada por Mãe Angela e os demais filhos mais velhos da casa.

Em fevereiro de 2003, numa festividade para *Oxum*, Mãe Angela vestiu seu orixá e no momento do rum do santo⁸¹, ocorre algo inesperado, a espiritualidade reagiu de forma surpreendente, a jovem Roberta se sacolejava, aparentemente em crise convulsiva, perdeu os sentidos caindo no chão e embolou por diversas vezes no salão. A Jovem Roberta *bolou* com orixá. O “bolar no santo” é um transe diferente, é a manifestação pública de que o orixá exige iniciação (Verger, 1996; Trindade-Serra, 1978; Fontes, 2015). O ato de *bolou* é a manifestação máxima da força do orixá no corpo dos religiosos no período de iniciação. Na tradição da casa,

⁸⁰ Filha ou filho mais velho, que cumpriu com suas obrigações religiosas.

⁸¹ Momento em que o orixá está no salão dançando ao som do atabaque e cânticos dos religiosos do terreiro.

quando um orixá *bola*, o *abiã* cai no chão se pondo a rolar pelo salão, o sacerdote responsável o para, envolvendo o corpo “desmaiado” com suas pernas e o leva para a camarinha com ajuda de *ogãs* e *ekedis*, no intuito de recolhê-lo para a iniciação. Na ocasião, ao ver a jovem Roberta no chão em transe, Manoel do Xoroquê segurou nos braços de *Oxum*, orixá incorporado em Mãe Ângela, e levou-a para envolver com suas pernas aquela que seria sua primeira filha-de-santo. A vontade de *Oxum* prevaleceu com o ato religioso, a partir de tal ato Mãe Ângela não teria mais como rejeitar os cuidados espirituais daquela que seria sua primeira *yaô* iniciada, Roberta era filha de sua *Oxum*. Na relação de pais e filhos-de-santo do terreiro é comum que os filhos tenham os orixás de seus pais como seus grandes protetores a assim tê-los como pais e mães também.

A *bolagem* da jovem Roberta seria uma confirmação dos desejos de *Oxum*. Temente aos desígnios de seu orixá, no ano de 2005, após muito relutar, Mãe Ângela inicia sua primeira *yaô* no candomblé, a jovem foi iniciada para o orixá *Oxum*. Ela conta que foi através da iniciação de sua primeira *yaô* que foi entendendo o que era ser mãe-de-santo. A iniciação de Roberta configura um momento marcante de sua trajetória como sacerdotisa.

A iniciação de sua primeira filha-de-santo ocorreu no Ilê Axé Legionirê, assim como a de seus próximos sete filhos que vieram chegando aos poucos no terreiro para se cuidar espiritualmente. Lembro-me que quando cheguei ao Legionirê, Mãe Ângela só havia iniciado duas pessoas no axé raiz, sendo os próximos, inclusive eu, iniciados nos anos seguintes. Ainda no período de minha chegada existia um grande bloqueio de Mãe Ângela em aceitar novas pessoas para cuidados espirituais.

4.1.2 Fazendo a vontade de *Oxum*

Estar no Legionirê como sacerdotisa gerava um ciclo de dependência muito grande que ia além das relações espirituais, o já citado forte temperamento de Manoel do Xoroquê, associado às relações familiares que existiam, tornavam cada vez mais difícil a convivência no terreiro, sobretudo com a saída de alguns filhos-de-santo para fundar seus terreiros, pois passou a existir uma sobrecarga muito maior de funções para os filhos que permaneceram no axé raiz, haja vista que a partir do momento em que os sacerdotes saem do axé raiz para fundar uma rama, passa a ocupar seus tempos com a funções de seus próprios terreiros. No final de 2017, Mãe Ângela solicita uma reunião com seus filhos, a reunião aconteceu em sua residência. O Ilê Axé Legionirê era utilizado também para atividades extra religiosas quando necessário, inclusive durante anos era um espaço em que ocorriam eventos públicos e reuniões, porém aquela reunião seria uma reunião diferente e deixou os filhos-de-santo intrigados. Lembro-me

exatamente do momento de recepção dos filhos e da ocupação dos pequenos cômodos de sua residência, com a voz trêmula, demonstrando emoção, Mãe Angela pediu que cada filho, do jeito que sabia, entoasse um canto para *Oxum*, assim fizemos, quando, finalmente, cercada de seus primeiros filhos-de-santo, foi feito o anúncio da saída do Ilê Axé Legionirê, marcando o início da romaria em busca de um chão para o terreiro de *Oxum*.

No ano de 2018, após participar da inauguração de alguns terreiros de irmãos, que Mãe Ângela inicia finalmente a trajetória em busca de um espaço para construir seu terreiro e expandir o Ilê Axé Legionirê, criando mais uma rama. Acompanhei todo o processo de busca e escolha do terreiro de *Oxum*. No princípio ela idealizava um espaço próximo à natureza e ficamos sabendo de um sítio no bairro Fernão Velho em Maceió. Visitamos o lugar, era agradável, cercado por vegetação, com um pequeno afluente de rio que passava na parte de trás do terreno, porém era muito distante do eixo urbano, dificultando o acesso dos filhos-de-santo, sobretudo à noite quando normalmente as funções terminam e isso era motivo de preocupação para Mãe Ângela.

Seguimos em busca, até encontrarmos um local que atendia às necessidades de Mãe Ângela, o local em que o terreiro se instala hoje. Era uma casa grande, com muitos quartos e um enorme terreno ao lado, situada no bairro Village Campestre, na periferia de Maceió. O espaço era composto de uma casa antiga e um enorme terreno arborizado ao lado, estava abandonado e se encontrava à venda há muito tempo, estava sendo vendida por um valor acima da média para as casas do bairro. O quintal da casa era muito amplo, repleto de árvores frutíferas e bastante terra para se cultivar ervas usadas no candomblé. Lembro-me que Mãe Ângela, sentada num batente que dava para o quintal, já idealizando o que seria construído e da forma que seria. Ela alega ter tido uma visão de seu orixá e saiu da casa com a certeza de que ali seria construído seu terreiro.

A compra foi negociada e finalmente o lento trabalho de construção do terreiro de *Oxum* havia iniciado. As necessidades espirituais dos filhos-de-santo exigiam uma certa pressa para o traslado dos instrumentos sagrados do axé raiz e essa necessidade fez com que fosse organizado um espaço improvisado da casa de Mãe Angela para realizar as funções e cuidados de seus filhos. Lembro-me que foram criados, inicialmente, espaços de madeira, construídos pelos próprios filhos-de-santo, para receber os assentamentos de orixás. Um quarto da casa de Mãe Angela foi cedido para os cuidados espirituais, enquanto aos poucos o espaço externo do terreiro iria se configurando. A criação do terreiro de Mãe Angela se daria com a sacralização do território, com rituais litúrgicos realizados pelo próprio Manoel do Xoroquê, assim criando a identidade religiosa do terreiro.

4.1.3. A saída do Ilê Axé Legionirê

A ligação espiritual de Mãe Angela com o Ilê Axé Legionirê sempre se caracterizou pelo zelo ao ambiente religioso, pelas responsabilidades diretas no cuidado com os objetos sagrados de Manoel do Xoroquê. Vê-la distante das funções no terreiro raiz era algo que nenhum filho-de-santo do terreiro cogitava. Mãe Angela sempre se dedicou exclusivamente ao terreiro raiz e com sua saída, sua dedicação seria limitada devido às atividades da casa de *Oxum*. A criação de um terreiro exige dedicação do sacerdote principal, viver em função da vida religiosa é de fato abdicar de relações pessoais e familiares, alguns sacerdotes passam a viver exclusivamente para o religioso, principalmente os que tornam suas vivências religiosas uma profissão.

A saída de Mãe Angela do Legionirê surpreendeu a todos e gerou repercussão entre os filhos da rama, pois acreditava-se que ela seria a única a permanecer no axé raiz ajudando Manoel do Xoroquê a dar continuidade às funções e cuidados de seus irmãos mais novos. Há aproximadamente dois anos, antes do anúncio de sua saída, Mãe Angela havia sido apontada mãe pequena do Legionirê pelo próprio Manoel do Xoroquê, o anúncio aconteceu na festa de *Ogum*, ocasião importante para toda a rama, após o sacerdote consultar *Ogum Xoroquê* através dos búzios para saber a possível continuidade do axé raiz. Foram citados dois nomes de figuras femininas do terreiro, Mãe Angela e Leide Serafim, na época ainda *yaô*, hoje mãe-de-santo iniciada por Mãe Angela e Manoel do Xoroquê, a quem me deterei adiante. Ser mãe pequena em um terreiro em que não era tradição se distribuir cargo entre os filhos, seria uma grande responsabilidade, mesmo assim, a necessidade de ter autonomia na forma de cultuar o sagrado e a necessidade de colocar em prática o desejo de seu orixá *Oxum*, fizeram com que a saída do Legionirê fosse concretizada.

Os assentamentos de orixás são elos de ligação entre os religiosos e os seus orixás, ao serem montados em suas diferentes estruturas, variando de acordo com as tradições de cada terreiro, acredita-se que sob aqueles espaços pousam a energia dos orixás adormecidas que podem sem acordadas a qualquer momento caso haja necessidade pelos sacerdotes ou seus filhos-de-santo. Existe um ritual de se acordar a força do orixá através de suas saudações e cantos, não utilizados em vão. Manoel do Xoroquê costuma utilizar uma frase bem conhecida entre todos da rama Legionirê: “Não se acorda a força (o orixá) se não tem nada pra lhe dar”, geralmente esse seu discurso faz referência à seriedade que é a iniciação no candomblé, exigindo zelo e dedicação dos que se iniciam.

Ao se fundar um terreiro rama cada sacerdote precisa ter um espaço adequado para acomodar todos os seus assentamentos e de seus filhos-de-santo. Na casa de *Oxum*, Mãe

Angela já havia improvisado espaços divididos em madeira para acomodar todos os seus assentamentos e de seus filhos-de-santo. No Legionirê, boa parte dos assentamentos de Mãe Angela e de seus filhos ocupavam o mesmo espaço, um quarto pequeno, de alvenaria simples, negociado com Manoel do Xoroquê logo no período de sua chegada ao axé raiz. Mãe Angela possuía, além de seus assentamentos, alguns outros que haviam adotados para cuidados, assentamentos abandonados por alguns filhos-de-santo do axé raiz que já não eram mais da religião ou mudaram de terreiro, esses e todos os outros seriam trasladados à casa de *Oxum* num ritual religioso.

No dia 18 de agosto de 2018, montamos uma comitiva para se realizar o ritual de traslado de todos os assentamentos de orixá que estava no axé raiz, a ocasião contou com a presença de quase todos os filhos de Mãe Angela, nessa época já haviam nove filhos iniciados para yaô, eu como *ogã* também iniciado e vários abians que já almejavam iniciação. Chegamos no axé raiz às 06:00h da manhã e já encontramos Manoel do Xoroquê de prontidão na porta do terreiro, ficamos surpresos ao encontra-lo tão cedo acordado. Acompanhando nossa chegada, com as mãos na cintura, abriu o portão do terreiro com a seguinte frase: “eu vivi para ver o dia de hoje mesmo, né Angela? Nem eu acreditei que tu ias simhora mesmo” Ele disse não ter conseguido dormir com pesadelos e aproveitou para esperar para abrir o portão do terreiro. Percebi nesse momento que Manoel ficou abalado com a retirada dos assentamentos, afinal, foram anos existindo naquele espaço, contando com a presença integral de Mãe Angela no dia-a-dia do axé raiz.

Desocupamos todos os quartos que ocupávamos com os assentamentos e iniciamos os cuidados para traslado. Na tradição do Legionirê os assentamentos precisam ser transportados em ritual religioso, para isso todos recebem o *ossé* (ritual de lavagem com *amassí*), são ofertados dentro milho branco e cobertos com ervas específicas, em seguida enrolados em lençóis brancos no formato de trouxas, preparados para serem transportados. Cada filho-de-santo iniciado se encarregou de organizar seus assentamentos com cuidado. Lembro-me de ter organizado boa parte dos assentamentos dos orixás de Mãe Angela, enquanto ela se encarregava do assentamento principal, o de *Oxum*. Manoel do Xoroquê acompanhou todo o processo, vez ou outra, brincando com a situação de saída, usando seu senso de humor como só ele sabe fazer. Além de assentamentos, haviam indumentárias dos orixás, objetos geralmente utilizados nas funções do terreiro. Mãe Angela deixou boa parte dos objetos do terreiro raiz para as funções recorrentes.

Preparando os assentamentos, foi montada uma fila para suas retiradas do terreiro. Mãe Angela segurou fortemente o assentamento de *Oxum* se seguiu à entrada do terreiro seguida de

seus filhos yaô, numa hierarquia dos mais velhos aos mais novos. Roberta, sua primeira yaô iniciada, estava logo atrás da sacerdotisa maior, caminhando lentamente em cortejo em direção para cruzar a entrada do axé raiz. Ao chegar próxima à entrada, percebi a respiração ofegante de Mãe Angela, quando inesperadamente, *Oxum* incorporou na sacerdotisa, segurando forte seu assentamento, no mesmo instante, como elo de corrente, todos os orixás de seus filhos de santo incorporaram com seus assentamentos a colo. No Legionirê, quando o sacerdote maior do terreiro incorpora seu orixá, todos os seus filhos-de-santo iniciados também incorporam imediatamente, como elo de corrente. No momento da chegada de *Oxum*, Manoel do Xoroquê se dirigiu ao orixá com emoção, se curvou aos seus pés como gesto de respeito e pronunciou as seguintes palavras: “que seja feita a vontade da senhora, minha mãe, traga a sua filha caminhos prósperos e não deixe a macaia dela cair”, colocou as mãos sobre os ombros do orixá e pronunciou as seguintes palavras em baixo tom: “kuenda⁸² orixá!”, fazendo com que Mãe Angela acordasse do transe assustada, sem entender muito o que havia acontecido. Amparei-a e a ajudei a encaminhar o assentamento de *Oxum* ao veículo fretado para o transporte. Manoel do Xoroquê se recolheu em sua residência, ao lado do terreiro, notei que estava emocionado com o ritual de saída. Diante da grande quantidade de assentamentos que existiam sobre os cuidados de Mãe Angela, foi fretado um caminhão baú com espaço para transladas tudo o que seria necessário.

No Terreiro de *Oxum*, alguns filhos-de-santo aguardavam ansiosos os assentamentos e demais objetos sagrados. Os assentamentos de orixás carregavam consigo a identidade de cada filho iniciado e, de modo muito especial, a identidade de Mãe Angela como a principal sacerdotisa do terreiro. Com a chegada à casa de *Oxum*, cada assentamento foi distribuído em seus espaços, todos acomodados com cuidado e zelo.

Cada filho-de-santo que inaugurava seu terreiro tinha suas experiências pessoais com esse ato, uma sensação de independência e autonomia ao se permitir caminhar sozinho em seu próprio espaço, instituir suas próprias regras, educar seus filhos-de-santo sem influência e ter a liberdade de utilizar a religião no momento que lhe fosse necessário, sem limite de disponibilidades do axé raiz.

A concretização da saída do terreiro de Mãe Angela do Ilê Axé Legionirê foi um grande rompimento para alguns filhos, pois diante de sua entrega espiritual às funções do terreiro e às

⁸² *Kuendar* ou *akuendar* é uma palavra de comando dado aos orixás e entidades, geralmente por sacerdotes ou pessoas que possuem patentes na religião (*ogãs* e *ekedis*), para o orixá ou entidades liberarem o corpo do religioso do transe.

relações familiares, era nítido que ela seria a pessoa mais propensa a dar continuidade às tradições da casa no dia-a-dia do axé raiz.

4.2. Era um terreiro de mina redonda

Com a construção do terreiro de *Oxum*, iniciaram-se os trabalhos para os rituais religiosos de sacralização do território. Foram meses de preparação para a inauguração. A sacralização consiste em obrigações internas, sacrifícios animais, rezas e cânticos sagrados entoados, purificação do espaço físico do terreiro para a sua funcionalidade religiosa, ritual já descrito anteriormente. Como filha-de-santo de Manoel do Xoroquê e seguindo a hierarquia religiosa, Mãe Angela preparou junto com seus filhos-de-santo o momento das obrigações e a recepção de seu sacerdote para o ritual, precisaria estar tudo impecável e pronto para o momento da chegada de sacerdote maior da rama.

Na estrutura religiosa dos terreiros, os preceitos adotados são reproduções das vivências do sacerdote principal, haja visto que a maioria dos sacerdotes mantiveram outras vivências antes de se iniciar em um determinado terreiro, como é o caso de Mãe Angela, vinda da *umbanda* e do *jeje*, agora mantendo tradições do *angola*⁸³. A grande questão a ser analisada no terreiro de *Oxum* é a reprodução das tradições da raiz Legionirê e as supostas adaptações que surgiriam como forma de identidade religiosa de Mãe Angela inaugurando também sua própria maneira de cultuar o sagrado.

Na fundação da casa de *Oxum* surgiu a liberdade em escolher como seria a estética do templo, o formato do salão, a distribuição dos quartos de orixás, as tradições religiosas que serão mantidas e como serão mantidas. Ainda na estrutura do salão, Mãe Angela pretendia resgatar algumas tradições do terreiro em que foi iniciada, quando numa conversa de bastidores antes do dia do ritual de sacralização, Mãe Angela indagou sobre o formato da pedra da mina de seu terreiro, alegando que tinha vontade de manter a tradição do terreiro em que foi iniciada, um terreiro *jeje*, terreiro de Pai Baiá. No terreiro de Pai Baiá o formato da pedra da mina era redondo. Lembro-me que nos preparativos para o ritual de sacralização do terreiro de *Oxum* fui a um marmorista e encomendei uma pedra redonda, levei ao terreiro dois dias antes dos preceitos religiosos. Mãe Angela ficou surpresa com a chegada da pedra e imaginei que aquele

⁸³ Umbanda: religião afro-brasileira, consequência de adaptações das religiões europeias, como o catolicismo, às tradições africanas no Brasil.

Jeje: candomblé que cultua os voduns do reino de Daomé levados para o Brasil pelos africanos escravizados, tradições adaptadas nos cultos dos candomblés como uma nação adotada pelas tradições.

Angola: uma das nações adotadas pelos cultos dos candomblés do Brasil de origem bantu.

momento seria decisivo para entender a dinâmica de seu terreiro através de sua atitude, em romper com a tradição atual resgatando outra, seguindo assim sua intuição, ou manter a tradição atual abrindo mão de um desejo espiritual. Para Mãe Angela, o formato redondo representa a ancestralidade que rege os preceitos de seu terreiro, mas para não romper com as tradições de Manoel do Xoroquê, preferiu manter a pedra em formato quadrado, descartando a pedra redonda que eu mesmo havia providenciado.

O ronco de se recolher era com prateleira, quando se recolhia, tinha o santo dos filhos e os santos dele (Pai Baiá) ficava num cantinho assim, num cantinho só, com uma portinha de grade com vidro, depois eu posso até desenhar, porque tá aqui na minha cabeça, tudo, todo o jeito daquele ilê. E a mina era redonda. (Entrevista concedida por Mãe Angela no dia 27/11/2022).

Sobre “manter a tradição”, Manoel do Xoroquê foi o grande responsável por romper com a tradição do formato da pedra, pois é importante lembrar que Pai Baiá também o iniciou na religião. Sobre o formato da pedra, talvez a simbologia religiosa pode não ter sido tão importante para Manoel, manter a pedra no formato redondo ou quadrado poderia ser uma questão de pura estética. Mãe Angela sempre manteve um discurso forte de tradicionalismo religioso, julgando manter as tradições do Ilê Axé Legionirê assim como sempre fez, mas é impossível não se enxergar a identidade do terreiro de *Oxum* e suas diferenças em relação ao terreiro raiz. Voltarei a essas diferenças mais tarde.

4.2.1. O dia da obrigação inaugural do terreiro

Era um dia de sábado, dia escolhido em consenso com os filhos-de-santo do terreiro para que a maioria pudesse estar presente. Era necessária a participação de todos ou pelo menos da maioria, haja vista que existia a necessidade de gente para trabalhar nas funções, rezar os cânticos e segurar os animais nos sacrifícios. Nos rituais religiosos, mais especificamente nos sacrifícios animais, é comum que *ogãs* participem diretamente do ritual de sacralização, assim como nos cuidados com animais após o sacrifício. Porém, no terreiro de Mãe Angela, pela escassez de homens com o cargo de *ogã*, os homens *yaôs* e *abians* auxiliam na função. As mulheres dão assistência quando necessário.

Dormi no terreiro desde a noite anterior ao dia da obrigação junto a alguns irmãos-de-santo para garantir que tudo estivesse pronto para a chegada de Manoel do Xoroquê, prevista para às 9h da manhã. Segui com as minhas responsabilidades de *ogã* mais velho, preparei e organizei o quarto de *Exú* para as oferendas. Por ser o primeiro orixá a ser cultuado e cortejado, o *araim* de *Exú* é sempre o primeiro a ser preparado. Lembro-me que Mãe Angela acordou a todos ainda de madrugada para preparar o terreiro, me direcionou às funções necessárias,

fizemos as contagens dos animais a serem sacrificados, colhemos as ervas que utilizaríamos e seguimos organizando o espaço para o ritual.

Era um dia importante no terreiro e aos poucos os filhos-de-santo iam chegando e se juntando ao movimento de preparação do espaço para o ritual. Na inauguração do terreiro todos os orixás cultuados no templo recebem oferendas, as oferendas são formas de despertar as energias positivas dos orixás para a prosperidade da casa. Lembro-me de preparar os assentamentos para receber os sacrifícios, assentamentos apontados por Mãe Angela com cuidado e delicadeza. Na cozinha do terreiro eram preparadas as comidas e serem ofertadas, costume dizer que em dias de obrigações são montadas forças tarefas para cumprir com missões específicas, os filhos-de-santo se organizam em equipes para cumprir com as obrigações da casa

Os dois dias anteriores à sacralização foram de preparo do espaço físico para os preceitos, cavamos um buraco de aproximadamente um metro de profundidade para ser implantado o assentamento da *mina*, o buraco foi cavado no formato quadrado para comportar uma tampa também quadrada, foram preparados os assentamentos a serem sacralizados, o assentamento da *mina* foi montado numa pequena tigela branca com alguns elementos inseridos em acordo com as determinações obtidas dos orixás através do jogo de búzios. A cada procedimento havia uma consulta aos orixás com o jogo de búzios para confirmar se tudo estava de acordo com o que a espiritualidade havia exigido, a consulta era realizada unicamente por Mãe Angela. Todos os assentamentos fixos do terreiro foram preparados um dia antes do ritual, foram montados assentamentos dos orixás: *Oxumaré*, *Ossain*, *Tempo*, *Obaluaê* e *Exú*, além dos demais orixás que já pertenciam à Mãe Angela que receberiam oferendas e sacrifícios animais.

Os animais a serem sacrificados também seriam específicos a cada orixá, na tradição do Legionirê orixás *borós* (homens) recebem animais machos e orixás *yabás* (mulheres) recebem animais fêmeas, salvos alguns casos específicos, como o caso de *Oxalá* que recebe animais de qualquer sexo, desde que sejam brancos. Na *mina* do terreiro o sacrifício seria de codornas e na comeeira seria sacrificado um pombo branco. Além de codornas e pombo, houve também frangos, bodes e guinés como sacrifícios. O assentamento do orixá da casa, *Oxum Yepondá*, também receberia oferendas no ato da inauguração do terreiro, significando que a sua energia estaria sendo alimentada para pairar sobre aquele ambiente sagrado. O assentamento de *Oxum*, orixá da casa, fica em um local reservado com os demais assentamentos de Mãe Angela. Foram colocados no chão do terreiro, em local específico para o sacrifício, os assentamentos, seguindo as tradições do Legionirê, onde os assentamentos ficam todos no chão quando passarão por sacrifícios animais, cercado de ervas, quartinha com água e vela. Os elementos sagrados que

ficam dentro dos assentamentos variam de acordo com a determinação de cada orixá obtida na consulta do jogo de búzios, geralmente são sementes específicas de cada orixá, moedas, búzios, prata, ouro, minerais, um ou mais seixos (chamados na religião como *ocultá*).

Com a concretização da construção do terreiro os espaços improvisados foram substituídos por espaços fixos para acomodar os assentamentos e para o traslado dos elementos sagrados. Foram realizados alguns preceitos religiosos com Mãe Angela e alguns filhos de santo da casa. Os filhos-de-santo mais velhos do terreiro, os iniciados no Ilê Axé Legionirê, eram os que lideravam as funções do terreiro com os comandos e orientações de Mãe Angela, alguns deles já apontados a receberem cargos no terreiro, mas que por serem ainda *yaôs* não poderiam exercer definitivamente, como era o caso de Mariana de *Oyá*, hoje uma mãe-de-santo do terreiro com o cargo de *yá efún*⁸⁴.

Já com todos os locais do terreiro preparados para o ritual de sacralização do solo, chega, finalmente Manoel do Xoroquê. A grande figura da raiz Legionirê se preparou para o ritual e logo iniciou os trabalhos religiosos. Em sua chegada foi reverenciado por Mãe Angela e todos os seus filhos, lembro-me que Mãe Angela o levou para um local reservado para discutir com ele os pontos espirituais que ela havia observado no terreiro, haja vista que por ser uma sacerdotisa com muitos anos de santo, ela mesma foi a responsável por consultar os orixás para ver os fundamentos religiosos de seu próprio terreiro.

4.2.2. O encanto se inicia com o canto

Acontecia uma breve reunião entre Mãe Angela e Manoel do Xoroquê num espaço reservado para consultas espirituais, todos os filhos-de-santo sentados no salão aguardando os comandos para o início das funções religiosas, a reunião deixava os filhos curiosos, quando de repente fui chamado por Mãe Angela para receber algumas recomendações. Entrei no quarto da reunião e encontrei Manoel do Xoroquê jogando búzios para uma consulta aos orixás, fiquei de lado acompanhando seus gestos, enquanto Mãe Angela, com um caderno, anotava todas as orientações que lhes eram passadas. Manoel não costuma consultar os orixás com búzios em qualquer circunstância, aparentemente se trataria de uma situação delicada, e foi. Alguns preceitos espirituais só poderiam ser realizados por quem iria realizar os sacrifícios animais, que na ocasião seria o próprio Manoel. Algumas informações eram passadas e conversadas entre eles, lembro-me que Mãe Angela foi perguntada sobre um detalhe espiritual e não quis responder em minha frente, sendo indagada por Manoel do Xoroquê se ela confiava em mim,

⁸⁴ Cargo feminino de sacerdote responsável por produzir a pomba (pó sagrado utilizado para purificação na religião) e pintar os *yaôs* no ritual de iniciação.

respondendo que sim e passando para ele o que gostaria de saber sobre a identidade do terreiro. No fim da consulta com jogo de búzios, Manoel levantou e se dirigiu ao quarto de *Exú*, sem nenhum aviso prévio de que iria iniciar o ritual, entrou no quarto gritando: - *Laroyê!* Os filhos da casa se dirigiram rapidamente à entrada do quarto de *Exú* respondendo a saudação. Era possível sentir uma energia muito forte, Mãe Angela se dirigiu rapidamente à porta de entrada do quarto, se manteve do lado de fora, enquanto Manoel entoava o canto à *Exú*: - *Exú Lonan, Exú Lonan, mojrê lodê, lebara...* A reza cantada despertou em cada filho a presença do orixá mensageiro. Me mantive ao lado de Mãe Angela o tempo todo, fitei em seus gestos, preparado para um possível abalo de sua espiritualidade. Na ausência de *ekedis*, é comum que *ogãs* deem o suporte necessário ao sacerdote maior da casa em rituais.

Em rituais internos primeiramente é feito uma saudação religiosa com cânticos como uma forma de acordar a espiritualidade no intuito de torná-la presente. Em algumas situações acontece até a incorporação, não tão comum do orixá *Exú*, mas comum no caso dos orixás. Após os cânticos, Manoel pegou a faca para o sacrifício e entoou a reza para se trazer os animais a serem sacrificados, nesse momento dois filhos-de-santo do terreiro entraram com um bode no quarto a ser abatido no ritual. O assentamento do *Exú* de Mãe Angela já existia desde o Legionirê, sendo trazido junto aos demais assentamentos, porém na ocasião, como tradição na abertura de terreiros da rama, Manoel sacrificou animais num novo assentamento para a casa, era um *Exú* de trabalho que seria utilizado para os sacrifícios de rotina na casa, onde Mãe Angela prepararia um filho-de-santo para realizar sacrifícios. Finalizado o ritual, nos direcionamos ao salão do terreiro para iniciar os procedimentos da *mina* e *cumeeira*.

Os assentamentos de orixás que receberiam sacrifícios já estavam preparados, depositados no chão do salão. Um detalhe bem importante na tradição do Legionirê é que todo e qualquer assentamento de orixá, ao passar pelo ritual de sacrifício ou qualquer tipo de oferta precisa estar depositado no chão, pois é o chão o elo de ligação entre o orixá e os seres humanos. Estavam no chão do salão todos os orixás do enredo espiritual de Mãe Angela, dentre eles o assentamento do orixá da casa, mãe *Oxum*.

Inicialmente foram preparados os assentamentos de *mina* e *cumeeira*, Mãe Angela se manteve a todo tempo ativa nas funções, entendia todo o procedimento a ser realizado e a todo tempo protagonizou a organização de todo material necessário nas funções. Manoel do Xoroquê, antes de iniciar o procedimento realizou um pequeno discurso que despertou emoções em Mãe Angela. No discurso destacou a importância dela como sua filha-de-santo, destacou o fato de não ter família consanguínea em suas vivências, disse em suas palavras que Mãe Angela é a filha que ele não pôde ter de sangue, em seguida fez questão de explicar a importância de manter

o zelo e cuidado do terreiro que estava sendo inaugurado, utilizou a seguinte frase que nunca me saiu da memória: “filhos-de-santo são muito mais que filhos, porque estão presos aos seus pais e mães-de-santo pelo amor ao orixá, eles são filhos diretos de nossos orixás”. Seguiu adiante com as rezas de sacralização da *mina* e *cumeeira*, quando todos os orixás dos *yaôs* e *abians* incorporaram. Algumas rezas/cânticos específicos são chamados de rezas/cânticos de fundamentos, que ao entoado por um sacerdote, todos os *yaôs* e *abians* entram em transe imediatamente.

Mãe Angela acompanhou de perto o preceito de sacralização da *mina* e *cumeeira*, assim como dos orixás de tempo. Após os sacrifícios animais a todos os novos assentamentos, era a vez do sacrifício nos assentamentos de Mãe Angela, talvez o momento mais esperado do ritual, momento em que Mãe *Oxum* se faria presente. Mãe Angela já se mostrava trêmula, nervosa, justificou que já sentia seu orixá. Foi colocado um trono em frente ao assentamento de *Oxum* para Mãe Angela sentar, cercada por seus filhos-de-santo, todos sentados ao chão em sinal de respeito ao ritual. Manoel do Xoroquê, então, iniciou o procedimento ritualístico com um cântico para *Oxum*, nesse mesmo momento todos os *yaôs* e *abians* entraram em transe. Mãe Angela, ofegante, dava sinais de que seu corpo seria atuado por *Oxum*, quando de repente, majestosa, chegou *Oxum*, entoando em baixo som seu *ilá*⁸⁵, ela balançava levemente os ombros de Mãe Angela e gesticulava com os braços como uma forma de abraçar àquele momento.

Foi feito o sacrifício de uma cabra no assentamento de *Oxum*, no candomblé se reza para todos os procedimentos realizados. Manoel me chamou à parte e pediu que eu preparasse uma toalha para o procedimento do *curiar do santo*⁸⁶, ele recomendou que eu e outro patente da casa segurasse a toalha para lhe dar suporte. Manoel do Xoroquê tem mantido alguns cuidados com as informações que se permite acesso entre os novos filhos-de-santo e o ritual sacrifício é o mais importante na religião. Ele diz que se preocupa com pessoas que entram na religião e já têm acesso a todas as informações que os religiosos passam anos para obter. Manoel fala que até muitos pesquisadores para se ter acesso aos mistérios da religião precisa manter ligação afetivas com o terreiro, mantendo convivência com o dia-a-dia.

Finalizado o ritual de sacrifício animal as funções no terreiro continuam. Os animais sacrificados passarão por um preparo para se finalizar o procedimento aos orixás. Algumas

⁸⁵ Som ou grito que os orixás emitem durante o período em que estão incorporados. O som ou grito é uma representação de cada orixá, sendo diferentes entre eles. O *ilá* é considerado a identidade e elemento dos segredos de cada orixá.

⁸⁶ Momento no ritual do sacrifício animal em que o sacerdote responsável coloca mel na cabeça do bode após ser arrancada do corpo animal e entrega ao orixá para tomar o meu com sangue no ato do ritual. Esse procedimento é a concretização do axé do ritual.

partes dos animais são limpas e fritas no mel para serem ofertadas aos orixás, suas carnes servirão para alimentar a comunidade do terreiro. Em casos específicos em que se tem muita carne, é comum que Mãe Angela faça doações aos filhos-de-santo e a comunidade. Mãe Angela tem um trabalho social importante no bairro em que a casa de *Oxum* está instalada, talvez seja herança do Legionirê. Sempre que possível ela faz distribuição de alimentos aos mais necessitados da comunidade, parte do princípio de que candomblé é um ponto de apoio a todos que buscam ajuda e casa de santo é local de fartura, deixando claro que sempre tem que haver alimento aos necessitados.

Após o ritual de fundação do terreiro, a casa de *Oxum* dá-se como inaugurada. O próximo passo a partir da sacralização do território do terreiro será a festa pública em homenagem ao orixá da casa.

4.2.3. O dia da festa

Desde minha chegada ao Legionirê guardo na memória a frase clássica de Manoel do Xoroquê: “a verdadeira festa é no *babaxé* (ritual de sacrifício) do santo, a gente dá a festa bonita pra o povo se a gente quiser, o importante é que seja bonita pra o santo.” A frase de Manoel faz menção a maior relevância do sacrifício animal comparado à festividade aberta ao público. Manoel costuma chamar o sacrifício animal de festa para os orixás.

A concretização da inauguração do terreiro é dada com a festividade pública, quando a mãe-de-santo do terreiro iniciará suas funções sacerdotais. Para ser pai/mãe-de-santo, no Legionirê, é necessário, no mínimo seguir uma cartilha que envolve: saber rezar/cantar, jogar búzios, saber iniciar filhos-de-santo e saber “tocar candomblé”, expressão usada para o ato de liderar um ritual religioso com maestria, sabendo cantar para os orixás e cortejá-los seguindo às tradições da rama. Mãe Angela, habitualmente, já liderava as festividades no Legionirê sob orientação de Manoel do Xoroquê, cuidava dos orixás, rezava o candomblé do início ao fim. O que se esperava, a partir do momento em que ela introduzisse seu próprio culto seria vê-la com liberdade de finalmente protagonizar as funções como a figura principal do terreiro.

A casa de *Oxum* estava há uma semana em função, após a inauguração do espaço sagrado existia uma preparação do espaço físico para a festividade. Existia uma mobilização dos filhos-de-santo para deixar tudo pronto com o espaço físico pintado, os objetos litúrgicos bem posicionados para o toque. Forma montada equipes para manter tudo em ordem no tempo certo. O toque iniciaria às 10h da manhã, algo que correspondia às necessidades de Mãe Angela, alegando que teríamos uma pausa de 1h para um almoço especial servido a todos. No Legionirê é comum que os terreiros da rama realizem as festividades no mesmo horário do axé raiz, às

14h. O terreiro já estava sendo ornamentado, os espaços foram decorados com flores amarelas, a refeição do toque foi um aproveitamento das carnes do ritual religioso que havia acontecido há uma semana, é comum que os animais sacrificados sirvam para alimentar a comunidade religiosa em festividades. A grande expectativa da festa era o momento em que Mãe Angela vestiria *Oxum* para abrilhantar a festividade. As vestimentas de *Oxum* estavam preparadas na camarinha, sob responsabilidade das *ekedis* da casa, para ocasião, foi preparada uma roupa específica.

Como tradição na rama Legionirê, é comum que na primeira festividade de inauguração do terreiro, Manoel do Xoroquê esteja presente para cortejar o orixá do sacerdote/sacerdotisa maior da casa. Se aproximava o início da festa e Manoel ainda não havia chegado, Mãe Angela, acostumada com o fato de seu sacerdote não gostar de visitar os terreiros de seus filhos, já estava se preparando para iniciar as funções religiosas sem a presença de seu sacerdote, quando de repente o mesmo chegou acompanhado de alguns filhos-de-santo do axé. O terreiro estava cheio, muitos irmãos-de-santo do axé estiveram presentes para acompanhar esse momento histórico da rama Legionirê.

Manoel do Xoroquê abriu o ritual do toque para *Exú*, ao seu lado, Mãe Angela o acompanhava na dança ritual, após introduzir o ritual religioso, Manoel entregou o *adjá* nas mãos de Mãe Angela e pediu que ela continuasse o ritual. Durante os rituais religiosos, o sacerdote que lidera a cerimônia carrega o *adjá* como sinal de liderança. Em seguida Manoel sentou e acompanhou cada detalhe do ritual até chegar o momento tão esperado, a saída de *Oxum*. Mãe Angela pediu a ajuda de seus irmãos-de-santo para rezar seu candomblé – é comum que exista uma ajuda mútua nos rituais religiosos, sempre que o sacerdote principal precisa, seus irmãos ajudam cantando em compasso aos atabaques – pois estaria se recolhendo a camarinha para “vestir *Oxum*”.

Estive durante o momento do toque acompanhando as reações de alguns irmãos-de-santo meus do terreiro, de forma muito especial os rodantes, haja vista que esses sentem seus orixás de uma forma mais nítidas. Na ocasião todos pareciam sentir seus orixás, trêmulos, com o coração acelerado, demonstravam um certo desconforto. No momento específico em que Mãe Angela se recolheu a camarinha fitei numa filha de *Oxum* da casa, na época ainda *yaô*, Leide Serafim de *Oxum*, ela foi a quarta filha-de-santo iniciado por Mãe Angela, ainda no Legionirê e havia sido apontada a sucessora do trono de Manoel do Xoroquê⁸⁷. Leide, assim como eu, foi iniciada por Mãe Angela e Manoel do Xoroquê quando o fenômeno da rama ainda não havia se

⁸⁷ Pessoa responsável por assumir as funções religiosas do sacerdote principal do axé, exercendo o poder de liderança sobre as demais casas ramas.

expandido, numa época em que todos os filhos eram iniciados e conviviam no terreiro raiz. Na ocasião ela passava muito mal, sentou no chão do terreiro, encostada na parede esquerda do salão passava levemente a mão no rosto em sinal de desespero. Naquele momento não sabíamos o que se passava na camarinha, o fato é que os orixás dos filhos-de-santo rodantes se fazem presentes quando o orixá de seu sacerdote/sacerdotisa incorpora. Dado um pequeno intervalo no toque, Manoel do Xoroquê adentrou a camarinha com um *adjá* na mão, todos ansiosos para a saída de *Oxum* quando, de repente, os filhos-de-santo rodantes da casa, todos, incorporaram seus orixás como um efeito dominó, era *Oxum* que havia respondido ao chamado de Manoel.

Imediatamente abriram a porta da camarinha e eis que surge, majestosa, *Oxum Yepondá*, orixá da casa, a quem foi feito todo o esforço da comunidade religiosa em montar o terreiro. Manoel guiou *Oxum* durante a reza de apresentação do orixá e diante do orixá no meio do salão verbalizou: “Eis aqui minha mãe, do jeito que senhora pediu, seu ilê, o espaço para cuidar de seus filhos, filhos escolhidos pela senhora”, *Oxum* gritou seu *ilá* e gesticulou empoderada em sinal de gratidão aos esforços de todos.

Finalizada a dança de *Oxum*, Manoel se ausentou da festa sem aguardar sequer finalizar, foi para sua residência enquanto o ritual continuou. Ao acordar do transe, Mãe Angela procurou seu sacerdote que já não estava, recebeu o recado deixado por ele: “quando ela acordar diga a ela que cumpri minha missão com *Oxum*”.

4.2.4 A Continuidade ao modo Casa de *Oxum*

Manter as tradições do axé raiz nos rituais e na dinâmica do terreiro sempre foi um compromisso de Mãe Angela, fazendo questão de enfatizar o fato de ser tradicionalista reproduzindo os velhos costumes do Legionirê, porém, numa forma muito específica a dinâmica de seu terreiro mostra um incremento às tradições do axé raiz. A distribuição de cargos entre os filhos mais velhos, por exemplo, demonstra uma forma particular de Mãe Angela cultuar o sagrado.

Foram distribuídos cargos de *babakekerê/yakekerê*, *yá efún*, *yá kota*, *yá orunkó*, *yá bassé*⁸⁸ e até um título dado a um *ogã* do terreiro, o de *ojú obá*, até então inexistente no Legionirê. Os cargos distribuídos foram, segundo Mãe Angela, direcionados às pessoas específicas a mando de *Oxum* no jogo de búzios. Mãe Angela sempre dialoga com Manoel do

⁸⁸ *Yá kota*: mãe criadeira, responsável por criar o *yaô* na camarinha no período de seu recolhimento, rezando, dando os banhos e cuidando / *Yá orunkó* (babá orunkó quando masculino): responsável por perguntar o orunkó ou incorporar seu orixá para soltar o orunkó do *yaô* no dia de sua saída pública / *Yá bassé*: mãe responsável pelo preparo do alimento sagrado a ser ofertado e consumido pelos religiosos.

Xoroquê sobre o que pretende realizar na casa de *Oxum*, alinha as principais funções da casa com ele e o deixa sempre a par das decisões que toma como sacerdotisa principal do terreiro.

As regras de convivência da casa de *Oxum* também são bem claras, nenhum filho-de-santo pode manter relações amorosas uns com os outros, sendo permitidas apenas os irmãos que já se relacionaram antes de se tornarem irmãos-de-santo. Em alguns casos específicos em que irmãos se relacionaram, ambos tiveram suas retiradas condicionadas por Mãe Angela da convivência do terreiro. A cultura de não permitir relacionamentos entre os filhos-de-santo foi trazida do Legionirê, numa época em que os irmãos que se relacionavam eram induzidos a também romper com o axé. Existe uma barreira religiosa entre os filhos-de-santo que se relacionam sexualmente no Legionirê, diz ser *quizila* que filhos-de-santo mantenham contatos físicos com os assentamentos ou orixás de seus cônjuges, houve casos no axé raiz que em momentos de preceitos religiosos de alguém casado com outro alguém do terreiro não podia sequer entrar no templo pois o orixá do outro estaria passando pelo ritual.

Com o passar dos tempos as relações entre filhos-de-santo que mantêm relacionamentos foram se flexibilizando, hoje, por exemplo, já se permite que cônjuges assistam rituais para os orixás de seus parceiros, porém ainda fica restrito o contato direto com os objetos sagrados e os orixás. Um outro detalhe importante sobre as tradições mantidas do Legionirê são as *kizilas* alimentares, restrições alimentícias dadas no momento da iniciação, podendo ser específicas ou geral, que antes eram muitas e que com o passar dos anos foram também sendo reduzidas, flexibilizadas.

Ao ingressar no candomblé o religioso precisa lidar com regras de convivências, a religião por si só já possui uma série de privações, privações essas que serão adaptadas de acordo com as diferentes realidades de cada terreiro. No Legionirê existe um processo de herança de *quizila*, onde a *quizila* do pai/mãe-de-santo são herdadas por todos os seus filhos, podendo, ao serem descumpridas, causar sérios problemas de saúde ou espirituais. Manoel do Xoroquê tem *quizila* com uma fruta muito conhecida no Nordeste brasileiro, cajarana, dessa forma, nenhum filho-de-santo da rama pode consumi-la em respeito à figura maior da rama. Mãe Angela tem *quizila* com pitanga, dessa forma, nenhum de seus filhos-de-santo podem consumir essa fruta. As *quizilas* alimentícias podem gerar sensações de desconforto a alguns filhos-de-santo ao ingeridas e quando isso não acontece dizem ser muito pior, pois os efeitos serão possíveis problemas pessoais que impactarão na vida dos religiosos.

Em minha iniciação, por exemplo, fui informado que eu precisaria ficar atento às sensações em meu corpo ao consumir alguns tipos de alimentos, pois muitas *quizilas* nascem com a iniciação. Eu me senti muito mal quando comi abacate e abacaxi, informei à Mãe Angela,

que jogou os búzios para consultar meu orixá, e descobrir que o desconforto seria uma *quizila* e que eu não poderia mais ingerir essas duas frutas, na prática a iniciação proporciona um acúmulo de *quizilas* no Legionirê.

4.2.5. A sucessão surge de uma rama

Nos xangôs alagoanos, como já mencionado anteriormente, não é comum que haja continuidade religiosa desses templos com a morte de seus sacerdotes principais. A situação do terreiro de Pai Baiá, por exemplo, reflete o que comumente acontece com na maioria dos templos, onde o valor comercial do imóvel em que funciona o terreiro se sobressai ao valor religioso do espaço, quando as famílias dos religiosos, proprietários por direito dos imóveis pós morte, encerram as atividades religiosas, na maioria das vezes destruindo os templos. O principal motivo da não continuidade das práticas religiosas com uma sucessão é a falta de registro desses templos como instituições religiosas, consequências de suas existências como extensão das casas dos religiosos, quando muitos terreiros ainda funcionam nos quintais de casas.

No Legionirê a sucessão do sacerdote principal é uma real projeção dos desejos de Manoel do Xoroquê, que nunca teve participação de sua família consanguínea em suas conquistas religiosas. Manoel já deixou claro, em reunião com os familiares da religião, que sua substituta em morte será uma das pessoas já indicadas por seu orixá, *Ogum Xoroquê*, no jogo de búzios, Mãe Leide Serafim, conhecida no terreiro e no meio artístico e cultural de Alagoas como Olodum. Mãe Leide, cumpriu sua trajetória de *yaô* no Legionirê depois de vir da umbanda, tendo passado também pelo *nagô*. Foi anunciada como futura *yakekerê* do axé raiz numa das cerimônias importante da casa, apontada como uma das sucessoras do axé. Mãe Leide foi iniciada por Mãe Angela e por Manoel do Xoroquê, recebeu o *deká* pelas mãos de Mãe Angela e exerce a função de *yá kota* da casa de *Oxum*.

Tradicionalmente, quando se funda uma rama em que o filho-de-santo pertence diretamente como filho-de-santo do sacerdote fundador, é comum que se diminua a frequência de visitas ao axé raiz, consequência dos afazeres religiosos na rama. Mãe Leide busca conciliar a vivência no terreiro com as atividades profissionais que exerce artisticamente como dançarina, compositora e professora. O fato é que, na maioria dos terreiros que vivem as diferentes formas de sucessão, é comum que o indicado ao posto seja alguém do terreiro, nesse caso, alguém que estivesse ligado diretamente ao axé raiz.

A herança religiosa, segundo os desígnios do orixá *Ogum Xoroquê*, patrono do Ilê Axé Legionirê, e os desejos de Manoel do Xoroquê, correrá a uma neta-de-santo do axé. A discussão

sobre a sucessão é assunto pouco tocado, pois falar dos planos no pós-morte de Manoel é assunto que incomoda a alguns. O fato é que a morte do principal líder e fundador do terreiro causará uma grande instabilidade na estrutura da rama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho busquei analisar e materializar o fenômeno da “rama de terreiro”, fenômeno êmico dos terreiros alagoanos, associado à estrutura do parentesco religioso do terreiro de candomblé que mais se expandiu com suas casas descendentes, o Ilê Axé Legionirê. Sempre tive consciência da complexidade que seria abordar uma construção de uma década de vivência num período curto do curso de mestrado, sem financiamento durante a maior parte do curso, tive que associar as construções acadêmicas às minhas atividades profissionais, muitas vezes tendo que abrir mão de disciplinas por não conciliar com meus horários de trabalho. Durante o meu curso assisti o mundo vivendo a maior crise sanitária de sua história, a pandemia do COVID-19, ao mesmo tempo em que assistia a negligência do governo do país para com a sociedade e a ciência brasileira. Finalizo esse trabalho com o sentimento de que poderia ter feito mais, de que poderia ter obtido um melhor aproveitamento do curso, de que poderia ter entregue mais em minhas escritas, de quem, assim como diversos pesquisadores desse país, foi prejudicado pelo maior descaso político da história do Brasil.

Meu esforço inicial nesse trabalho foi mostrar como o axé do povo de santo alagoano se perpetua em torno de sua história, resistindo no tempo e no espaço, mesmo após episódios que marcaram o Estado, como “O Quebra de Xangô”, ter deixado fortes cicatrizes nas diversas formas de cultos afro-alagoanos. Me tornar filho-de-santo trouxe-me um desafio muito grande, o de me tornar também militante numa luta travada por poucos no Brasil, numa luta contra todo um sistema estruturado para apagar as memórias dos nossos antepassados que construíram esse país.

As construções sobre o surgimento das 28 ramas descendentes do Legionirê me obrigaram a discutir os segredos ritualísticos da religião, segredos esses, que segundo a Professora Larissa Fontes, uma de minhas maiores inspirações acadêmicas, é negociável. Eu trouxe em minhas abordagens as construções em torno do sagrado, fundamentado por minha maior inspiração na antropologia, Clifford Geertz, proponho uma descrição densa do ritual de sacralização dos terreiros rama do Legionirê. Saio dessas escritas com a sensação de que entreguei mais dos segredos do que deveria, porém trazendo categorias antropológicas que tentei me apropriar no decorrer desse curto período de tempo no curso de mestrado.

As abordagens em torno das relações de parentesco religioso refletem o quão é necessária a análise comparativa entre a família-de-santo e a família consanguínea, quando nas diferentes relações entre os filhos-de-santo de cada terreiro da rama nos permite entender o sistema de parentesco que envolve toda a estrutura da raiz Legionirê. Terreiro é lugar de

relações pessoais, de diferentes pessoas, de conflitos, de resoluções de problemas, de amizades, de amor, de fé; terreiro é lugar de envolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras. 1958 [2000].
- BOSSARD, James H. S.; BOLL, Eleonor S. **Ritual in Family/ Living**. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1956.
- BOTT, E. **Family and Social Network**. Londres: Tavistock, 1957.
- ALMEIDA, Mônica Carvalho de. **Os processos de visibilidade e invisibilidade social dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana em Alagoas e sua luta por reconhecimento**. 2022. 174 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- DUARTE, Abelardo. **Catálogo Ilustrado da Coleção Perseverança**. Maceió: DAC/SENEC, 1974.
- FIRTH, Raymond. **Two Studies of Kinship in London**. Universidade London, The Athine Press, P. 94, 1956.
- FLAKSMAN, Clara. “**De sangue**” e “**de santo**”: o parentesco no candomblé. *MANA* 24(3): 124-150, 2018.
- FONTES, Larissa. **Feitura de Santo – Um Registro do Secreto**. Faculdade Integrada Tiradentes, Maceió, 2012.
- FONTES, Larissa. **A Dádiva do segredo: A Negociação do Segredo Ritual nas Religiões Afro-alagoanas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015a.
- FONTES, Larissa. A representação do segredo ritual para as religiões Afro-Alagoanas e suas relações com os meios de registro etnográfico. **Revista Visagem**, ISSN 2446-8290, v. 1, p. 165-197, 2015b.
- FONTES, Larissa. Ética na pesquisa: o trato com o segredo do outro. **Revista Mundaú**. ISSN: 2526-3188, v.2, p. 135-145, 2017.
- FONTES, Larissa. **Um orixá desaparecido: descobertas através de um museu silencioso**. Afro-Ásia, n° 64, pp. 363-399, Salvador – Bahia, 2021.
- FONTES, Larissa. **Um musée silencieux**. La Collection Persévérance et les xangôs du Brésil. Paris, Hémisphères Éditions, Paris, 2022.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOLDMAN, Marcio. “**O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil**”. *Mana: estudos de antropologia social*, n. 18 (2):269-288. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2012.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia**: Um estudo das relações intragrupo. M.A. thesis, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

LIMA, Vivaldo da Costa. "**O Conceito e 'Nação' nos Candomblés da Bahia**". Afro-Asia, 12:65-90, 1976.

MUNIZ, João Paulo Costa Franco; SANTOS, Cirlene Jeane Santos. **A lei 10.639/03 e o resgate do quebra de xangô**: uma trama de intolerância religiosa, racismo e silenciamentos. Diversidade, espaço e relações étnico-raciais discutindo os procedimentos, dúvidas e percursos. 1ed.: Eduneal, 2021.

NOGUEIRA, Oracy. **Família e comunidade**. Rio de Janeiro, MEC/CBPE, 1962.

NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). **Entre arte e ciência**: a fotografia na antropologia. São Paulo: Edusp, 2015, 224p.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **O feitiço de Oxum**. Um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros. Tese (Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia). Salvador: PPGCS/UFBA, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé**: candomblé e umbanda no mercado religioso. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, 2004.

PRANDI, Reginaldo. "**As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio**". Cadernos IHU em Formação, ano VIII, n. 43, 2012.

RABELO, Miriam C. M. **Obrigações e a construção de vínculos no candomblé**. MANA 26 (1), 2020.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô rezado baixo**: religião e política na primeira república / Ulisses Neves Rafael. – São Cristóvão : Editora UFS, 2012.

RAFFESTIN, C. Repères pour une théorie de la territorialité humaine. In: DUPUY, G. **Réseaux territoriaux**. Caen : Paradigme, 1988.

SALLES, Alexandre de. Ibeji: o arquétipo dos gêmeos na tradição afro-brasileira. **Anais do 3º encontro internacional Histórias & Parcerias**. Rio de Janeiro. 2021.

SAMAIN, Etienne; MENDONÇA, Joao Martinho de. Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, vol.43, no.1, p.185-236, 2000.

SERRA, Ordep. **Águas do Rei**. Petrópolis, Vozes, 1995.

SERRA, Ordep José Trindade. 1978. **Na trilha das crianças**: os erês num terreiro angola. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília.

STRAUSS, Claude Lévi. **Raça e História**. São Paulo: Col. Os Pensadores. Abril, 1976.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis, Vozes, 2013, 360pp.

VATIN, Xavier. **Etude comparative de différentes nations de candomblé à Bahia, Brésil**, Tese de Doutorado em Antropologia Social e Etnologia, Paris, EHESS, 2001

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho”. **Revista Estudos e pesquisas em psicologia**, 6(2):152-158, 1973.

VERGER, Pierre Fatumbi, 1902 – 1996. **Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo** / Pierre Fatumbi Verger; tradução Maria Aparecida da Nóbrega. – 6º ed. – Salvador: Corrupio, 2002

APÊNDICE



Album de família
Rama Legionirê Nitã do Xoroquê



Ilê Axé Yaomireci raízes

Legionirê

Ilê Axé Obadejú raízes
Legionirê

Ilê Axé
Oyáajéikú raízes
Legionirê

Ilê Axé Oxum Yá
Manadeci raízes
Legionirê

Ilê Axé Oyá Nijéepô
raízes Legionirê

Ilê Axé Locemim
raízes Legionirê

Ilê Axé Obá Godô
Lejò raízes
Legionirê

Ilê Axé Yá Omim
Oxum Labomim raízes
Legionirê

Inzó Kafunanguêcy
Itaofaronim raízes
Legionirê

Ilê Axé
Obabiarã
raízes Legionirê

Ilê Ologunedé Asé Iypondá
Ifé Omim raízes Legionirê

Ilê Axé Omim
Ogunté raízes
Legionirê

Ilê Axé Yaorô
raízes Legionirê

Ilê Axé Obalafim raízes
Legionirê

Ilê Axé
Sabadeomim
raízes Legionirê

Ilê Asé Omó Olú
Aiyê raízes
Legionirê

Ilê Axé Obánicosô
raízes Legionirê

Ilê Axé Obá Osùn
Orum raízes
Legionirê

Ilê Axé Odé Akuerã
raízes Legionirê

Ilê Axé Yalodê
raízes Legionirê

Ilê Axé Ala Acorô
Onín Já raízes
Legionirê

Ilê Axé Oyá Funjelé
Orominã raízes
Legionirê

Ilê Axé
Yakelomimpandá raízes
Legionirê

Ilê Axé Yapandalomim
Ofaquerùm raízes
Legionirê

Ilê Axé Oyá
Carangirê raízes
Legionirê

Ilê Axé Omiofanicurã
raízes Legionirê

Ilê Axé
Yakarebomim
raízes Legionirê

Raiz Legionirê



Pai Manoel do Xoroquê - anos 1980

Terreiro do bairro Poço/ Maceió-AL.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Mércia de Oyá.



Pai Baiá cortejando Ogum Xoroquê

Terreiro do bairro Poço/ Maceió-AL.

Festividade para Ogum Xoroquê.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Mércia de Oyá.



**Manoel do Xoroquê cortejando a Oxum
de Neyder Henrique**

Terreiro do bairro Poço/Maceió-AL.

Festividade para Ogum Xoroquê.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Mércia de Oyá.



**Manoel do Xoroquê cortejando a Oxum de
Mãe Angela**

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Pai Baiá puxando o rum de Oxum

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.

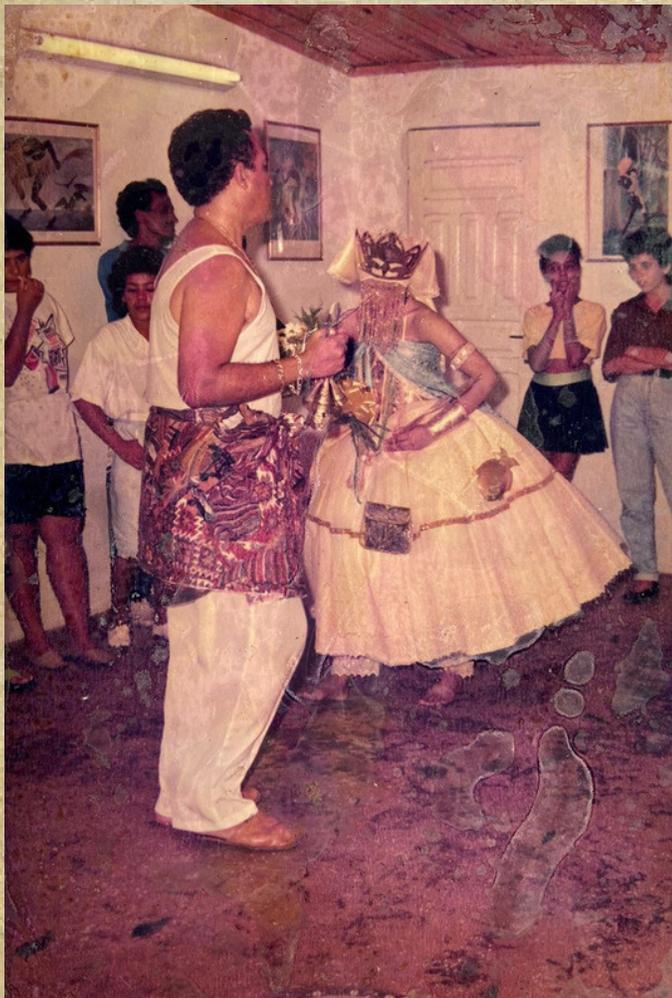


Pai Baiá e Oxum Yepondá

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Pai Baiá puxando o rum de Oxum

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Rum de Oxum no terreiro de mina redonda

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Oxum e os familiares de Mãe Angela

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Pai Baiá puxando o rum de Oxum

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Oxum de Mãe Angela

Terreiro de Pai Baiá, no bairro Vergel/Maceió-AL.

Saída de yaô de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Rum de Oxum de Mãe Angela

Terreiro de Pai Marcos Aparalomim, no bairro

Bebedouro/Maceió-AL.

Saída de deká de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



O bailar na mina da Oxum de Mãe Angela

Terreiro de Pai Marcos Aparalomim, no bairro
Bebedouro/Maceió-AL.

Saída de deká de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Oxum de Mãe Angela em seu deká

Terreiro de Pai Marcos Aparalomim, no bairro
Bebedouro/Maceió-AL.

Saída de deká de Mãe Angela de Oxum.

Fotografia de arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Oxum de Mãe Angela nos anos 1990

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió- AL.

Festividade de Oxum.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Ayrá de Mãe Zazy nos anos 1990

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió- AL.

Festividade das Águas de Oxalá.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Rum do Ayrá de Mãe Zazy

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito

Bentes/ Maceió- AL.

Festa das Águas de Oxalá.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Mãe Angela com Ayrá de Mãe Zazy

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito

Bentes/ Maceió- AL.

Festa das Águas de Oxalá.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Oxum de Mãe Angela

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/
Maceió- AL.

Festividade para Nanã.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Rum de Oxum de Mãe Angela

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito
Bentes/ Maceió- AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Orixás dando rum

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito
Bentes/ Maceió- AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Rum de Oxum

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito
Bentes/ Maceió- AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Angela de Oxum.



Dona Rosa Caveira, pombogira de Pai Manoel
Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/
Maceió- AL.
Festividade para Exú.
Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Mércia de Oyá.



Entrega de deká de Mãe Mabeleci
Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito
Bentes/ Maceió- AL.
Deká de Mãe Mabeleci.
Fotografia do arquivo pessoal de Mãe Mabeleci.



Manoel do Xoroquê e Oxóssi de Pai Wassington, em sua iniciação

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió- AL.

Saída de yaô de Oxóssi.

Fotografia do arquivo pessoal de Pai Wassington.



**Pai Manoel do Xoroquê cortejando a Oyá de Mãe Zezé,
Yakekerê do axé raíz.**



Festa para orixás no terreiro antigo



Manoel do Xoroquê entregando deká de Mãe Kal



Roda de lemanjá na Festa das Águas - Maceió/AL



Festa das Águas de Oxalá no Ilê Axé Legionirê



Manoel do Xoroquê na Festa das Águas - Maceió/AL



Pai Gil da Oyá Funan

Terreiro de Pai Gil da Funan, no Bairro Santa Lúcia/ Maceió-AL.

À esquerda festa de Oyá, à direita festa de Exú.

Imagens de arquivo pessoal de Mãe Preta.



Festa de Ogum Xoroquê no Ilê Axé Legionirê, Benedito Bentes/Maceió-AL - 2023





Mãe Angela e Manoel do Xoroquê na mojuba aos orixás

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió- AL.

Festividade para Ogum Xoroquê.

Fotografia feita por Eslen Toledo.



**Ogum Xoroquê incorporado em Manoel, sendo
cortejado por mim, Ogã Kojainlé**

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió- AL.

Festividade para Ogum Xoroquê.

Fotografia feita por Eslen Toledo.



Mãe Angela, Mãe Leide Serafim e Manoel do Xoroquê,
na mojuba aos orixás

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió- AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia feita por Eslen Toledo.



Festa de Oxum no Ilê Axé Legionirê no ano de 2023

Terreiro de Manoel do Xoroquê, no bairro Benedito Bentes/ Maceió-
AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia feita por Eslen Toledo.



Ilê Axé yapandalomim Ofaquerúm raízes Legionirê



Ilê Axé Oyácarangirê raízes Legionirê



Ilê Axé Omiofanicurán raízes Legionirê



Ilê Axé Oyáfunjelé Orominan raízes Legionirê



Ilê Axé Yákarebomim raízes Legionirê



Ilê Axé Jexaorô raízes Legionirê



Ilê Asé Omo Olú Aiyê raízes Legionirê



Ilê Axé Sabadeomim raízes Legionirê



Ilê Axé Odé Akueran raízes Legionirê



Ilê Axé Oyáajeikú raízes Legionirê



Ilê Axé Locemim raízes Legionirê



Funções no Ilê Axé Locemim raízes Legionirê



Ogum Xoroquê de Pai Manoel



Ilê Axé Obalafim raízes Legionirê



Mãe Carla de Oxum e Pai Gel de Logunedé



Ilê Ologunedé Asé Iypondá Ifé Omim
Raízes Legionirê

Ilê Axé Yakelomimpandá raízes Legionirê - Casa de Oxum



Oxum Yepondá de Mãe Angela

Terreiro de Mãe Angela de Oxum, no bairro Village Campestre/ Maceió- AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia feita por Day Fidelis.



Oxum Yepondá de Mãe Angela

Terreiro de Mãe Angela de Oxum, no bairro Village Campestre/ Maceió- AL.

Festividade para Oxum.

Fotografia feita por Day Fidelis.



Xangô de Mãe Dete abraçando Mãe Angela

Terreiro de Mãe Angela de Oxum, no bairro Vilage
Campestre/ Maceió- AL

Festividade para Ogum, fotografia feita por Day Fidelis.



Oxóssi de Mãe Leide Serafim

Terreiro de Mãe Angela de Oxum, no bairro Vilage
Campestre/ Maceió- AL, festividade para Ogum, fotografia

feita por Day Fidelis.



Ogun da Yaefún, Mãe Oyáfeletogú, sendo cortejado.



Xangô da Yaô Obágbanã



Cortejo do presente para Oxum por Mãe Angela, eu e Ojú obá Ayrálossanã



Babakekerê do Ilê, Oluazê, e Mãe Angela



Ekedy Andressa reverenciando o orixá Oxum



Rum de Ogum cortejado por ekedy Mucumbi



Filhos-de-santo do terreiro, em destaque, Mãe Roberta de Oxum, a primeira iniciada por Mãe Angela.



Obaluaiê de babakekerê Oluazê, cortejado por mim



Mãe Angela cortejando Xangô



Yaôs e abians do terreiro



Êrês do terreiro em festividade



Filhos-de-santo do terreiro e visitantes.

"Sem folha não tem axé e sem raiz não existe folha. Essa
planta ramificou." (Pai Manoel do Xoroquê)